Sílvio de Almeida Toledo Neto

LIVRO DE JOSÉ DE ARIMATÉIA (LISBOA, AN/TT, LIVRARIA, CÓD. 643):

CAMADAS LINGÜÍSTICAS DA TRADUÇÃO IBÉRICA AO TRASLADO QUINHENTISTA

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Megale

São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

2001

À Alice e ao Manuel,

A meus pais,

A meus irmãos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais que, como professores universitários, incentivaram-me não só a seguir a carreira acadêmica, como também a perseguir sempre os meus ideais.

O incentivo que, de diversas formas, deram a Alice e o Manuel Antônio, foram de fundamental importância para a elaboração e conclusão deste trabalho.

Sou grato também a todos os professores que conheci ao longo da pesquisa com a Matéria da Bretanha, dentre os quais sou especialmente grato a Fanni Bogdanow, cujo trabalho marcou profundamente o meu crescimento dentro dos estudos arturianos.

O agradecimento que faço ao Prof. Dr. Heitor Megale não se resume ao apoio e estímulo durante o período de realização deste trabalho, mas abrange um longo período que se estende desde a graduação, quando foi lançada a semente dos estudos arturianos que viriam a frutificar, posteriormente, neste e em outros trabalhos.

mas an osa estorea que por abocade Jhesu cristo foy na terra em viada nom metera em Joam vivas hũ pomto de falsydade

(*LJA*, f.° 123r)

Eporem por aletra cõ amuyta antiguidade nõ ser tam legivel 2asi por muitos bocabulos irem na antiguidade Daquelle tẽpo que agora inẽteligiueis nos parecẽ. tomei Disto por escudo vossa muita clemẽcia 2 beninidade que Deste temor me Defenderaõ Edo que tenho Dealgũs Dizerẽ esta minha ousadia.ser temeraria.

(*LJA*, f.°1v)

Receba. v. a. este pequeno seruiço 2 eliga pessoa que ho emẽde 2ponha em milhor estillo por que como Dise Delle nõ mudei senã hos vocabulos inẽteligiueis.que hos que se podem ẽtender na antiguidade Daquelle tempo os leixei hir.

(*LJA*, f.°1v)

Livro de José de Arimatéia (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643):

Camadas lingüísticas da tradução ibérica ao traslado quinhentista

Resumo

O *Livro de José de Arimatéia* (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643) foi executado entre 1543 e 1544. É cópia de um códice de 1314, o qual, por sua vez, deriva da tradução da *Estoire del Saint Graal*, realizada em Portugal, em meados do século XIII, juntamente com as duas outras partes do ciclo da *Post-Vulgata*. A leitura do *Livro de José de Arimatéia* deixa nítida a impressão de que é uma obra composta de diferentes camadas lingüísticas, uma vez que o texto quinhentista passou por um processo de modernização que, no entanto, não foi completo. A convivência de diferentes estratos lingüísticos é perceptível sob diferentes enfoques, como são o grafemático, o morfológico, o sintático e o lexical. Com o objetivo de comprovar que o *Livro de José de Arimatéia* apresenta camadas lingüísticas da época da tradução até a da cópia que se conserva na Torre do Tombo, fazemos levantamento e análise de fatos lingüísticos que vêm a comprovar a hipótese tratada até agora de forma pontual pela literatura especializada, de que no *Livro de José de Arimatéia* existem marcas gramaticais e itens lexicais que configuram duas camadas lingüísticas de épocas diferentes.

Abstract

The *Livro de José de Arimatéia* (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643) was written between 1543 and 1544. It is a copy of a codex dating from 1314, which derives from the translation of the *Estoire del Saint Graal*, made in Portugal, on the XIIIth century, along with the two other parts of the *Post-Vulgate* cycle. Reading the *Livro de José de Arimatéia* turns evident that it is a work composed by different linguistic layers, since the XVIth century text has passed through a modernization process, that has not been completed. The coexistence of different linguistic layers is perceptible in distinct levels, such as graphematic, morphological, sintactic and lexical. Our aim is to prove that the *Livro de José de Arimatéia* presents linguistic layers from the time of its translation and from the time of the copy preserved in the Torre do Tombo. We conclude that there are linguistic facts and lexical items based on which it is possible to distinguish linguistic layers from two different periods.

Sumário

Introdução 12

Primeira parte
Uma tradição literária

Capítulo 1 - As origens da lenda arturiana 18

Capítulo 2 - A Matéria da Bretanha 28

Capítulo 3 - A *Vulgata* e a *Post-Vulgata* 34

Segunda parte
O *Livro de José de Arimatéia*
(Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643)

Capítulo 1 - Um pouco da Históra do códice 48

Capítulo 2 – Descrição do códice 53
1. Aspecto codicológico 53
1.1 *Incipit, explicit* e cólofon 53
1.2 Suporte: natureza e disposição 55
1.3 Preparo e apresentação dos fólios 58
1.4 Decoração e encadernação 60
2. Aspecto paleográfico 62
2.1 Letras e abreviaturas 62
2.2 Copistas 67

2.3 Títulos de capítulos 69
2.4 Emendas e revisões 73

Terceira parte

Exame das camadas lingüísticas do *Livro de José de Arimatéia*

Capítulo 1 – Aspecto grafemático 80
1. Hiatos resultantes de quedas de consoantes 80
2. Terminações nasais 83
3. Ditongos decrescentes 86

Capítulo 2 – Aspecto morfológico 88
1. Substantivo 88
1.1 A oscilação de gênero dos substantivos 88
2. Adjetivo 90
2.1 Particípios em *–eito* em função de adjetivo 90
2.2 Adjetivo de gênero feminino terminado em *–dor* 92
3. Numeral 92
3.1 Numerais multiplicativos 92
4. Verbo 93
4.1 Formas verbais com a conservação de *-e* final 93
4.2 Formas verbais da segunda pessoa do plural com o sufixo número-pessoal *–des* 93
4.3 Particípio passado em *–udo* 100
4.4 Formas verbais ora incoativas ora não-incoativas 101

Capítulo 3 – Aspecto sintático 103
1. Emprego de *homem* como sujeito indeterminado da oração 103
2. Concordância de particípio com objeto direto 104
3. Negação dupla 106
4. Preposição *de* em sentido partitivo 110

5. Regências verbais não mais usadas atualmente 111
6. Repetição de conjunção integrante 113

Capítulo 4 – Aspecto lexical 115
1. Substantivo 115
1.1 Substantivos de uma camada lingüística mais antiga 115
1.2 Formas diferentes de substantivos com apagamento posterior de uma delas 126
1.3 Substantivos de uma camada lingüística mais nova 134
2. Adjetivo 135
2.1 Adjetivos de uma camada lingüística mais antiga 135
2.2 Adjetivos de uma camada lingüística mais nova 142
3. Numeral 143
3.1 Numerais de uma camada lingüística mais antiga 143
3.2 Formas diferentes de numerais com apagamento posterior de uma delas 144
4. Pronome 145
4.1 Pronomes de uma camada lingüística mais antiga 145
4.2 Formas diferentes de pronomes com apagamento posterior de uma delas 148
5. Verbo 156
5.1 Verbos de uma camada lingüística mais antiga 156
5.2 Formas diferentes de verbos com apagamento posterior de uma delas 164
5.3 Verbos de uma camada lingüística mais nova 167
6. Advérbio 168
6.1 Advérbios de uma camada lingüística mais antiga 168
6.2 Formas diferentes de advérbios com apagamento posterior de uma delas 169
7. Preposição 172
7.1 Preposições de uma camada lingüística mais antiga 172

7.2 Formas diferentes de preposições com apagamento posterior de uma delas 173
8. Conjunção 175
8.1 Conjunções de uma camada lingüística mais antiga 175
9. Galicismos arcaicos 180

Conclusão 182

Fac-símiles do manuscrito 188

Bibliografia 199

Introdução

Quem lê o *Livro de José de Arimatéia* (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643) tem a nítida a impressão de que está diante de uma obra, cujo texto mistura tecido lingüístico da época do códice a outro mais antigo. Esse fato já havia chamado a atenção de estudiosos, dentre os quais, Nunes (1908:226), para quem o texto mais antigo seria datável do século XIII:

> Uma leitura attenta faz-nos ver a grande semelhança que a sua [do *Livro de José de Arimatéia*] lingua apresenta com a dos trovadores; a collocação das palavras, as formas d'estas e até alguns archaismos estão-nos a dizer que o copista do seculo XVI, embora procurasse pôr-lhe o estilo e dição ao corrente da epoca, deixou vestigios bem visiveis do exemplar que tinha ante os olhos, quiçá copia tambem de outro mais antigo.

Mais recentemente, retoma a questão Ivo Castro (1991:179), ao afirmar que o *Livro de José de Arimatéia*

> nos oferece, misturadas, duas camadas linguísticas distantes, pelo menos, dois séculos. Mais uma vez, importa tentar separá-las, para não criar perturbações diacrónicas.

Essas constatações comprovam a percepção da existência de camadas lingüísticas, fato que se tornou progressivamente mais claro desde nossas

primeiras leituras e constitui-se, a partir de então, em hipótese referencial a orientar nossa pesquisa. E nesse percurso enveredamos, primeiramente, pelo complexo emaranhado de variantes gráficas do texto, de que estudamos tópicos em nossa iniciação científica, intitulada *O Livro de José de Arimatéia, códice 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo: leitura e pesquisa do vocabulário*, entre os anos de 1990 e 1992. Posteriormente, em 1996, defendemos dissertação de mestrado intitulada *Variação grafemática consonantal no Livro de José de Arimatéia* (Cod. ANTT 643), quando, de modo mais amplo, examinamos a variação na representação gráfica de algumas consoantes do *Livro de José de Arimatéia*. A par desses trabalhos, desde 1993 o estudo arturiano também vem frutificando em trabalhos apresentados no país, como ocorre nos seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, e também fora do país, nos congressos da Arthurian Society, havendo, como resultado, publicações dos textos no país e no exterior.[1]

---

[1] TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Liuro de Josep Abaramatia and the works of Robert de Boron (1993). *Quondam et Futurus,* Memphis State University, v. 3, p. 36-45. 1993; TOLEDO NETO. Sílvio de Almeida, et al. A leitura de textos antigos. *Estudos lingüísticos*; anais de seminários do GEL. v. 25, p. 539-547, 1996; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Em demanda das origens de Artur. *Revista USP*, v. 30, p. 324-334, junho/julho/agosto, 1996; TOLEDO NETO. Sílvio de Almeida, et al. A leitura do texto antigo. *Estudos lingüísticos*; anais de seminários do GEL, v. 26, p. 74-83, 1997; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Variação gráfica de algumas consoantes sibilantes do *Livro de José de Arimatéia* (Cod. ANTT 643). *Estudos lingüísticos*, v. 27, p. 876-881, 1998; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Variação do morfema número-pessoal de 2.ª pessoa do plural no *Livro de José de Arimatéia. Estudos lingüísticos*, v. 28, p. 194-199, 1999; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Aspectos da variação gráfica no português arcaico: as variantes consonantais no *Livro de José de Arimatéia* (COD. ANTT 643). In: *I Seminário de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p. 55-63, 1999; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Breve notícia da matéria arturiana anterior às traduções ibéricas da *Post-Vulgata*. In: *Textos medievais portugueses e suas fontes*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p.129-156, 1999; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Dêiticos demonstrativos no *Livro de José de Arimatéia. Estudos lingüísticos*, v. 29, p. 387-392, 2000.

A leitura atenta que vimos fazendo desde os primeiros estudos com o *Livro de José de Arimatéia* revela que a convivência de diferentes estratos lingüísticos é perceptível sob diferentes enfoques, como são o grafemático, o morfológico, o sintático e o lexical. Tal constatação desperta o interesse em levantar evidências que venham a corroborar, de forma mais clara e sistemática, tal hipótese, pois encontramos na literatura especializada somente exemplos pontuais de fatos lingüísticos que delimitam as camadas lingüísticas do texto.

É proposta do presente estudo, pois, comprovar que o *Livro de José de Arimatéia* apresenta camadas lingüísticas da época da tradução até a da cópia que se conserva na Torre do Tombo.

Como podemos constatar, trata-se de um estudo eminentemente lingüístico que, no entanto, pode ser avaliado de forma adequada somente se considerarmos - e, portanto, o relacionarmos claramente - com as coordenadas que tornem possível conhecer a história textual e em que situação foi escrito o texto e, conseqüentemente, qual o dialeto ou dialetos que estão com ele relacionados, levando em conta, ainda, o tipo do texto em questão e a sua temática. Realizamos este nosso estudo, portanto, sob este enfoque mais amplo.

Para atingir o objetivo proposto acima dentro desse enfoque mais amplo, procuramos, na primeira parte, situar o *Livro de José de Arimatéia*, considerando as origens da lenda arturiana, a Matéria da Bretanha e as obras de Robert de Boron, além do ciclo da *Vulgata*, do *Tristan en prose* e do ciclo da *Post-Vulgata*. A seguir, na segunda parte, tratamos especificamente do *Livro de José de Arimatéia* português, considerando a sua história, características codicológicas e aspectos paleográficos. Na terceira parte, procuramos mostrar os aspectos

lingüísticos que comprovam a coexistência de camadas lingüísticas no *Livro de José de Arimatéia*.

O estudo das camadas lingüísticas do *Livro de José de Arimatéia*, se considerado de um ponto de vista mais amplo, insere-se, a nosso ver, em uma das questões atuais sobre o português europeu numa perspectiva histórica, elencadas por Mattos e Silva (2000:23), que é a da passagem do português aracaico para o moderno. Dada a importância que a questão representa dentro dos estudos diacrônicos, reproduzimos, a seguir, a passagem na qual é proposta:

> Todos sabemos que, na História do mundo ocidental, são considerados tempos modernos aqueles que se iniciam na passagem do século XV para o XVI. No caso da Península Ibérica e, muito especialmente no caso português, sem dúvida, 1498 e 1500 são inícios de novos tempos, só então se cumpria o antigo projeto de inícios do século XV, com a vitória sobre a rota marítima para as Índias e com o vitorioso domínio da navegação no Atlântico Sul e conseqüente chegada ao futuro Brasil. Será então adequado dizer que o português arcaico acaba ao acabar o século XV?

Considerado, portanto, o estudo lingüístico dentro dessa perspectiva mais ampla, podemos afirmar que há grande interesse em delimitar as camadas lingüísticas do *Livro de José de Arimatéia* não só por a sua separação constituir mais um aspecto que caracteriza o códice estudado, mas também porque pode contribuir para a reconstrução de aspectos do português arcaico e do português moderno e esclarecer o modo como a língua evoluiu entre esses dois períodos.

Primeira parte

Uma tradição literária

A compreensão do que sejam a gênese e o desenvolvimento da lenda arturiana tem sido possível graças a minucioso trabalho de levantamento e reconstrução das relações entre os textos que constituem este processo, iniciado em Gales, no século VI, por crônicas de cunho religioso e histórico, e por relatos fabulosos, elaborados durante o período de aproximadamente seis séculos que antecede a composição da primeira "biografia" de Artur, a qual é o ponto de partida de um período caracterizado pela tradução, expansão e entrelaçamento da matéria arturiana; este processo culminará, no século XIII, com os grandes ciclos de romances de cavalaria compostos na França e, ao mesmo tempo, com a ramificação da matéria arturiana por países localizados desde o norte até o sul da Europa (cf. Bohler 1989:XXXVII-XLIII).

Com o propósito de localizar o *Livro de José de Arimatéia* dentro da tradição literária em que se insere, o que é fundamental para a compreensão do material lingüístico que constitui objeto de nosso estudo, seguimos, nesta parte, a trajetória de difusão da lenda arturiana, não considerando todos os textos envolvidos no processo, mas somente os mais relevantes, realizando, portanto, um levantamento sumário da matéria textual que teria contribuído para a formação dos romances arturianos em prosa redigidos em português na Idade Média.

Começamos por tratar das origens da lenda arturiana no capítulo 1, passamos, em seguida, à constituição da Matéria da Bretanha, no capítulo 2, considerando, no capítulo 3, os ciclos de romances arturianos da *Vulgata* e da *Post-Vulgata*, assim como a tradução ibérica da *Post-Vulgata*.

Capítulo 1

As origens da lenda arturiana

Segundo os documentos arturianos mais confiáveis, do ponto de vista histórico, existe evidência plausível de que Artur era um renomado soldado bretão, mais provavelmente um grande comandante do que um rei, que travou batalhas na primeira parte do século VI ou na passagem do século V para o século VI, principalmente contra os invasores anglo-saxões (cf. Alcock 1990:89).

O relato clássico sobre este período de anglicização da Grã-Bretanha é feito por Gildas (antes de 504-570), clérigo escocês ativo em Gales no século VI, que redigiu, por volta de 540, uma *epistola* ou *admonitio* intitulada *De excidio et conquestu Britanniae*, título que se refere à destruição causada pela ocupação dos saxões de parte da Grã-Bretanha, o que teve início no século V. Esta obra, baseada tanto em fontes identificáveis como em tradições locais não verificáveis, divide-se em quatro secções. A secção A é uma introdução em que Gildas expõe o seu tema: os pecados de governantes e eclesiásticos contemporâneos e os infortúnios dos antepassados da geração presente, por causa de seus pecados. Na secção B, descreve-se a história da Grã-Bretanha desde o período da dominação romana até os dias de Gildas, visando a ilustrar o tema principal. Na secção C, registra-se a denúncia dos reis e da autoridade secular, a qual começa com a diatribe contra cinco reis contemporâneos da Grã-Bretanha ocidental e citações da Escritura que

denunciam ou alertam. Finalmente, a secção D ataca as autoridades eclesiásticas (cf. Alcock 1990:24).

Do ponto de vista arturiano, o valor da obra está no relato do período imediatamente anterior ao nascimento de Gildas, quando é descrita a devastação da Grã-Bretanha pelos bárbaros do oeste e do norte. Conta-se que o último erro dos romanos foi não responder ao apelo de socorro dos bretões. Então, sob a ameaça de novas invasões vindas do norte, os bretões, sob a liderança de um *superbus tyrannus* ("goverante preeminente") não nomeado, decidem convocar os saxões, desde o mar do norte, para fixar-se na Grã-Bretanha e auxiliá-los. A seguir, conta-se que os muitos mercenários saxões haviam se revoltado pela falta de suprimentos e estavam devastando toda a Grã-Bretanha e atravessando o mar do oeste, rumo à Armórica, o que continuou a ocorrer até que, sob a liderança de um general romano, Ambrósio Aureliano, os bretões obtêm a vitória no cerco de monte Badon, ocorrido por volta de 500, episódio em que o Artur histórico – apesar de não nomeado por Gildas – poderia ter participado e que coincide com o ano de nascimento de Gildas, a partir de quando se estabelece paz duradoura para os bretões, a qual dura pelo menos até a época em que Gildas escreve o seu texto (cf. Alcock 1990:26; Ashe 1991c:195; Bogdanow 1994:180; Lacy & Ashe 1988:14).

No entanto, há prova de que, no século VI, Artur já se havia tornado modelo de valor bélico a ser imitado, o que pode reforçar duas idéias opostas: Artur foi personagem histórica autêntica ou figura idealizada. Referência a Artur como modelo de valor bélico encontra-se na referência de *Y Gododdin*, série de lamentações composta pelo bardo Aneirin para um grupo de nobres bretões que se reuniram no reino de Manau Guotodin, perto de Edinburgh e foram para Catraeth,

ao sul, onde pereceram bravamente numa batalha contra os anglos. Os versos que celebram os feitos do guerreiro Gwawrddur dizem que era hábil em matar os inimigos, embora não fosse Artur, considerado aqui como guerreiro de coragem exemplar. Este poema foi composto provavelmente no final do século VI, mas parece que só foi escrito no século IX, tendo sido transmitido oralmente antes dessa época (cf. Alcock 1990:72; Ashe 1991d:203; Lacy & Ashe 1988:29).

No século VIII, mais precisamente em 731, o relato de Gildas seria aprimorado por Beda, o venerável (c. 672-735) em sua *Historia ecclesiastica gentis anglorum*, obra que relata fatos históricos referentes à Grã-Bretanha, compreendidos no período entre 55 a.C. e 731, como a invasão germânica e o cerco de monte Badon, além da menção dos nomes dos líderes saxões, os irmãos Hengist e Horsa, e do rei que convidou os saxões a aportarem na Grã-Bretanha, Vortigern. O texto de Beda serviria de fonte para autores posteriores, como Geoffrey of Monmouth e Layamon (cf. Alcock 1990:90; Galyon, 1991:33; Lacy & Ashe 1988:17; Vizioli 1992:29).

Pouco depois do ano 800, no mosteiro de Bangor, ao norte de Gales, redigiu-se a obra denominada *Historia brittonum*, um compêndio de matéria para a história da Grã-Bretanha, compilado por autor desconhecido com base em Gildas e Beda, entre outras fontes, mas atribuído por dois grupos de manuscritos respectivamente a Gildas e Nennius. Como a atribuição a Gildas é impossível, porque o texto inclui acontecimentos ocorridos no século VII, muito posteriores à sua morte, concorda-se geralmente que Nennius participou da elaboração do texto como autor ou compilador. A versão principal é uma cópia feita em letra do início do século XII, contida no ms. Harley 3859 da British Library (cf. Alcock 1990:32; Ashe 1991f:342).

Nennius, portanto, descreve inicialmente o povoamento das ilhas britânicas, feita em parte por troianos. Segue-se a descrição do período romano da Grã-Bretanha e, após a morte do imperador Maximus, apresenta-se o governante Vortigern, rei durante um período vago de quarenta anos após o fim da Grã-Bretanha romana, que abriu as portas aos saxões e participou de acontecimentos fabulosos como a tentativa de construir uma cidadela nas montanhas de Snowdonia, ocasião em que a personagem de Ambrósio prefigura a do mago e profeta Merlim. Segue-se a secção conhecida modernamente como *Arturiana*, além das *Genealogias ânglicas* e da história do norte da Grã-Bretanha. Na *Arturiana*, única secção em que Artur aparece, relatam-se as doze batalhas dos bretões contra os saxões, que culminam com a décima segunda batalha, em Monte Badon, na qual são vitoriosos os bretões sob a liderança de um *dux bellorum* – comandante de batalhas – chamado Artur, que luta ao lado dos reis bretões. Destaca o papel de Artur como cristão o fato de ter carregado em seus ombros a imagem da Virgem Maria na oitava batalha, em Forte Guinnion, e percebemos o cunho poético da narrativa na declaração de que Artur matou sozinho novecentos e sessenta inimigos na batalha de monte Badon (cf. Megale 1989:1; Alcock 1990:34, 68, 71; Ashe 1991f:342).

Anexo à *Historia brittonum*, encontra-se uma lista de *Mirabilia*, ou : "Maravilhas da Grã-Bretanha", que são de caráter fabuloso. Dentre elas, incluem-se duas maravilhas referentes a Artur: o Carn Cabal sobre Buith Wells, centro-sul de Gales, onde uma pedra tem pegada do cão de Artur e volta ao lugar se é retirada, e a sepultura de Amr, filho de Artur, localizada no antigo distrito de Ercing, a qual, toda vez que se mede, tem um tamanho diferente. A menção destas maravilhas indica a associação de Artur a contos fabulosos já no século IX, o que

também evidencia um poema do século seguinte, intitulado *The spoils of Annwfn* (c. 900), atribuído ao bardo Taliesin, que descreve uma viagem da Artur e seus companheiros ao Além em busca de um caldeirão mágico. Artur navega com seus companheiros em seu barco Pridwen por uma região de canais, ilhas e extraordinários fortes. Três barcos de guerreiros fazem a viagem, mas somente sete homens retornam (cf. Lacy 1991c:428).

Muito mais próximo do registro histórico que do aspecto fabuloso, no entanto, é um documento que, por sua natureza, parece ser contemporâneo dos eventos que descreve, devendo ter sido composto entre 960 e 980, intitulado *Annales Cambriae*, o qual está ligado à *Historia brittonum* no ms. Harley 3859. Trata-se de uma lista de acontecimentos referentes a 533 anos, copiada de crônicas mais antigas, começando no ano 1, que é na verdade o ano 447 da era cristã, e contendo acontecimentos anotados em alguns anos. Há duas entradas referentes a Artur: a primeira ocorre no ano 72 do ciclo (c. 518), quando se registra a batalha de Badon, em que Artur carregou a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo por três dias e três noites em seus ombros, e os bretões foram vencedores. A segunda entrada ocorre no ano 93 do ciclo (c. 539), onde se registra o conflito de Camlann, em que Artur e Medraut pereceram, sem se afirmar se ambos eram parentes, ou se Medraut traiu Artur, ou mesmo que lutaram de lados opostos (cf. Alcock 1990:45; Ashe 1991a:8; Lacy & Ashe 1988:22).

No entanto, a única dentre as primeiras narrativas históricas em que Artur é mencionado claramente, sem toques ambíguos ou fantásticos, é a *Legenda Sancti Goeznovii*, escrita certamente na Bretanha por um clérigo de nome William, em 1019. Aspecto muito importante do texto é fornecer o resumo mais cuidadoso e preciso que há entre documentos a ele equivalentes quanto aos

acontecimentos ocorridos durante o século V, na Bretanha. O prólogo do texto relata os primórdios da colonização bretã na Armórica, antes do século V, seguindo-se a referência a acontecimentos que resultaram na migração de santos da Grã-Bretanha: conta-se que Vortigern introduziu auxiliares saxões no reino da Grã-Bretanha, que infligiram muito sofrimento aos bretões. Mas, por volta de 460, os saxões foram rechaçados e submetidos por Artur, rei dos bretões, cujas vitórias se estenderam até a Gália. Então Artur foi "convocado da atividade humana", o que significa sua morte ou fim incerto. A partir daí, abriu-se caminho para nova invasão dos saxões à Grã-Bretanha, a qual devastaram por longo período, ora martirizando numerosos santos homens, ora impelindo-os para a Bretanha. O texto, portanto, faz um relato que concorda com os fatos históricos e, apesar de ter sido escrito em data muito posterior aos acontecimentos, o que impediria a sua consulta como documento histórico, garante o respeito à tradição em que se baseia pela sua correção substancial (cf. Ashe 1991e:204; Lacy & Ashe 1988:44; White 1997:12).

A par da matéria que traz alguma base histórica, continuam desenvolvendo-se textos mais fabulosos do que históricos, os quais podem basear-se em pouca matéria autêntica acrescentada de muitas informações de cunho ficcional. É o que se pode constatar em textos redigidos por volta de 1050, como os constantes do *Mabinogion* e as vidas de santos galeses.

O *Mabinogion* é uma coleção de onze contos galeses, que podem ser divididos em três grupos distintos. Artur aparece no *Culhwch and Olwen*, importante conto galês conservado integralmente no *Livro Vermelho de Hergest* (c. 1400) e parcialmente no *Livro Branco de Rhydderch* (c. 1325). Conta-se que o herói Culhwch deve cumprir diversas tarefas aparentemente impossíveis para

casar-se com Olwen, filha do gigante Ysbaddaden. Com a ajuda de Artur e de seus homens, as tarefas são cumpridas, o gigante é morto e Culhwch casa-se com Olwen (cf. Lacy & Ashe 1988:34; Ford 1991:104; White 1997:7).

Além da *Legenda Sancti Goeznovii*, que faz a primeira menção "histórica" de Artur, existem ainda compilações tardias de vidas de santos, produzidas no mosteiro de Llancarfan em Glamorgan, que citam Artur: a de S. Cadoc, a de S. Carannog, a de S. Iltud, a de S. Padarn e a de S. Gildas (cf. Ashe 1991:394; Lacy & Ashe 1988:24; White 1997:13).

A difusão de narrativas fabulosas sobre Artur não impede, no entanto, que surjam obras de cunho mais histórico, como *Gesta regum anglorum*, escrita em 1125 na abadia de Malmesbury pelo monge William (c. 1095-1143), em que se registram três menções do nome de Artur: quando ajuda, como general, Ambrosius Aurelianus na batalha contra os saxões, quando vence os saxões no cerco de monte Badon onde, com a imagem da Virgem Maria em sua armadura, derrota sozinho novecentos inimigos e quando se observa que, apesar de a sepultura de Walwen, sobrinho de Artur, já haver sido descoberta durante o reinado de William I, a sepultura de Artur ainda não havia sido descoberta (cf. Megale 1989:1; Madison 1991:514; White 1997:22).

A criação de uma biografia "oficial" de Artur que suprisse as lacunas deixadas pelos textos escritos até então surgiria somente com a *Historia regum Britanniae*, obra de Geoffrey of Monmouth, clérigo e depois bispo galês, acabada entre 1136 e 1138. Nesta obra, Artur é transformado de chefe militar, cujo maior feito é ter vencido os saxões, em rei que trava batalha contra os romanos, porque deseja dominar o mundo inteiro. É descrito como um homem cheio de virtudes, principalmente a liberalidade (cf. Hammer 1951: text C, liber IX, § 1, p. 151-152):

> Defuncto igitur Uther Pendragom, convenerunt ex diversis provinciis proceres britonum in civitatem Cilcestriae, Dabrucio, Urbis legionum archiepiscopo suggerentes, ut Arthurum filium eius in regem consecraret. (...) Dubricius ergo, calamitatem patriae dolens, associati sibi episcopis, Arthurum regni diademate insignivit. Erat Arthurus quindecim annorum, innauditae virtutis atque largitatis. In quo tantam gratiam innata bonitas praestiterat ut a cunctis fere populis amaretur.

Segundo a *Historia*, Artur é filho de Igerne e do rei Uterpendragão, que o concebe ao assumir a semelhança de Gorlois, marido de Igerne, por artifício de Merlim. Após a morte de Uterpendragão, Artur é coroado, subjuga os saxões depois da vitória decisiva em Bath, onde empunha a espada Cliburn, forjada na ilha de Avalon. Derrota então os pictos e escotos ao norte e, após restaurar a antiga dignidade de toda a pátria, casa-se com a bela Genevra. Depois, invade e conquista a Irlanda e a Islândia. Transcorrido um período de doze anos de paz e prosperidade, em que cria uma ordem de cavalaria e sua fama se difunde lagamente, Artur resolve conquistar toda a Europa, e, tendo conquistado a Noruega e a Dinamarca, vence os romanos na Gália. Artur estabelece um segundo período de paz, instalando sua corte em Caerleon-upon-Usk, o que termina quando os romanos vêm exigir dele tributo e restituição das terras conquistadas, mas são repelidos e derrotados por Artur na Gália. Antes, porém, que possa realizar seus mais altos sonhos de vitória, Artur é convocado a retornar à Grã-Bretanha por causa de uma revolta. Seu sobrinho traidor, Morderete, deixado no comando como seu representante, havia usurpado a coroa e aliara-se aos saxões. Artur contém a revolta, mas é ferido mortalmente e levado à ilha de Avalon,

enquanto os bretões colapsam sob o domínio saxão. (cf. Lacy & Ashe 1988:48; Megale 1989:1; Ashe 1991b:179: Furtado 1995:39).

A lenda criada por Geoffrey difunde-se rapidamente, gerando diversas traduções, dentre as quais a mais influente foi o *Roman de Brut*, concluído pelo *anglo*-normando Wace por volta de 1155, o qual serviu como base para o *Brut* de Layamon e que é o elo de ligação entre as fontes primitivas e os romances franceses subseqüentes que tratam de matéria arturiana. O relato compõe-se de cerca de 15.000 versos octossílabos e conta a história dos reis bretões desde a chegada dos troianos liderados por Brutus, filho de Enéias, à Grã-Bretanha - segundo informações tiradas de Nennius e de antigas crônicas galesas - até a desaparecimento do rei Artur no fim do século VII. O *Brut* de Wace é importante por ser um dos primeiros a escrever em francês sobre matéria céltica e por acrescentar à história de Geoffrey aspectos significativos para a constituição da lenda arturiana, como a primeira menção à távola redonda e a apresentação de Artur como um rei cercado de uma corte elegante e refinada.[2] São duas as passagens que fazem referência ao nome de Artur no *Brut* de Wace (cf. Arnold 1938, respectivamente v. 8733-8736 e v. 133299-133304):

> "Li reis od Ygerne se jut
> E Ygerne la nuit cunçut
> Le bon rei, le fort, le seür,
> Que vus oëz numer Artur"

---

[2] Cf. Lacy & Ashe (1988:71); Megale (1989:2); (1993:13); Kibler (1991:501); Vizioli (1992:51); Zink (1992:137).

"Mordred aveit dous fiz bien granz,
Bien orguillus e bien preisanz;
cil virent touz les baruns morz,
virent peri lé granz esforz,
virent d'Arthur l'esluinement,
virent lu rei fait novelment"

No entanto, como afirmam Lacy & Ashe (1988:72), embora Wace, assim como outros cronistas, tenha organizado sua matéria cronologicamente para construir uma biografia de Artur e situá-lo na linhagem dos reis bretões, grande parte do conteúdo e do método do *Brut* pertencem inquestionavelmente ao mundo da ficção e não ao da história. Muito pouca distância separa Wace dos escritores de romance que comporiam, no espaço de uma ou duas décadas, algumas das maiores obras de arte da ficção arturiana. Esta posição é corroborada por Zink (1992:138), quando afirma que, ao tratar de Artur e da Bretanha, o romance francês renuncia à verdade histórica e baseia-se, a partir de então, na verdade do *sens*, que se alimenta essencialmente da reflexão sobre a cavalaria e o amor, modelo que seria composto por Chrétien de Troyes.

Capítulo 2

A Matéria da Bretanha

O romance arturiano, na forma em que a maior parte da Europa ocidental o conheceria durante a Idade Média – uma narrativa episódica, envolvendo as aventuras e, comumente, os amores de um herói da corte de Artur -, surgiu e floresceu pela primeira vez no norte da França. A matéria tradicional era combinada com inovações, formando um conjunto narrativo específico, que se chamou de Matéria da Bretanha, a qual passou a ser a denominação tradicional do vasto complexo de textos literários derivados da Grã-Bretanha e Pequena Bretanha, de raiz céltica, centrados na figura de Artur e de seus cavaleiros. O termo encontra-se registrado pela primeira vez nos versos do *trouvère* Jean Bodel (1165–1210) que, na *Chanson des saisnes*, composta no último terço do século XIII, divide a matéria digna de tratamento literário em três conjuntos: Matéria da França, composta pelos épicos ou canções de gesta, Matéria de Roma, que abarca os romances da antigüidade, e Matéria da Bretanha, isto é, os lais e romances bretões.[3]

Segundo Bohler (1989:II, n.1), são os seguintes os versos de Jean Bodel (v. 6-11):

Ne sont que trois materes a nul home entendant:
De France et de Bretaigne et de Rome la Grant;
Et de ces trois materes n'i a nule semblant
Li conte de Bretaigne sont si vain et plaisant
Cil de Rome sont sage et de sens aprendant
Cil de France sont voir chascun jour apparant.

Dentro desse contexto, o autor francês que contribuiu fundamentalmente para a criação e desenvolvimento do romance arturiano e cuja obra ocupa posição central durante o século XII foi Chrétien de Troyes (1135-1183). Este autor era um *clerc* que escreveu cinco romances e dois poemas líricos sobre matéria arturiana, além de traduções e romances não arturianos, como, por exemplo, *Guillaume d'Angleterre*. Fez carreira de poeta e escritor na corte de Maria de Champagne e depois, na de Philippe de Flandres, entre os anos de 1160 e 1185, aproximadamente. A composição de seus romances distribui-se conforme a seguinte cronologia: *Erec et Enide* (c. 1170), *Cligès* (c. 1176), *Chevalier de la Charrette* (*Lancelot*) e *Chevalier au lion* (*Yvain*) (c. 1177-1181) e, por fim, *Conte du Graal* (*Perceval*), iniciado entre 1182 e 1190, inacabado certamente pela morte do poeta (cf. Zink 1992:139).[4]

Tradição paralela à de Artur é a dos romances sobre Tristão, que, com base em matéria céltica, o francês registrou duas vezes em verso no século XII, primeiro por obra de Thomas d'Angleterre e depois por obra de Béroul. O *Tristan* de Thomas, provavelmente um clérigo que vivia na Inglaterra sob Henrique II Plantageneta, terá sido composto em c. 1170-75 e distribui-se por cinco manuscritos onde há oito fragmentos do texto. O *Tristan* de Béroul, composto em

[3] Cf. Ashe (1988:72); Bohler (1989:II); Castro (1993a:445); Lacy (1991:315); Megale (1989:1).
[4] Sobre a obra de Chrétien de Troyes, v. ainda Frappier (1959:157-191).

francês anglo-normando, conserva-se fragmentariamente em um único ms. (B.N. f. fr. 2171) do final do século XIII (cf. Kibler 1991:450; Lacy 1991b:35).

Voltando a falar de Chrétien de Troyes, podemos dizer, como esclarece Bogdanow (1966:1 et seqs.), que ele não tentou estabelecer, de modo geral, um senso de continuidade ou de relação entre quaisquer de seus romances, uma vez que não tinha a intenção de produzir uma história integral do reino de Artur. Nesse sentido, para a Matéria da Bretanha, o século XIII foi um dos períodos mais produtivos, pois nessa época romances em verso do século XII eram vertidos em prosa e escritores desejavam combinar romances em grupos coerentes, inserindo-os em esquemas mais amplos e preenchendo, quando necessário, lacunas da tradição.

A idéia de um esquema coerente de romances ocorreu primeiramente a Robert de Boron, clérigo ou cavaleiro borguinhão, ativo entre 1191 e 1212, que planejou uma trilogia de romances em verso a que intitulou *Li livres dou Graal*.[5] Pretendia cobrir toda a história do Graal e do reino de Artur por meio da composição de uma obra edificante, um tipo de pseudo-evangelho, baseado no esquema das Escrituras. Dessa trilogia, somente a primeira parte, o *Joseph d'Arimathie* ou *Le Roman de l'Estoire dou Graal*, escrito entre 1191 e 1202, e composto por cerca de 3.500 versos octossílabos, e cerca de 500 versos da segunda parte, o *Merlin*,[6] foram preservados na forma original, em um único manuscrito de fins do século XIII, B.N. fr. 20047 (cf. Bogdanow 1966:1-2; 1994:191; Fritz 1992c:1280; Megale 1989:3; Zink 1992:158).[7]

---

[5] Sobre Robert de Boron, além da bibliografia indicada por O'Gorman (1991:386), v. tb. Le Gentil (1959:251-262).

[6] Há autores que contam 502 versos, como, por exemplo, Le Gentil (1959:251), e outros que contam 504 versos, como, por exemplo, O'Gorman (1991:385).

[7] Para uma edição do *Joseph*, v. Nitze (1927).

Robert de Boron pretendia elucidar e expandir de maneira coerente a matéria arturiana de que dispunha, já que acreditava que a história do Graal não consistia num incidente isolado, mas era uma história particular que se inseria na história global do povo de Deus, e, portanto, a história do Graal deveria integrar-se tanto à história da queda e redenção do homem como à do reino de Artur (cf. Bogdanow 1994:184).

Com a intenção de escrever uma trilogia, Robert de Boron começa a sua obra com um relato das primeiras aventuras do Graal, o qual insere em um contexto de lendas piedosas como o dos livros apócrifos *Gesta Pilati*, *Vindicta Salvatoris* e *Cura Sanitatis Tiberii*, que fazem parte do chamado ciclo de Pilatos.[8] Conforme inventa em seu *Joseph*, o Graal era o Vaso da Última Ceia, dado por Pilatos a José de Arimatéia, que o utilizou como repositório do sangue de Cristo após a deposição da cruz. José, preso pelos judeus, recebe no cárcere a revelação, feita pelo próprio Cristo ressuscitado, de que somente três homens, incluindo ele mesmo, seriam guardiães do Vaso. Libertado anos depois por Vespasiano, que, curado de lepra pelo véu de Verônica, fora a Jerusalém para vingar Cristo, José parte para terras distantes com uma pequena companhia que inclui sua irmã, Enigeus, e o marido desta, Bron. Estabelecem, então, a Mesa do Graal, em memória da Última Ceia e José confia a guarda do Graal a Bron, que vai em direção ao Ocidente com a mulher e os doze filhos para pregar e esperar a vinda

---

[8] Segundo Ramos (1991:18-19) *Ciclo de Pilatos* é um grupo de apócrifos que têm por assunto a condenação e a ressurreição de Jesus, e nos quais se destaca a atuação do procurador romano. O *Evangelho de Nicodemus*, também conhecido como *Atos de Pilatos* ou *Memórias de Nicodemus*, narra o processo condenatório de Jesus e a sua ressurreição, a partir de testemunhos de Nicodemus e José de Arimatéia. *A Cura de Tibério* relata a cura do imperador realizada por meio do retrato de Cristo conservado pela Verônica. *A vingança do Salvador* relata a destruição de Jerusalém, no ano 70. V. tb. a edição de Otero (1963).

do terceiro guardião do Graal, que seria seu neto (cf. Bogdanow 1966:3; O'Gorman 1970; O'Gorman 1991:386; Zink 1992:158).[9]

Continua a trilogia com uma segunda parte, o *Merlin*, que cobre a lacuna entre o Graal dos tempos apostólicos e as aventuras do Graal na época do rei Artur. Robert de Boron remodela e elabora livremente suas fontes, a *Historia Regum Britanniae* e na *Vita Merlini* de Geoffrey of Monmouth,[10] criando um relato que começa com o nascimento de Merlim o qual, por ser filho de um íncubo e de uma virgem, podia conhecer o passado e prever o futuro. Segue com a chegada de Uterpendragão ao trono e o estabelecimento da Távola Redonda com o seu Assento Perigoso; a concepção de Artur, resultante do relacionamento entre Uterpendragão e Igerne, esposa do duque de Tintagel; o casamento de Uterpendragão e Igerne; a criação de Artur por um pai adotivo, Antor, junto com seu filho, Quéia; após a morte de Uterpendragão, a comprovação de que Artur era o legítimo herdeiro por tirar a sua espada de uma bigorna (cf. Bogdanow 1966:3-4; Fritz 1992c:1280; Lacy & Ashe 1988:85; Megale 1989:1).

A terceira parte da trilogia relata como Persival, neto de Bron, acaba a aventura do Graal, além da destruição do reino de Artur pela traição de Morderete e o desaparecimento de Merlim. É conhecida como *Didot Perceval* e está conservada somente na versão em prosa, em dois manuscritos: ms. Bib. Nat., nouv. acq. fr. 4166, e ms. 3.39 da Biblioteca Estense, Módena (cf. Le Gentil 1959:257). É provável que ambas as redações existentes descendam de uma reelaboração em prosa do *Perceval* em verso, ora perdido, de Robert de Boron (cf.

---

[9] Para um estudo comparativo entre o *Joseph* de Robert de Boron e o *Livro de José de Arimatéia*, v. Toledo Neto (1993).

[10] Sobre a biografia e obra de Geoffrey of Monmouth, v. Parry & Caldwell (1959:72-93).

Grigsby 1991b:115). Além do *Perceval*, o *Joseph* e o *Merlin* também foram vertidos para prosa por um autor anônimo logo depois de serem compostos. Essas prosificações viriam a constituir secções de um extenso ciclo de romances arturianos em prosa, conhecido como *Vulgata* (cf. Bogdanow 1966:3-4; Bogdanow 1994:179; Grigsby 1991b:115; Lacy & Ashe 1988:86).

Capítulo 3

A *Vulgata* e a *Post-Vulgata*

A *Vulgata* (ou ciclo *Lancelot-Graal*, ou ciclo *Pseudo-Map*) é um monumental ciclo anônimo de romances arturianos, composto entre cerca de 1215 e 1235, que se desenvolveu a partir da expansão do esquema coerente elaborado por Robert de Boron.[11] Em sua forma final, a *Vulgata* comporta cinco ramos distintos, de extensão desigual. O primeiro ramo é a *Estoire del Saint Graal*,[12] versão elaborada e muito expandida do *Joseph* de Robert de Boron. Acrescenta-se à história do guardião do Graal, José de Arimatéia, a de seu filho, Josefes, que, graças à sua pureza e castidade, torna-se o primeiro bispo cristão. Conta-se que José recolhe o sangue de Cristo no Santo Vaso após a Crucificação, sobrevive milagrosamente durante quarenta e três anos na prisão e, quando libertado, transporta o objeto sagrado até Sarras, o país imaginário dos sarracenos. Mas é Josefes quem vem a ter uma visão privilegiada de Cristo e, por isso, torna-se chefe dos cristãos. Em uma última viagem, os fiéis vão para a Grã-Bretanha, onde o Graal opera vários milagres. Josefes, ao morrer, confia o Graal a seu sobrinho

---

[11] Sobre o ciclo da *Vulgata*, além da bibliografia em Burns (1991:499), v. tb. Frappier (1959:295-318).

[12] Existem atualmente cerca de cinqüenta manuscritos da *Estoire del Saint Graal* que se classificam em dois grandes grupos: uma versão breve e uma versão longa. Para a relação entre o *Livro de José de Arimatéia* e os manuscritos franceses remanescentes da *Estoire del Saint Graal*, v. Bogdanow (1960).

Alaim, o primeiro Rei Pescador, que o deposita no castelo de Corberique; a narrativa segue até o tempo do rei Peles, avô materno de Lancelote (cf. Bogdanow 1966:5-6; Burns 1991:496-499).

O segundo ramo compõe-se da *Estoire de Merlin*,[13] que é uma prosificação do *Merlin* de Robert de Boron, sucedida por uma continuação conhecida como *Suite du Merlin Vulgate*, que se refere aos primeiros três anos e meio do reinado de Artur e que se constitui fundamentalmente do relato de duas longas guerras lideradas por Artur, uma contra os reis feudatários em rebelião, outra contra os saxões, que são os pagãos, além de outros episódios, como o encerramento de Merlim e o casamento de Artur e Genevra.[14] Apesar de serem os primeiros, esses dois ramos foram compostos por último.

Vejamos agora os três últimos ramos, que foram compostos em primeiro lugar. O terceiro ramo é o *Lancelot en prose*, romance que corresponde a metade de todo o ciclo da *Vulgata*. Desdobra-se em três partes, a *Enfances Lancelot* ou *Galeaut*, que conta a juventude de Lancelote e o despertar do seu amor por Genevra; a *Charrete*, versão em prosa do romance homônimo de Chrétien de Troyes, e o *Agravain*, transição para a *Queste del Saint Graal*, que relata a concepção de Galaaz, filho de Lancelote e da filha do rei Peles, e prediz o papel de Galaaz como o cavaleiro puro que acabará a elevada aventura do Graal (cf. Megale 1992:10, n. 3). O quarto ramo intitula-se a *Queste del Saint Graal* e tem como personagem central Galaaz, que substitui seu pai, Lancelote, como o maior cavaleiro do mundo, e é especificamente consagrado à busca do Graal, que os

---

[13] Cf. Micha (1959: 319-324).
[14] Cf. Bogdanow (1966:6).

cavaleiros da Távola Redonda decidem empreender, mas só é concluída plenamente por Galaaz, que morre, após contemplar diretamente o mistério do Graal, enquanto este desaparece, levado ao céu por uma mão misteriosa. O quinto e último ramo, a *Mort le Roi Artu*, relata a descoberta por Artur do amor entre Lancelote e Genevra e as conseqüências desta descoberta, que são a guerra entre as linhagens de Artur e Lancelote, a traição de Morderete, filho incestuoso de Artur e, finalmente, a destruição do reino (cf. Bogdanow 1994:198; Burns 1991:498; Castro 1993c:445; Lacy & Ashe 1988:88; Megale 1989:5; 1992:10-16).

O romance em verso de Tristão, redigido no século XII,[15] também foi prosificado no século XIII, e a versão em prosa relaciona a história dos amores de Tristão e Isolda com a Távola Redonda e o Graal. *Le roman de Tristan* ou *Le Tristan en prose* existe hoje em duas versões básicas – a Primeira Versão e a Segunda Versão ou Versão Aumentada -, que datam do segundo e terceiro quartéis do século XIII. Vários manuscritos da segunda versão do *Tristan en prose* compõem a *Queste* da *Post-Vulgata*, tendo sido modificados, porém, alguns de seus incidentes e tendo sido acrescentada matéria da Primeira Versão do *Tristan en prose* (cf. Bogdanow 1966:8; Busby 1991:374; Fritz 1992f:1448; Megale 1989:6; 8).

Com relação à *Vulgata*, Bogdanow (1966:10) afirma que a coexistência de temas tão constrastantes como a busca do Graal e a história de Lancelote e

---

[15] Tradição paralela à de Artur é a de Tristão, que foi duas vezes registrada em verso, em francês, no século XII. Primeiro por obra de Thomas d'Angleterre e depois por obra de Béroul. Apesar de fragmentárias, são as únicas versões disponíveis. O *Tristan* de Thomas, provavelmente um clérigo que vivia na Inglaterra sob Henrique II Plantageneta, terá sido composto em cerca de 1172 e 1176 e distribui-se por cinco manuscritos (Oxford-Douce, Oxford-Sneyd, Cambridge, Turin e Strasbourg, os dois últimos destruídos), em que há oito fragmentos de extensão desigual do texto. O *Tristan* de Béroul, composto em francês anglo-normando, conserva-se fragmentariamente em um único manuscrito, B.N. f. fr. 2171, do final do século XIII. Cf. Bogdanow (1966:8); Fritz (1992d; 1992e).

Genevra produziu um inevitável choque de ideologias, resultando em um *double esprit* percebido pelos leitores medievais, o que terá levado a um rearranjo que produzisse uma composição mais homogênea em que Artur, e não Lancelote, fosse a personagem central, e houvesse combinação entre temas extraídos da Primeira Versão do *Tristan en prose* e adaptações da *Vulgata*, a fim de formar um conjunto mais sólido e unificado. O produto dessas modificações é o ciclo da *Post-Vulgata*.

O ciclo da *Post-Vulgata* é uma reelaboração do ciclo da *Vulgata*, composto por compilador anônimo entre 1230 e 1240, mas atribuída a Robert de Boron, a qual não foi preservada de forma completa em francês, tendo de ser reconstruída a partir de fragmentos dispersos e de traduções para o português e castelhano, os quais originam-se de uma segunda versão da *Post-Vulgata* (cf. Megale 1989:8).[16] O ciclo começava originalmente com uma versão da *Estoire del Saint Graal* semelhante à versão da *Vulgata*, o que se infere com base no *Livro de José de Arimatéia* português e no fragmento do *Josep* castelhano.[17] Sobre o *José de Arimatéia* português, tratamos com maior detalhe na segunda parte deste trabalho. Quanto ao fragmento castelhano, está conservado na Biblioteca Universitária de Salamanca, ms. 1877 (f.ºs 252-296 e f.ºs 298-300), compilação realizada em 1469 (cf. Castro 1993b:409).[18]

---

[16] Para a identificação das fontes da tradução ibérica da *Post-Vulgata*, tomamos como base principalemte Bogdanow (1991).

[17] Não se conhece o texto francês da *Post-Vulgata*, mas sabe-se que não diferia do da *Vulgata*, uma vez que, segundo afirma Castro (1988:197), "À l'instar des autres parties de la Post-Vulgate ... qui diffèrent de leurs homologues de la Vulgate en esprit, en narration et en langage, ou qui n'ont même pas d'homologues, ... , l'*Estoire* est passée intacte ou presque d'un cycle à l'autre." Cf. tb. Castro (1984:327).

[18] O fragmento castelhano corresponde aos capítulos XV a XVLI do texto português, ou seja, aos f.ºs 7v-47r do códice n.° 643. Cf. Castro (1984:325).

Segue-se à *Estoire del Saint Graal* a prosificação do *Merlin* de Robert de Boron, acrescida de um breve relato das primeiras batalhas de Artur contra os reis rebeldes, baseada na *Vulgata*, e uma nova série de episódios, como a concepção de Morderete por Artur, a revelação da filiação de Artur, o combate deste com Pelinor, a obtenção de Excalibur de uma mão num lago, as guerras contra Rion e Lot, o conto trágico de Balaim, o casamento de Artur com a filha de Leodegan, as demandas de Galvão, Tor e Pelinor, a história de Merlim e Niviene e as aventuras triplas de Galvão, Ivã e Le Morholt. A *Suite du Merlin* está preservada em francês no ms. Huth (London, B.L. Add. 38117) e no ms. de Cambridge (Cambridge University Library, ms. Add. 7071), ambos datados do século XIV e incompletos no final. A conclusão das aventuras de Galvão, Ivã e Le Morholt encontra-se em uma compilação de romances arturianos em prosa, datada do século XV, Paris, B.N., ms. fr.112; pequena parte foi preservada em um outro manuscrito: Imola, Biblioteca Comunale 135, A.A.^{2} 5 n.° 9[7].[19] Há também adaptações do romance na Península Ibérica, o fragmento em português da *Suite du Merlin*, ms. Ba 2434, da Biblioteca da Catalunha, o fragmento em castelhano do ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, e o *Baladro del Sabio Merlin* castelhano. Os fragmentos da versão portuguesa do texto do *Merlim* estão preservados em fólios escritos no início do século XIV, descobertos por Amadeu-J. Soberanas na Biblioteca da Catalunha, no dorso de dois incunábulos que contêm a primeira e a segunda partes da terceira edição do *Chronicon* do arcebispo de Florença, Antonino Pierozzi (1389-1459), acabada de imprimir na Basiléia por Nicolas Kesler em 10 de fevereiro de 1491 (Barcelona, Bibl. Cat. Inc. 43-44 Fol.). Ao ler

---

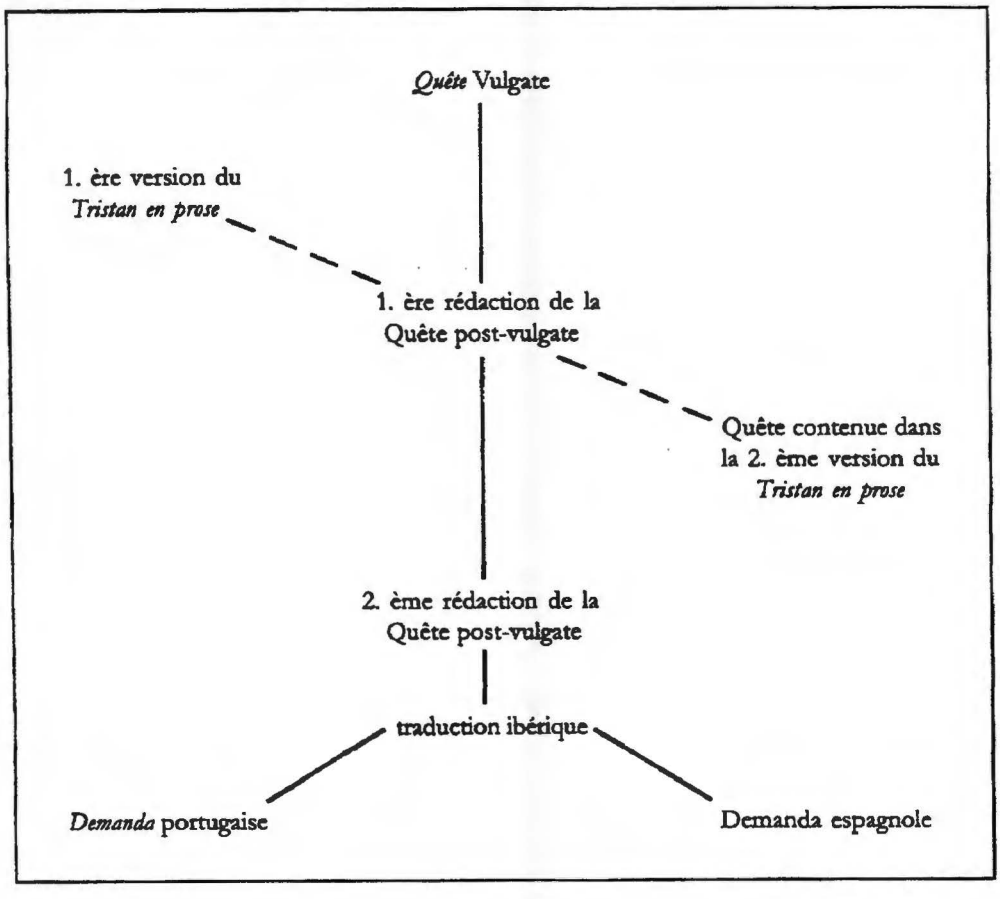
[19] Cf. Bogdanow (1966:11); Bogdanow (1991:364).

os fólios, Soberanas percebeu que eram escritos em galego-português, tendo auxiliado na identificação do texto a existência de nomes próprios como Asen, Anasten, Yuã, Galuam, Marot, Donzela do Lago, Merlyn e Artur. Datou, com reservas, o texto da primeira metade do século XIV. Contém duas passagens da *Suite du Merlin*: a primeira é a história do príncipe Anasten, correspondente a parte do ms. Huth e à coluna *a* do ms. Add. 7071 da Universidade de Cambridge (c. 1300), e a segunda relata quase toda a aventura da *Roche aux Pucelles*, encontrada em francês somente no ms. f. fr. 112, do século XV, coincidindo o seu começo parcialmente com o fim do ms. Huth. Em castelhano, há duas edições do *Baladro del Sabio Merlin*: Burgos 1498 e Sevilha 1535, sendo que esta é parte de *La Demanda del sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaaz su hijo*, editada em Toledo, em 1515 e em Sevilha, em 1535 (cf. Megale 1989:8; Sharrer 1991:31).

Não há ramo correspondente ao *Lancelot* próprio do ciclo da *Vulgata* na *Post-Vulgata*: segue-se a adaptação de incidentes da seção do *Agravain* do *Lancelot* da *Vulgata* e da primeira versão do *Tristan en prose*, combinados com invenções do compilador. Esses episódios incluem o relato da loucura de Lancelote, quando Genevra o expulsou da corte após tê-lo encontrado com a filha do rei Peles, a história da juventude de Galaaz, a juventude de Persival e outros episódios que se ligam à *Suite du Merlin* ou antecipam a *Queste* da *Post-Vulgata*. Esta seção do romance, chamada de *La Folie Lancelot*, foi descoberta por Fanni Bogdanow em 1957 e está preservada nos mss. B.N. f. fr. 112 e num códice do final do século XIII, B.N. f. fr. 12599, além de uma pequena parte preservada em

outro manuscrito de fins do século XIII, Cracóvia, Biblioteca Jagiellońska, Berol. Gall. F. 188.

As versões da *Queste* e da *Mort Artu* da *Post-Vulgata* que concluem o *Roman du Graal* são reelaborações feitas a partir do ciclo da *Vulgata*. Do original francês, conhecem-se fragmentos de textos que fazem parte de certos manuscritos da segunda versão do *Tristan en prose* e de outras compilações tardias: B.N. f. fr. 112, 116, 340 e 343. Na verdade, a *Demanda* portuguesa, em sua origem, tem ligação com o *Tristan en prose*, como evidencia estema traçado por Colette-Anne Van Coolput e reproduzido por Megale (1997:241), o qual apresentamos a seguir:



Foram descobertos recentemente por Monica Longobardi um fragmento da *Queste* da *Post-Vulgata* nos Arquivos do Estado de Bolonha e, por Fanni

Bogdanow, seções da *Mort Artu* da *Post-Vulgata* em Genebra (Bodmer 105) e da *Queste* da Post-Vulgata em Oxford (Bodleian Library, Rawlinson D 874) as quais só eram conhecidas previamente por textos ibéricos.

O único testemunho da tradução portuguesa da *Queste del Saint Graal* da *Post-Vulgata* encontra-se na Biblioteca Nacional de Viena sob a cota 2594. Trata-se de texto redigido no século XV que apresenta nítida camada lingüística do século XIII, a qual deve remontar à tradução original. Fundamenta essa constatação o que afirma Lapa (1942:177): "... o texto da *Demanda*, apesar das desfigurações dos escribas, representa um estádio lingüístico antigo e contemporâneo dos trovadores".

Quanto à história do manuscrito, sabe-se que procede da Biblioteca do Marquês de Cábrega, Pedro de Navarra y de la Cueva, vendida, em 1670-1671 à Biblioteca Imperial de Viena. O códice é encadernado de pele gravada com brasão imperial dourado e composto de 199 fólios pergamináceos de texto (além de quatro folhas de guarda no início e duas no fim do volume) distribuído sempre em duas colunas de 25 a 47 linhas cada e redigido por cinco, seis ou sete punhos diferentes em rotunda librária (cf. Bogdanow 1991:365; Castro 1993c:203; Megale 1995:221; Nunes 1995:12).

Os textos castelhanos, considerados geralmente como tradução do português, são os seguintes: o terceiro fragmento arturiano do ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca (f.ºs 298v-300v) e as duas edições de *La demanda del sancto Grial*, Toledo 1515 e Sevilha 1535 (cf. Castro 1993:203).

A relação entre o *Livro de José de Arimatéia* e o *Josep* fragmentário castelhano é, portanto, muito estreita, uma vez que ambos ligam-se

fundamentalmente a um original francês, a *Estoire del Saint Graal*.[20] E quem primeiro tentou descobrir qual dos numerosos manuscritos da *Estoire del Saint Graal* representa a fonte das versões portuguesa e castelhana foi Fanni Bogdanow (1960). Existem atualmente cerca de cinqüenta manuscritos da *Estoire del Saint Graal*, divididos em dois grandes grupos: uma versão curta, que inicia com "Cil qui se tient et juge au plus petit et au plus pecheor de toz, mande saluz el commencement de ceste estoire a touz ceuls qui lor cuers ont et lor creance en la sainte trinité";[21] e uma versão longa, "Cil qui la hautesce e la seignurie de si haute estoire com est cele du Graal volt mettre en escrit par le comandement du grant mestre, mande tut premerement saluz a touz ceus e a totes celes que ount lor creaunce en la sainte trinité gloriuse".[22] A diferença entre a versão curta e a versão longa é que aquela contém menos detalhes descritivos.[23]

O *José* português não segue inteiramente nenhuma das duas versões, mas começa com a versão curta e, em seguida, passa a oscilar entre a versão curta e a versão longa. Ora, o único manuscrito francês remanescente em que se identifica esse mesmo padrão é o ms. 255 da Biblioteca Municipal de Rennes.[24] Tanto o *José* português como Rennes 255 têm lições comuns não encontradas em nenhuma outra versão, apesar de, muito ocasionalmente, divergirem quanto à

---

[20] É de notar que nenhum dos manuscritos franceses remanescentes representa a *Estoire* da *Post-Vulgata*. Como afirma Castro (1988:197), "À vrai dire, l'original perdu de la traduction péninsulaire est le seul manuscrit dont l'existence peut être postulée."

[21] Citação conforme o ms. Brit. Mus. Royal 19 C XII. Para outros manuscritos pertencentes à versão curta, v. Bogdanow (1960:343, n. 4).

[22] Citação conforme o ms. de Cambridge Add. 7071. Para outros manuscritos pertencentes à versão longa, v. Bogdanow (1960:344, n. 1).

[23] Não existe ainda colação entre todos os manuscritos da *Estoire del Saint Graal*, condição para uma edição crítica do texto francês da *Estoire* e para o estabelecimento das relações entre o ramo peninsular do romance e restante genealogia francesa. Cf. Castro (1984:329).

[24] Segundo afirma Castro (1984:331) a cota atual do manuscrito é n.° 2427, registrado tanto na lombada como no f.°1r.

versão que seguem. [25] A partir da alternância entre versão longa e versão curta apresentada pelos dois manuscritos, Bogdanow (1960:347) afirma que esse fato só pode significar duas coisas: ou são resultado de contaminação ou representam o arquétipo do qual as outras duas redações derivam.[26] Para indicar a posição intermediária do *José* e do ms. Rennes 255 em relação às versões curta e longa, Bogdanow (1960:347-375) apresenta, em quatro colunas justapostas, uma passagem das quatro lições. Além de extensas passagens do *José* português, incluem-se, em nota de rodapé, as poucas passagens em que o *Josep* castelhano apresenta maior semelhança com o francês. Vejamos um exemplo em que os trechos em itálico mostram a concordância entre os textos:[27]

---

[25] Um dos exemplos dados por Bogdanow (1960:345) refere-se à passagem em que Vespasiano entra no cárcere no qual está José. Na versão curta, lê-se: "*Si se tint une piece a part. Et puis si apela Joseph*" (ms. Brit. Mus. Royal 19 C XII, f.° 4d). E na versão longa: "*E il se tint une piece a une part tut cois, si fu tut esbaïs de la grant clareté que il veoit. E quant il out esté une piece, si apella Joseph*" (ms. Cambridge Add. 7071, f.° 10a). Por outro lado, o *José* português e o ms. Rennes 255, concordam em dizer que Vespasiano ficou quieto e olhou em todas as direções: "*E tirou-sse a hũa parte e esteve muy quedo* e oulhou muyto a cada parte. Quando ouve muyto oulhado, *chamou a Joseph*". E o ms. Rennes 255 contém a seguinte lição: "*Et il se tint a une part mout coiz, si fu esbahiz de la grant clarté*. Assez regarda ça et la, *car il estoit molt effrez de cele grant clarté qui en la chartre estoit*. Et qant il ot tant esgardé, si apela Joseph".

[26] Castro (1988:202) apresenta evidências textuais que indicam que a redação mista precede a duplicação.

[27] O ms. Brit. Mus. Royal 19 C XII foi escolhido como representante da versão curta, e o ms. Cambridge Add. 7071 como representante da versão longa. A localização da passagem do texto espanhol se refere à edição de Karl Pietsch, *Spanish Grail Fragments*, Chicago, University of Chicago Press, 1924, vol. 1, p. 3-54. Cf. Bogadanow (1960:346).

Ms. Royal 19 C XII, f.° 4c	*José* português, f.° 12v	Ms. Rennes, f.° 6f	Ms. Cambridge, f.° 10 a
Atant le mena a sa tour et dist: 'Sire, veiz ci le leu ou il fu mis, ne je n'avoie mie adonques plus de trente et trois ans, qui ore sui touz viez.'	Então levou Caifas a torre *ao piar donde Joseph fora metido*, e disse: '*Senhor, em este piar foi Joseph metido des que deçeo Jhesu Cristo na cruz.* E então nom avia eu mais que vinte cinquo annos,[1] e sam ora velho *asi como vedes*.'	Lors le mena Caifas en sa tor *au piler ou il avoit esté emprisonez*, si li dist: '*Sire, dedenz cest piler fu il mis des lors que Jesu fu crucifiez*, ne ge n'avoie encore mie plus de trente anz, qui or sui si vielz *come vos poez veoir*.'	E Vaspasiens respondi que tut fust seurs, car il li crauntoit que le ne feroit ne ardoir ne occire. E lors l'en mena Caiphas a sa tour *au piler ou il estoit*, e si li dist: 'Sire, en ceo piler fu il mis desque Jhesu fu mis en croiz, que jeo n'avoie mie trente deus anz, que ore sui veuz home com vus poez veoir.'
	[1] *Josep* castelhano, P.11.1: E yo non avya entonçe mas de XXX annos.		

Com base nos estudos de Bogdanow, é possível que Castro proponha, mais recentemente, a filiação do ramo peninsular da *Estoire*, segundo comentamos na segunda parte deste estudo.

A maior proximidade ora da lição portuguesa, ora da lição castelhana, constatável no exemplo acima, toca na questão da primitiva tradução peninsular não só do *José*, mas de todo o ciclo da *Post-Vulgata*. Segundo Lapa (1942:170-171), "teriam sido Afonso III e os seus amigos e sequazes que, ao virem de França, em meados do século XIII (1245), divulgariam ou intensificariam o novo gosto literário". Ainda, segundo o mesmo autor (1942:178)

> Pode até supor-se que, devido à insistência de certos galicismos e ao perfeito conhecimento da sintaxe francesa, a obra [*Demanda do Santo Graal*] fôsse traduzida ainda em França por algum partidário do Conde de Bolonha, D. Afonso.

Antes de Lapa, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1990:512) já havia levantado a hipótese de que

> não seria de modo algum impossivel que o Bolonhês e os que com elle assistiram em França, a mais tardar de 1238 a 1245, ahi se afeiçoassem, não só ao genero das pastorelas e balletas, mas também ás ultimas novidades em prosa sobre *matière de Bretagne.*

Acrescentemos ainda a constatação de José Joaquim Nunes (1908:226), de que a camada lingüística mais antiga da cópia quinhentista do *Livro de José de Arimatéia* remontaria ao século XIII.

Sobre a prioridade portuguesa ou castelhana da primitiva tradução peninsular, já se discutiu muito. No entanto, a questão é vista atualmente a partir de um enfoque mais amplo, como formula Castro (1983:83): "... a questão nacional dilui-se na concepção do Ocidente europeu medieval como uma rede de itinerários de circulação cultural que, este sim, importa conhecer".

Dois fatos históricos levantados por estudos recentes têm dado nova solidez e verossimilhança à hipótese de Lapa, de que a primeira tradução peninsular do ciclo da *Post-Vulgata* teria sido feita por um português, companheiro do rei Afonso III, talvez ainda durante a sua residência na França, isto é, antes de 1245: as circuntstâncias da estadia de Afonso III[28] na França e a identidade do frade Joam Vivas.

A grande probabilidade de a corte de Afonso III ter sido a via de entrada *da Post-Vulgata* na Península Ibérica encontra fundamento em sua estadia na França por cerca de vinte anos e, dentro desse período, em seu casamento com a

[28] Para uma biografia breve e referências bibliográficas sobre Afonso III, v. Beltrán (1993:15).

condessa Matilde de Bolonha.[29] A patir de 1229 ou talvez antes, Afonso passa a viver com a família real, onde terá completado ou feito por completo os seus estudos. A França era governada por sua tia, Branca de Castela (1188-1252), mulher de Luís VIII da França (+ 1226). No entanto, é somente a partir de 1234, ano da ascensão ao trono de Luís XI, São Luís, que as contas da Casa de França mencionam o nome de Afonso. Casa-se em 1238, por razões de Estado, com Matilde, condessa de Bolonha, senhora de um feudo situado na região onde provavelmente foram compostos os ciclos da *Vulgata* e da *Post-Vulgata*.[30]

Há dúvida, porém, quanto a ter Afonso vivido no condado de Bolonha ou na corte. Diante da possibilidade de serem defendidas as duas opiniões, observa Castro (1983:89) que

> Quer na corte, quer no condado, dificilmente lhe poderiam ter passado despercebidos (ou, se não a ele, aos nobres portugueses da sua companhia) os principais acontecimentos da época, quer os da esfera do político, em que era capacíssimo (e a sua carreira está aí a prová-lo), quer os da esfera cultural, em que o não seria menos.

Ora, um dos acontecimentos culturais da época foi a remodelação do ciclo arturiano da *Post-Vulgata*, que foi realizada por autor anônimo, provavelmente no norte da França, entre 1230 e 1240. Há, portanto, forte possibilidade de que Afonso III e sua companhia tenham conhecido os romances arturianos na França e

---

[29] Segue-se muito de perto, a partir deste parágrafo, e nos seguintes, as informações fornecidas por Castro (1983:84-97), sobre Afonso III e Joam Vivas.

[30] Segundo Castro (1983:87), "Boulogne (-sur-mer), situada no actual departamento de Pas-de-Calais, no litoral da Mancha, era no século XIII um porto de mar por onde se fazia grande parte da circulação entre a França e a Inglaterra. Situava-se também numa região onde era intensa a produção literária, quer poética, quer narrativa, não sendo de excluir, na ausência de outras indicações, que tanto o ciclo da *Vulgata*, como o da *Post-Vulgata*, tenham sido por aí compostos."

os tenham transmitido para Portugal. Deviam, porém, ser traduzidos, segundo Castro (1983:91), em um

> ... ambiente onde a curiosidade cultural não [era] acompanhada por um suficiente domínio de línguas relativamente remotas, ambiente que podia ser o da corte lisboeta de Afonso III.

A tradução, que terá sido para o galego-português, foi feita por Joam Vivas, nome que aparece no *José de Arimatéia* português e na *Demanda* castelhana, nos pontos em que, nos textos franceses, ocorre um "eu" narrativo ou o nome de Robert de Boron. Às parcas informações que trazem sobre Joam Vivas os romances arturianos,[31] acrescentam-se aquelas feitas por Castro (1983:94-97), que identifica, entre vários homônimos, um Joam Vivas, frade de Santiago, que viveu em meados do século XIII, membro de uma família de Lisboa e proprietário na mesma região, com trânsito na corte.[32]

---

[31] No *José* português, encontram-se duas passagens em que o nome de Joam Vivas é mencionado: "nom metera | em Joam vivas hũ pomto de falsydade" (f.° 123v); "e asym como joão bivas volo deuysara nes | ta estorea" (f.° 199r). Na *Demanda* castelhana, o nome ocorre uma vez (ed. Sevilha, 1535, f.° 181a).

[32] Segundo Castro (1988:202), "Cette hypothèse vaut ce qu'elle vaut. Il est vrai qu'aucun document ne prouve la liaison du cycle de la Post-Vulgate avec Afonso (ou son entourage de nobles lettrés), ni avec le Vivas de Lisbonne. Il n'est ni sûr ni impossible qu'un tel document soit découvert. Mais les preuves circonstancielles sont très serrées."

Segunda parte

O *Livro de José de Arimatéia*

(Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643)

Capítulo 1

Um pouco da História do códice

A utilização de um texto como documento lingüístico depende da possibilidade de ancorá-lo a um ponto o quanto mais preciso no tempo e no espaço, o que raramente ocorre com os textos literários medievais portugueses, uma vez que, segundo Castro (1991:178),

> O património textual da Idade Média portuguesa é constituído, quase na totalidade, por cópias feitas por escribas geralmente anónimos, em datas, locais e circunstâncias que são desconhecidos ou duvidosos. Não é assim possível saber em que situação foi escrito o texto e, consequentemente, qual o dialecto ou dialectos que estão com ele relacionados. O seu valor documental, enquanto reflexo de um determinado estado de língua, fica assim prejudicado.

Com relação ao *Livro de José de Arimatéia*, porém, o recurso à história, à codicologia e à paleografia apresenta resultados que suprem notavelmente a falta

de informações do texto, fato este de fundamental importância para os textos remanescentes da prosa literária medieval portuguesa (cf. Mattos e Silva 1989:19).

O *Livro de José de Arimatéia* português está conservado atualmente em um códice da Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sob a cota n.° 643. Esse códice contém o único testemunho do texto português resultante da tradução completa da *Estoire del Saint Graal* da *Post-Vulgata*. Trata-se de cópia de fins da primeira metade do século XVI, efetuada mais precisamente entre 1543 e 1544,[33] e organizada por Manuel Álvares,[34] corregedor da Ilha de São Miguel, com base em manuscrito mais antigo, descrito como um texto com cerca de duzentos anos, em pergaminho e iluminado, adquirido pelo corregedor, de uma mulher muito idosa em Riba d'Âncora, aldeia do Alto Minho (cf. BITAGAP; Castro 1993b; Cepeda 1995:154).

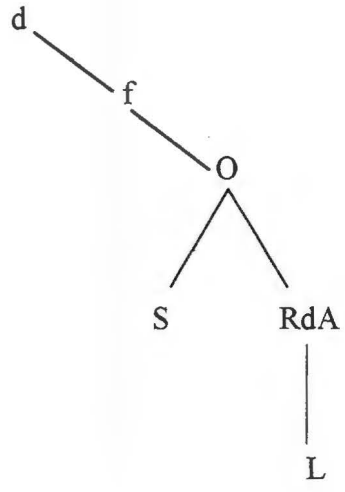
O manuscrito mais antigo terá sido feito em Astorga, em ambiente leonês, portanto, no ano de 1314, por ordem do mestre-escola Joam Sanches, como se depreende do cólofon cuidadosamente reproduzido, e representa uma cópia efetuada pouco depois da data de introdução da *Estoire* na Península Ibérica (cf. Castro 1979:173-175).

A proposta mais recente da genealogia do ramo peninsular da *Estoire del Saint Graal* foi feita por Castro (1984:393), como demonstra o estema abaixo:

---

[33] A datação da cópia do códice n.° 643 foi definida por Castro (1979), a partir de dados textuais, codicológicos e histórico-biográficos. V. tb. Castro 1993:410.

[34] Quanto à biografia de Manuel Álvares, v. Castro (1984:167-201). As informações coligidas pelo Autor reforçam a hipótese de o manuscrito do códice n.° 643 ter sido copiado entre meados de 1540 e princípios de 1544, quando Manuel Álvares era corregedor na Ilha de São Miguel.



Segundo o Autor, o exemplar do ramo peninsular é um manuscrito francês f, conjecturado, traduzido para uma língua peninsular no ms. O, também conjecturado, que terá sido a tradução efetuada por Joam Vivas. Deste originam-se duas linhagens, uma constituída pelo ms. RdA (manuscrito de Riba d'Âncora), desaparecido, mas de que existe descrição, e pelo ms. L (a cópia quinhentista do *José* português); outra, em castelhano, constituída pelo manuscrito fragmentário S (o *Josep* castelhano). O arquétipo de f é d, que parece ocupar um lugar muito elevado na tradição francesa. Acrescente-se que o ms. d também é arquétipo de R (ms. Rennes 255), cujo acordo com L e S permite reconstruir a maioria das lições de d.

Manuel Álvares, proprietário do manuscrito de Riba d'Âncora, empreende a realização da cópia quinhentista, que consiste na modernização aspectos da linguagem que achava antiquados no original, conservando as demais características do texto. Oferece a cópia ao rei D. João III, que deveria indicar pessoa competente para que o pusesse "em milhor estillo" e não permitisse "que este autor estee mais tempo em treuas do que esteue". Essas informações indicam, segundo Castro (1984:164) que o manuscrito tinha caráter provisório. A

possibilidade de estarmos diante de um exemplar "de trabalho", no entanto, é questionada por Nascimento (1984:125), com base na decoração da encadernação, que propõe ser a primitiva do códice, na atenção dos copistas quanto ao preenchimento dos fólios, na limpidez da cópia e na execução dos títulos.

Após ter começado o trabalho sozinho, transcrevendo os primeiros dezesseis fólios do texto, resolve distribuir a tarefa entre escrivães que, como corregedor, tinha a seu serviço, e reserva-se à condição de organizador e revisor. Participam do trabalho mais nove copistas além de Álvares, que devem ter trabalhado simultaneamente, em locais diferentes.[35] A distribuição do número de fólios varia segundo o copista: uns se incumbem de um número maior de fólios e outros se ocuparam de partes menores.[36] Essa distribuição de tarefas parece não ter sido feita em um mesmo momento, visto que dois copistas tiveram tempo de terminar sua tarefa inicial e executarem os cadernos finais do códice. Manuel Álvares procedeu à numeração dos fólios somente quando todos os cadernos estavam terminados e foram reunidos, com base na assinatura do fólio inicial de cada caderno (cf. Castro 1984:163-166).

Quanto ao local de execução da cópia, há evidência muito forte de que tenha sido Lisboa: a areia usada para secar a tinta dos fólios recém-escritos, da qual sobraram alguns grãos colados à tinta seca e nas dobras do códice, só pode proceder de praias da foz do Tejo e da região de Sines. Deverá coincidir com a época em que não há documentação referente à atividade de Manuel Álvares em São Miguel (cf. Castro 1991:180).

---

[35] Evidências (uso de papel diferente e espaços em branco em fim de caderno) demonstram que os copistas trabalharam separadamente, cada um com a sua parte do manuscrito trecentista, que, para isso, havia sido dividido. Cf. Castro (1984:165).

[36] V. adiante, tabela referente à distribuição dos cadernos por copista.

Em fins do século XVI, o manuscrito passa a pertencer à biblioteca de D. Teotónio de Bragança (1530-1602), arcebispo de Évora.[37] Em inícios do século XVII, depois da morte do arcebispo, o manuscrito passa à biblioteca da Cartuxa de Évora. Confirma-se, nesses séculos, a observação feita por Castro (1987:1123), de que "... o José de Arimatéia português passou quase toda a sua vida em bibliotecas religiosas, onde não foi lido nem sequer manuseado, pelo que chegou até nós notavelmente bem conservado." Com a dispersão das ordens religiosas em Portugal, chega à Torre do Tombo, o mais tardar em meados do século XIX.

Desde a sua chegada à Torre do Tombo, no entanto, segundo informa Carter (1967:34), o manuscrito quinhentista do *José de Arimatéia* foi consultado apenas por Varnhagen, em 1846, e somente mencionado por outros autores, entre os quais Reinhardstöettner, Menéndez y Pelayo e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, mas deu-se como perdido até a sua redescoberta por Cornu, em data anterior a 1895, e a publicação do cólofon e de fragmentos do texto por Otto Klob. Após edições fragmentárias, a primeira publicação integral do *Livro de José de Arimatéia* é a edição paleográfica de Henry Hare Carter, vinda à luz em 1967.[38] Aguarda-se ansiosamente a publicação da edição crítica preparada por Ivo Castro.[39]

[37] Para uma biografia de D. Teotónio de Bragança, v. Castro (1984:202-214).
[38] Com relação à história editorial do *Livro de José de Arimatéia*, v. Castro (1984:275-293).
[39] Apresenta a edição crítica dos fólios 1 a 48 em sua tese de doutorado. Cf. Castro (1984:418-708).

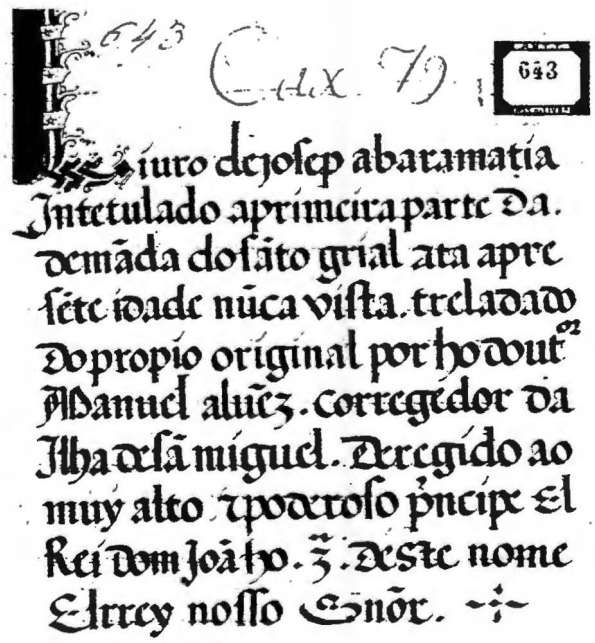
Capítulo 2

Descrição do códice

1. Aspecto codicológico

1.1 *Incipit*, *explicit* e cólofon

O *Livro de José de Arimatéia* (cod. AN/TT 643) é um manuscrito em papel, conta 315 (4 + 311)[40] fólios e mede 250 mm. de altura por 190 mm. de largura. O texto do manuscrito começa na folha de título, não numerada, com o seguinte prólogo do corregedor Manuel Álvares ao rei D. João III:[41]


643 Cod. 79 643

Liuro de josep abaramatia
Intetulado a primeira parte da
demãda do sãto grial ata apre
sẽte idade nũca vista. treladado
do propio original por ho dout.or
Manuel aluẽz. corregedor da
Ilha de sã miguel. Deregido ao
muy alto ꝛ poderoso p̃ncipe El
Rei dom Joã ho. ꝫ. deste nome
Elrrey nosso Snõr. -:-

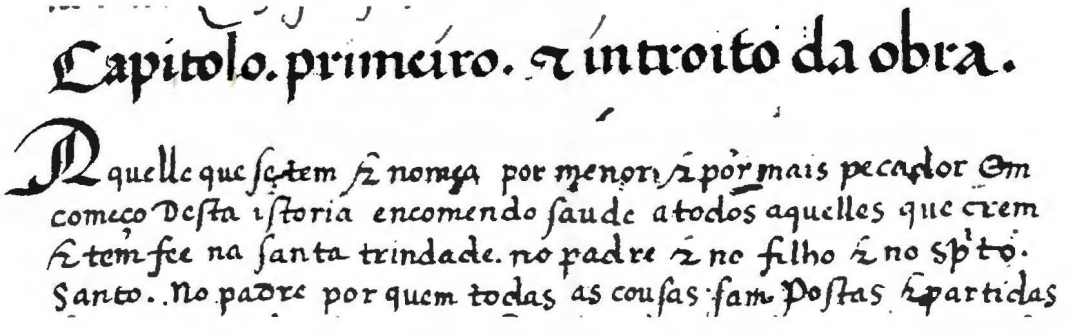
[40] Essa é a foliação de Castro (1993). No entanto, BITAGAP e Carter (1967:34, n.31) contam 316 fólios: 4 + 311 + 1.

[41] Reproduzimos, nas transcrições a seguir, a leitura da edição de Carter (1967).

Transcrição

Liuro dejosep abaramatia | Intetulado aprimeira parte Da. demãda dosãto grial ata apre | sẽte idade nũca vista. treladado | Dopropio original por ho dou*tor* | Manuel alu*ar*ez.Corregedor da | Ilha desã miguel. Deregido ao muy alto 2poderoso p*r*incipe el | Rei Dom Joãho. ʒ. Deste nome | Elrrey nosso *Senh*or. +

Este prólogo estende-se até a 4.ª linha do f.º 2r, a que se segue o *incipit* do texto:

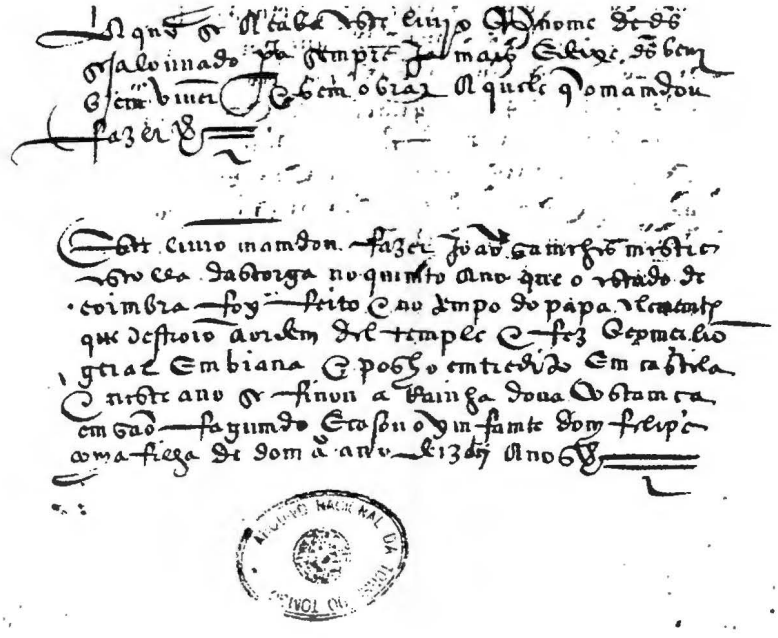

Capitolo. primeiro. 2 introito da obra.

Aquelle que ſe tem 2 nomea por menor 2 por mais pecador Em começo Deſta iſtoria encomendo ſaude atodos aquelles que crem 2 tem fee na ſanta trindade. no padre 2 no filho 2 no ſp'to. Santo. No padre por quem todas as couſas ſam Poſtas 2 partidas

Transcrição

Capitolo. primeiro. 2 introito da obra. | Aquelle que se tem 2 nomea por menor 2 por mais pecador Em | começo Desta istoria encomendo saude atodos aquelles que crem | 2 tem fee na santa trindade. no padre 2 filho 2 no Spr*i*to. | Santo.

Termina o texto do romance no f.º 311v, com o *explicit* e o cólofon, que se refere ao exemplar trecentista do *José de Arimatéia*:



Transcrição

A quy se A caba este liuro O nome de d*eo*s | sejalouuado p*er*a sempre Ja mais Edeixe d*eo*s bem | b em viuer e bem o brar A quele q*ue* o mamdou | fazer | Este liuro [m]amdou fazer João samches mestre | esco lla dastorga no quimto ano que o est[u]do de | coimbra foy feito e no tempo do papa clememte | que destroio aordem del temple e fez O comçilio | geral Em viana e posho emtredito Em castela | e neste ano se finou a Rainha doua Costamça | em são fagumdo Ecasou o y m famte dom felipe | com a filha de dom a*fomso* ano de 131ij Anos

1.2 Suporte: natureza e disposição

Os 315 fólios que constituem o manuscrito são de papéis de várias procedências, segundo indica o exame minucioso de suas filigranas ou marcas de água (cf. Castro 1979; 1984:106-109). Identificam-se, em todos os papéis do códice, marcas de água variantes de "mão de dedos abertos, sob estrela de cinco pontas", salvo nas folhas de guarda anteriores, onde se identificam duas variantes de "jarro com faixa, sob coroa e flor de quatro pétalas". A conclusão a que se

chega é que as marcas de água dos papéis que coincidem com o texto são, como informa Castro (1979:179),

> de vários fabricos, alguns dos quais são semelhantes a papéis fabricados no sudoeste da França durante o período de 1537 a 1550, mas predominantemente nos primeiros anos da década de 40.

E as marcas de água das folhas de guarda, que são contemporâneas da encadernação, identificam papel fabricado em Lunebourg, em 1545, e em Antuérpia, em 1544.

Os fólios do manuscrito estão agrupados de forma heterogênea em vinte e um cadernos, assinados de A a X no primeiro fólio de cada caderno.[42]

Nascimento (1984) estudou em detalhe a estrutura dos cadernos do manuscrito e chama-lhe a atenção o fato "estranho" de alguns dos cadernos não se integrarem na estrutura habitual de caderno e formarem aglomerados mais ou menos heterogêneos de bifólios. Demonstra que a constituição dos cadernos E, P, T e V são formados por aglomerados de bifólios de cada lado de um bifólio nem sempre central, reunidos por fio de cosedura lateral nas tranchefilas e por colagem de dorso, como demonstra o esquema abaixo, referente ao caderno T:

276 - - / - - 277*
275 278
> <
274* 279*
273 280
> <
272* 281*

-- / -- : passagem do fio de cosedura pelo centro dos fólios
* fólios com marca de água
> solidariedade dos elementos do bifólio

---

[42] "Todavia, a assinatura [do caderno A] aparece não no primeiro fólio do octónio, mas num fólio anterior, o de rosto". Cf. Nascimento 1984:120.

Essa técnica não corresponde às normas habitualmente seguidas nos *scriptoria* europeus do fim da Idade Média,[43] mas, segundo Nascimento (1984:123) deriva de hábitos tabeliônicos "em que os materiais das unidades mínimas se vão acrescentando à medida que novos elementos vão aparecendo", *tal como* ocorre em um livro notarial.

Com base nessa observação minuciosa da estruturação dos cadernos do manuscrito, Nascimento (1984:123-124) formula uma hipótese importante não só do ponto de vista codicológico e paleográfico, mas também lingüístico, que contrasta com a divisão de mãos proposta por Castro (1984:134), que identifica como copista n.° 3 o autor dos cadernos E, F, G, H, do caderno sem assinatura que fica entre E e F, e do caderno U:

> Os cads. F, G, H, embora apresentem escrita muito semelhante à da unidade E, talvez, pelo facto de manifestarem hábitos tabeliónicos diferentes, não devam atribuir-se ao mesmo copista desta. Na verdade, opõem-se por hábitos tão distintos como o de trabalhar com caderno ou com bifólios soltos, traçar grafismos de ataque ou de final de letra pelas margens de direita e de esquerda, tracejar a margem de pé, reduzir o espaço interlinear.

Os fólios do manuscrito, exceto as folhas de guarda e o rosto, são numerados de 1 a 311, sempre no canto superior direito do recto, com a abreviatura *fol.* seguida pelo número do fólio, em arábico. Essa numeração foi feita somente após a organização dos cadernos, quando o manuscrito estava

[43] Sobre as características do *scriptorium* medieval, v. Santos (1994:3-11).

acabado, como prova um erro na numeração dos fólios do caderno K (cf. Castro 1984:110).[44]

1.3 Preparo e apresentação dos fólios

Nascimento (1984:120-121) fornece informações sobre o preparo e apresentação dos vinte e um cadernos que compõem o manuscrito, como expomos a seguir.

O caderno A apresenta na margem de goteira vestígios de puncturação para a linha de cabeceira e para a delimitação da margem de pé. Há também um traço tênue, a ponta seca, para determinar a justificação do texto. A margem de pé desse caderno é uniforme.

Em todos os cadernos de B até H a justificação é feita por vinco e não por traço. A margem de pé desses cadernos não é uniforme, pois a linha desce sem um limite certo. A partir do f.° 89 (2.° fólio do caderno F) até o f.° 128, a margem de pé apresenta um traço oblíquo no meio.

No caderno I, há vestígios de justificação, e nos cadernos K, L, M, a justificação é feita por vinco, enquanto que, a partir do 2.° fólio do caderno N há justificação por traço tênue a ponta seca, que talvez seja feita pelo próprio cálamo. No caderno S, há justificação por vinco e no caderno T parece que a justificação é feita por um traço a tinta.

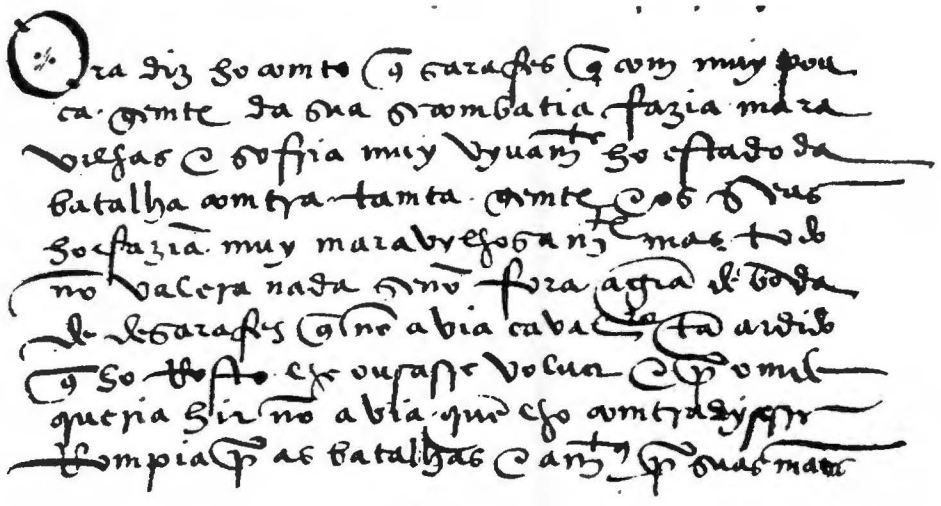
No caderno E, a margem direita é freqüentemente ultrapassada por prolongamento de grafismos de finais de letra. Mais além, do f.° 89 (caderno F),

---

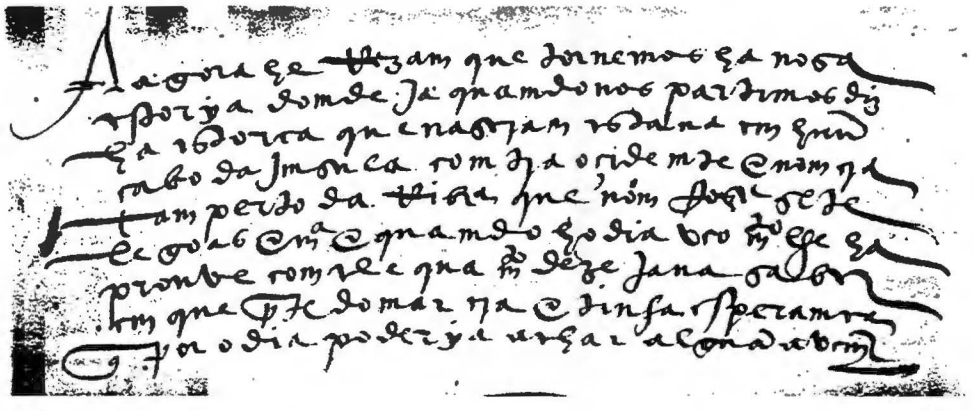
[44] Trata-se do bifólio numerado 139 e 162, mas cujo texto cabe entre os f.ºs 143 e 144 e entre os f.ºs 157 e 158, respectivamente. Cf. Castro (1984:110).

até o f.° 128 (cadernos G, H), passam a ocorrer grafismos também na margem esquerda de cada página. Encontram-se grafismos nas margens direita e esquerda também nos cadernos K, L, M e nos cadernos Q, R, V, T. As ocorrências de grafismos de ataque ou de final de letra pelas margens da direita e da esquerda parecem distinguir o caderno E, de um lado, e os cadernos F,G, H, de outro. Eis um exemplo do caderno E e outro do caderno H:

Caderno E (f.° 57v):



Caderno H (f.° 124v):



O quadro sinótico apresentado a seguir resume as informações até agora descritas e complementa-as para todos os cadernos:

Assinatura	Fólios	Traço de justificação	Vinco de justificação	Piques de justificação	Grafismos margem esquerda	Grafismos margem direita	Tracejado de pé	Iniciais de página
A	1-16	x		x				
B	17-32		x		+			
C	33-44		x		+			
D	45-55		x		+			
E	56-87		x			x		
F	88		x			x		
	89-102		x		x	x	x	
G	103-116		x		x	x	x	
H	117-128		x		x	x	x	
I	129-137	x						x
K	138-163		x		x	x		
L	164-177		x		x	x	*	
M	178-191		x		x	x		
N	192-207	x			+			
O	208-221	x			+			
P	222-233	x			+			
Q	234-247	x			x	x		
R	248-259	x			x	x		
S	260-271		x		+			
T	272-281	x			x	x		
V	282-303		x		x	x		
X	304-312	x			+			

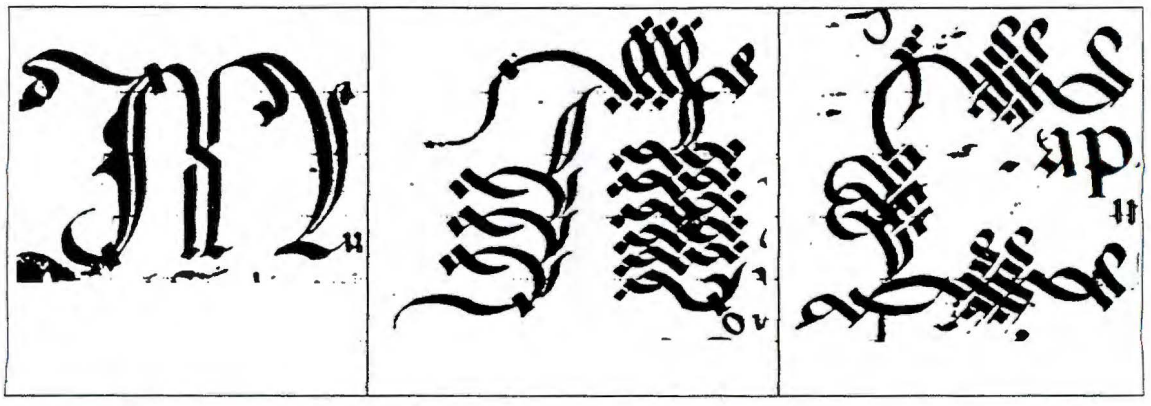
* Nos f.ºs 164, 165, 167, 169

+ Grafismos esporádicos

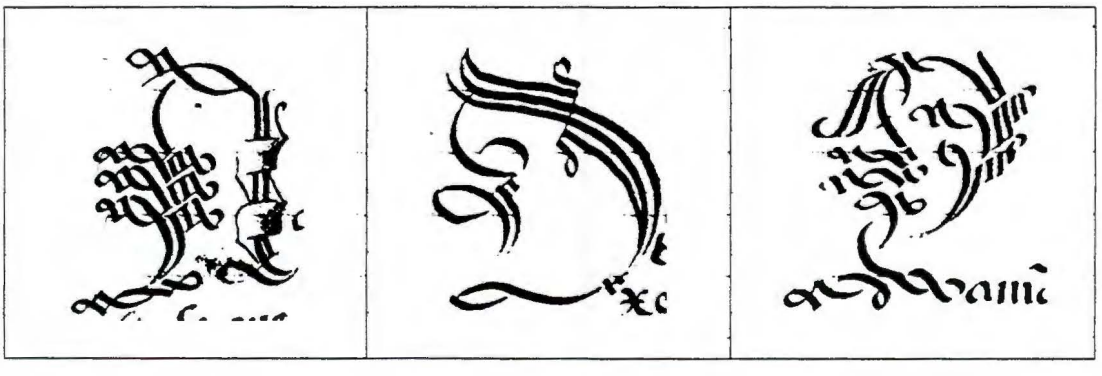
Fonte: Nascimento (1984:127)

1.4 Decoração e encadernação

O manuscrito apresenta poucos exemplos de ornamentação: 1. A folha de rosto, com L capital ornado e o título, reproduzidos acima; e 2. Algumas capitais como, por exemplo, respectivamente *M* (f.° 1r), *A*, (f.° 164r) e *C* (f.° 170r):



O caderno I apresenta uma característica peculiar quanto às iniciais de página, pois são sempre maiores do que as próprias capitais, ocupando o espaço de duas a três linhas de texto, à margem da cabeceira. Eis alguns exemplos, respectivamente *A* (f.° 129r), *D* (f.° 131r) e *L* (f.° 133r):



A autonomia de página identificada por esse processo é um outro aspecto que está mais de acordo com hábitos tabeliônicos do que com o procedimento de um *scriptorium* medieval, que concebe o livro como um todo unitário e orgânico (cf. Nascimento 1984:121).[45]

[45] A respeito da elaboração e da estruturação do códice medieval, v. Nascimento (1992:233-242; 1993:160) e Santos (1994).

A encadernação é de pele castanha escura, com as pastas impressas com tarjas que formam um retângulo e decoradas com elementos florais e medalhões gravados a ferro, que possibilitam classificá-la como do século XVI (cf. Castro 1984:122).

Nascimento (1984:125) propõe que se trata da encadernação primitiva do códice por não haver indício de recosedura de fólios, como pela preservação dos festos dos cadernos e a manutenção dos fios de articulação entre o corpo do livro e as partes dos planos. Além disso, a decoração da encadernação leva a crer que envolva uma obra não em estado provisório, mas acabado, exceto o lombo e os fólios de guarda, que substituem material anterior. O caráter definitivo da cópia se evidencia ainda por outros traços: a atenção dos copistas para não deixar espaços em branco nos cadernos, a limpidez da cópia, que apresenta raras correções ou emendas, e a execução dos títulos, na maior parte das vezes, em letra caligráfica.

2. Aspecto paleográfico

2.1 Letras e abreviaturas

O manuscrito contém quatro tipos de letra, classificadas por Castro (1984:125) de A a D:

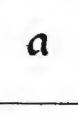
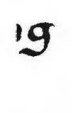
Gótica rotunda, ou bolonhesa (A), de caligrafia solene e módulo grande, usada no título. Eis alguns exemplos de minúsculas:

				
a	*e*	*i*	*o*	*u*
				
g	*h*	*l*	*m*	*p*

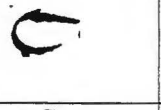
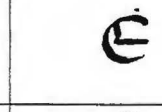
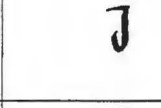
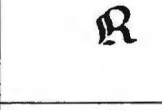
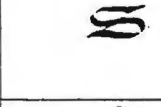
São exemplos de maiúsculas:

				
C	*E*	*J*	*R*	*S*

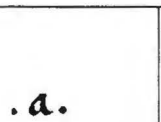
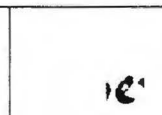
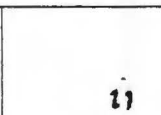
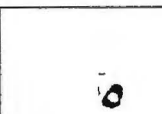
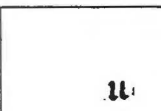
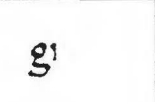
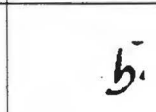
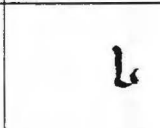
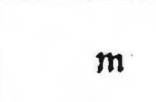
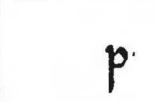
Gótica rotunda, ou bolonhesa (B), de caligrafia mais descuidada e módulo pequeno, usada na redação de todo o caderno I (f.° 129-137). São exemplos de minúsculas desse tipo de letra:

				
a	*e*	*i*	*o*	*u*
				
g	*h*	*l*	*m*	*p*

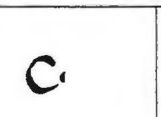
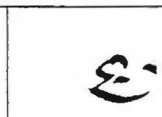
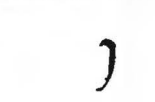
Agora, alguns exemplos de maiúsculas:

				
C	*E*	*J*	*R*	*S*

Gótica cortesã portuguesa, ou manuelina (C), de execução caligráfica, contendo elementos de escrita moderna, de tipo "cancelleresco". Usada em todo o caderno A (f.ºs 1-16). Trata-se da mesma mão que escreveu o título. Aparece também em vários títulos de capítulos. Exemplos de minúsculas são:

				
a	*e*	*i*	*o*	*u*
				
g	*h*	*l*	*m*	*p*

Trazemos alguns exemplos de maiúsculas:

				
C	*E*	*J*	*R*	*S*

Gótica cortesã portuguesa (D): manuelina cursiva comum encadeada da primeira metade do século XVI. Ocupa todo o resto do códice, exceto em títulos

onde aparece a gótica cortesã do tipo C.[46] Vejamos os exemplos, primeiramente de minúsculas:

				
a	*e*	*i*	*o*	*u*
				
g	*h*	*l*	*m*	*p*

E, em segundo lugar, de maiúsculas:

				
C	*E*	*J*	*R*	*S*

Quanto às abreviaturas do texto, Carter (1967:69-71) as classifica da seguinte forma:

Til (ou Barra): além de indicar nasalidade, serve como símbolo das seguintes letras ou combinações de letras: 1. *ar*: alu*ar*ez (folha de rosto); 2. *e*: p*e*na (f.° 274v), sobr*e* (f.° 20r); 3. *eit*: f*eiç*ta (f.° 187v); 4. *eh*: sen*h*or (f.° 3r); 5. *ẽ*: tẽpo (f.° 5v); 6.*enh*: sen*h*orjo (f.° 235r); 7. *eo*: d*eo*s (f.° 129r); 8. *er*: m*er*ce (f.° 65r); 9. *es*: ih*es*u (f.° 2v); 10. *eusae*: Jher*usa*lem (f.° 9r); 11. *eusale*: Jher*usal*em

[46] Sobre a evolução da letra gótica, ver Bischoff (1997) e Berwanger & Leal (1995).

(f.° 149r); 12. *hes*: Jhesus (f.° 131r); 13. *is*: bispo (f.° 259v); 14. *ist*: cristo (f.° 1r); 15. *it*: feita (f.° 139r); 16. *itulo*: Capitulo (f.° 2r); 17. *o*: manipolo (f.° 38v); 18. *or*: porto (f.° 121r); 19. *r*: mortos (f.° 10v); 20. *ra*: praz; 21. *re*: ygreja (f.° 39r); 22. *ri*: esprito (f.° 41v); 23. *u*: aquella (f.° 164v); 24. *ua*: quall (f.° 6r); 25. *uai*: luairas 111r; 26. *ue*: aquella (f.° 6r).

Letras sobrepostas: 1. ^{a} : verdadr.^{a} = verdade*i*ra (f.° 19v); 2. ^{da} : faz^{da} = faz*ẽ*da; 3. ^{do} : qm^{do} = q*ua*mdo (f.° 248v); 4. ^{e} : orberyq^{e} = orberyq*ue* (f.° 111r); 5. ^{i} : estp^{i}tura = estp*r*itura (f.° 3r); 6. ^{o} : p^{o}uar = p*r*ouar (f.° 19v); 7. ^{or} : C ^{or} : Co*rregedor*; 8. ^{ra} : man^{ra} = mane*i*ra (f.° 5r); 9. ^{ro} : caual^{ro} = caual*ei*ro (f.° 47r); 10. ^{ta} : Dr^{ta} : D*irei*ta (f.° 6v); 11. ^{te} : m^{te} = m*estr*e (f.° 138v); 12. ^{to} : dr^{to} = d*irei*to (f.° 21v); 13. ^{t9} : dr^{t9} : direit*os* (f.° 26v).

S sobreposto: cõp^{s}do = cõ*p*rido (f.° 136v).

Mudança de letras:

1.  .= *ser* : se*r*uo (f.° 71r);
2.  = *te* : comtinemt*e* (f.° 18r);
3.  = *cõ* : *cõ*pridos (f.° 265r), = *os* : direit*os* (f.° 26v), = *us* : me*us* (f.° 7r);
4.  = *per* : *per*demos (f.° 129r);
5.  = *per* : *per*to (f.° 261v), = *pre* : sem*pre* (f.° 21v), = p*ri* : prisão (f.° 29v);

6.  = *ver* : *ver*gonha (f.° 129r);

7.  = p*ar* : p*ar*te (f.° 121r), = p*or* : p*or*to (f.° 121r);

8.  = q*ua* : q*ua*l (f.° 288r).

9.  = e (f.° 137r).

2.2 Copistas

A distinção entre as mãos que executaram o códice foi obtida por comparação de características morfológicas pessoais encontradas, principalmente, nas maiúsculas *A*, *E*, *C*, *R*, *J*, *S*, nas minúsculas *l*, *h*, *lh*, *g*, nas abreviaturas de *ẽ* e de *e*, em sinais que marcam o fim do texto numa linha ou o fim da página e os grafismos que passam da mancha para as margens do texto (cf. Castro 1984:127). Por meio desses indícios de cunho paleográfico, é possível separar os cadernos do códice, segundo a autoria, da forma que se dispõe na tabela seguinte.

Das mãos que participaram da confecção do texto, é possível identificar a mão n.°1 como pertencente a Manuel Álvares, com base na comparação com documentos autógrafos por ele assinados - duas cartas existentes no AN/TT e um discurso em latim dirigido à rainha Isabel de Inglaterra, conservado na British Library -, uma vez que se conclui que a morfologia de algumas letras é a mesma, as assinaturas são da mesma pessoa e o sistema de pontuação e de acentuação também é o mesmo em todos os documentos (cf. Castro 1984:129).

Os outros copistas se distinguem, além da mudança de letra, por hábitos gráficos que apresentam tendências de variação. Castro (1984:135) identifica os copistas do ponto de vista gráfico a partir da observação das grafias da vibrante múltipla /r̄/ e das sibilantes apicais e pré-dorsais /s̻, z̻, ṣ, ẓ/. Com relação à vibrante múltipla, observam-se apenas variações de escrita, enquanto que com relação às sibilantes, além da variação da escrita, observa-se também a distinção ou não de grafias etimológicas. Identificam-se, por esses critérios nove mãos.

Caderno	Fólios	Mão	Letra
A	1-16	1	A C
B C D	17-32 33-44 45-54 55	2	D
E	56-65 66-79 80-87 88	3	D
F G H	88 89-102 103 -116 117-128	3^1	D
I	129-137	4	B
K	138-163	5	D
L M	164-177 178-191	6	D
N O P	192-207 208-221 222-233	7	D
Q R	234-247 248-259	8	D
S	260-271	2^2	D
T	272-281	9	D
V	282-303	3^2	D
X	304-[312]	2^3	D

Fonte: Nascimento (1984:127)

Temos de considerar, no caso da mão n.° 3 que, embora os cadernos F, G, H apresentem escrita muito semelhante ao caderno E, apresentam hábitos tabeliônicos distintos, a que já nos referimos. Assim, a proposta de Nascimento (1984:120) é que se trata de dois copistas distintos, tendo o f.° 88 foi começado pelo copista de E, que trabalhava com bifólios soltos; sucedeu-lhe um outro copista, que trabalhava com cadernos previamente constituídos; foi necessário encaixar esse bifólio incompleto ao caderno seguinte, cortando o bifólio que ficou em branco.

Cabe acrescentar a essas características paleográficas um fato gráfico que separa o copista do caderno E daquele dos cadernos F, G, H, que é a preferência da grafia *-ão* no primeiro caso e *-am* no segundo, para representar as terminações nasais estudadas.[47]

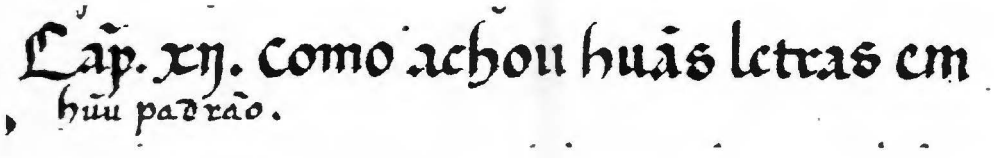
2.3 Títulos de capítulos

No presente item e no seguinte, pretendemos apresentar uma síntese das informações contidas em Castro (1984:151-154), a respeito dos títulos dos capítulos do *Livro de José de Arimatéia*. Acrescentam-se exemplos que visam a evidenciar as afirmações feitas.

Assim como variam os copistas que redigem o texto do romance, varia também a autoria dos títulos de capítulo. O caderno A apresenta títulos escritos pelo próprio copista n.° 1, que usa, na primeira linha, a letra bolonhesa caligráfica e, nas linhas seguintes, a manuelina caligráfica "cancelleresca". Esses títulos,

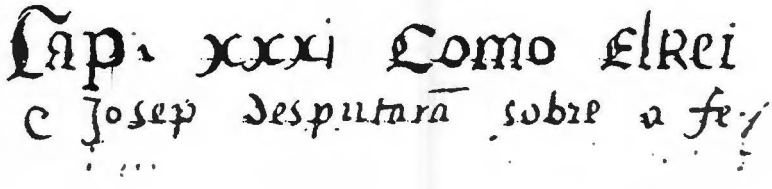
[47] Exemplos de fólios escritos por cada um dos dez copistas encontram-se no apêndice de fac-símiles do manuscrito.

assim como o texto do caderno A, foram redigidos por Manuel Álvares. Por exemplo:

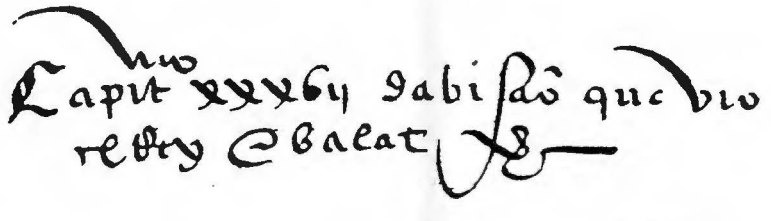


(f.° 6v)

No caderno B, os primeiros títulos parecem continuar o tipo de letra do caderno A, tendo no entanto, um aspecto menos cuidado. Pode ser a letra do próprio Manuel Álvares ou imitação de sua letra feita pelo copista. A partir do f.° 23v, o copista do caderno escreve alguns títulos e em seguida as duas letras alternam-se até o fim do caderno D. A diferença entre uma caligrafia e outra evidencia-se pelos dois exemplos abaixo:



(f.° 19r)



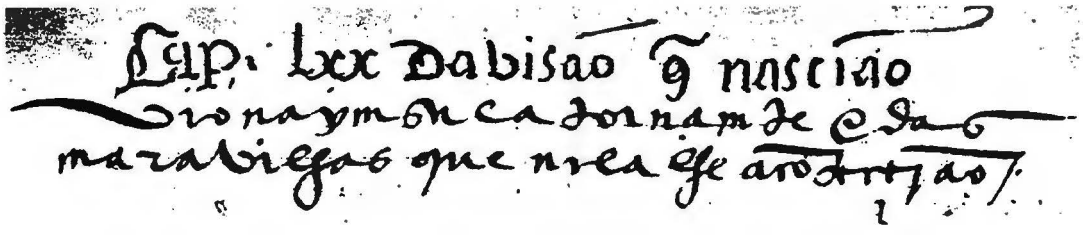
(f.° 26r)

No caderno E, os títulos, em uma letra bolonhesa caligráfica diferente da do copista n.° 1, deverão ter sido feitos inteiramente pelo copista n.° 3. Por exemplo:



(f.° 77r)

Nos cadernos G e H, a primeira linha passa a ser escrita pelo revisor, Manuel Álvares, e as demais pelo copista n.° 3[1]:



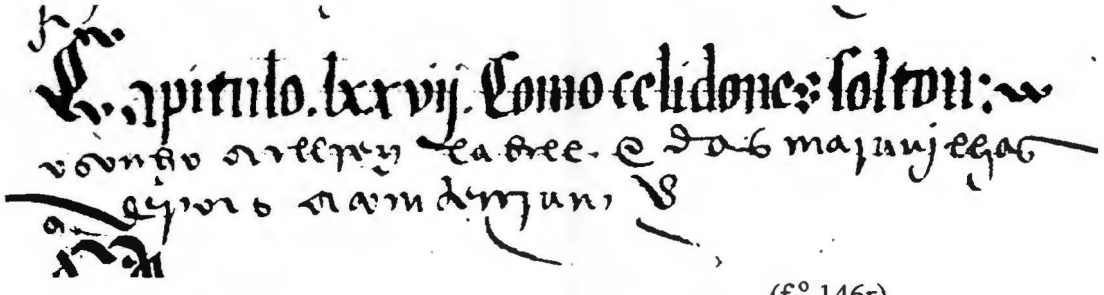
(f.° 121v)

No caderno I, é redator dos títulos o copista n.° 4, provavelmente calígrafo:



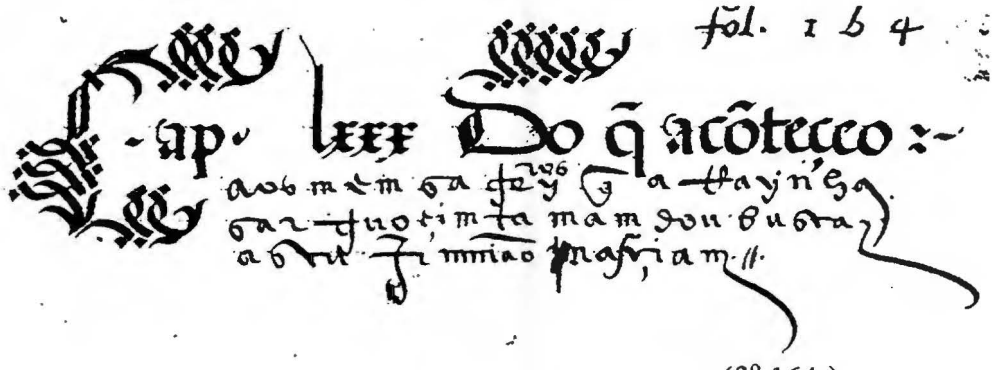
(f.° 136v)

No caderno K, o copista n.º 5 escreve os títulos em duas linhas, a primeira linha libraria e a segunda, cursiva:



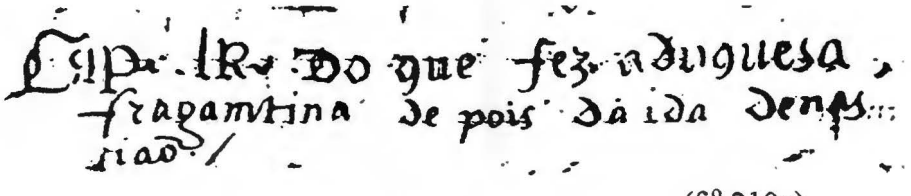
(f.º 146r)

Nos cadernos L e M, o copista n.º 6 escreve inteiramente os títulos, com caligrafia muito ornamentada:



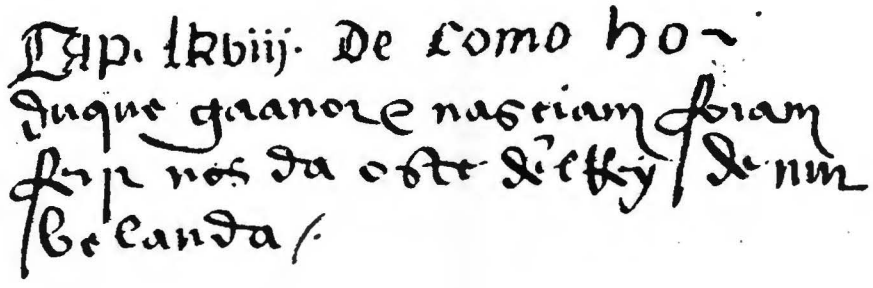
(f.º 164r)

Nos cadernos N a P, os títulos são escritos inteiramente pelo revisor:



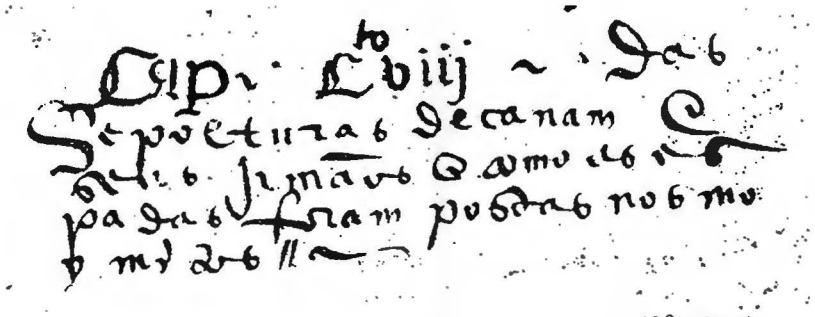
(f.º 210v)

Nos cadernos Q e R, copista n.° 8 escreve a segunda linha, o revisor a primeira:



(f.° 236v)

Nos cadernos S e X, os títulos são escritos inteiramente pelo copista n.° 2, da mesma forma que procede, no caderno T, o copista n.° 9, como podemos ver no exemplo a seguir:



(f.° 280v)

Por fim, no caderno V, ocorre o mesmo processo que já ocorrera com o copista n.° 3 nos cadernos E a H.

2.4 Emendas e revisões

Há diferentes causas para os tipos de emendas feitas propriamente pelos copistas, segundo Castro (1984:155). Podem decorrer de engano mecânico de

cópia, por exemplo, quando o copista, no f.° 98v l.8, escreve *comtor*, emenda *t* para *f* e prossegue: *comfortou*. O erro pode decorrer de má leitura do exemplar, como, por exemplo, quando, no f.° 2v l. 24, o copista confunde *D* e *h* e escreve *Duas*, que emenda para *hũa*. O copista também muda a forma de reproduzir o exemplar, por exemplo, no f.° 84v l. 10, em que, devido a razões ortográficas, emenda *ganelas* para *Janelas*. Ainda há os casos em que o copista intervém no texto, isto é, quando modifica o que, aparentemente, estava bem copiado; tal ocorre, por exemplo, quando, no f.° 2r l.16, o copista risca *obra* e escreve em seguida *estoria*. Além das emendas feitas pelos copistas, há aquelas em que há dificuldade de determinar o momento em que foram feitas.

Quanto às revisões propriamente ditas, foram feitas por Manuel Álvares e por outro revisor (especificamente no caso do caderno I), com base no texto pronto, No entanto, não são feitas uniformemente por todo o texto. Há revisões de grafia, como, por exemplo, na correção de *podeçe* para *podese* (f.° 129r l.1) e de *pemçamẽto* para *pemsamẽto* (f.° 130r l. 15), confusão de grafias apicais e predorsais comum no copista n.° 4. Outras revisões, mais numerosas, centram-se em aspectos gramaticais e semânticos do texto. Por exemplo: *inteligiueis* para *inẽteligiueis* (f.° 1v l. 23). Lacunas deixadas por copistas, por dificuldade de leitura do exemplar, são preenchidas pelo revisor, como no caso, por exemplo, de *ofemdeo* (f.° 58v l. 26) e *bardã* (f.° 59v l. 22). Tal como no caso do preenchimento de lacunas, o revisor se baseia no exemplar tàmbém nas correções de erros dos copistas, por exemplo: de *camara* para *cama* (f.° 84v l. 25), *esteve* ^{como} *fora* (f.° 95v l. 10) e *herge* ^{o} *se* (f.° 130v l. 25). Mas também há casos em que o revisor

intervém no texto do exemplar, alterando-o em relação ao exemplar, tal como na cópia fiel *quando chegaram a Jhĩlm ho anno que | foi Joseph fora Da prisam* (f.° 15r l. 23), o revisor, pela ausência da preposição *em* na passagem *ho ano que*, alterou o texto para *ha* $^{via\ hũu}$ *anno*.

Terceira parte

Exame das camadas lingüísticas do *Livro de José de Arimatéia*

Nesta terceira parte, apresentamos os fatos lingüísticos que caracterizam as diferentes camadas lingüísticas do *Livro de José de Arimatéia.* Dividimos os fatos lingüísticos de acordo com o nível lingüístico de ocorrência.

No capítulo 1, tratamos da grafemática, considerando (1) hiatos resultantes de queda de consoante, (2) terminações nasais e (3) ditongos decrescentes.

No capítulo 2, estudamos, dentro da morfologia, os seguintes fatos lingüísticos como delimitadores de camadas lingüísticas: (1) oscilação de gênero dos substantivos; (2) particípios em *-eito* em função de adjetivo, (3) adjetivos de gênero feminino terminado em *–dor*; (4) numerais multiplicativos; (5) formas verbais com a conservação de *-e* final; (6) formas verbais da segunda pessoa do plural com o sufixo número-pessoal *-des*; (7) particípio passado em *–udo*; e (8) formas verbais ora incoativas ora não-incoativas.

No capítulo 3, com relação à sintaxe, examinamos os seguintes tópicos: (1) emprego de *homem* como sujeito indeterminado da oração; (2) concordância de particípio com objeto direto; (3) negação dupla; (4) preposição *de* em sentido partitivo; (5) regências verbais não mais usadas atualmente; e (6) repetição de conjunção integrante.

No capítulo 4, apresentamos dados referentes ao léxico, divididos, conforme as classes gramaticais, entre (1) palavras de uma camada lingüística mais antiga, subdivididas em palavras de ocorrência única e de mais de uma ocorrência; (2) formas diferentes de substantivos com apagamento posterior de uma delas; e (3) palavras de uma camada lingüística mais nova.

Fazemos levantamento exemplificativo, não-exaustivo, de ocorrências contextualizadas, fielmente transcritas a partir da edição paleográfica de Carter (1967), em cotejo com a fotocópia do manuscrito n.° 643. Nos exemplos citados, seguem-se as normas de transcrição propostas por Carter (1967:65-66).[48] As passagens documentais citadas estão localizadas no texto, com indicação do número do fólio, vindo a palavra ou palavras examinadas em negrito. Observamos que, nas referências aos fatos lingüísticos estudados no corpo do texto, adotamos a ortografia recomendada pelo vocabulário ortográfico oficial.

Há que se considerar, quando falamos em diferentes camadas lingüísticas, uma das características da mudança lingüística, que, de modo geral, é lenta e gradual. Segundo Faraco (1991:28)

> ... a mudança de uma língua para outra, ou de um estágio de língua para outro, nunca ocorre de forma global e integral: as mudanças vão ocorrendo gradativamente, isto é, vão atingindo partes da língua e não seu conjunto; e mais: a gradualidade do processo histórico se evidencia ainda pelo fato de que a substituição de uma forma *x* ou

[48] Das normas de transcrição propostas por Carter (1967:65-66), indicamos somente as que ocorrem nas transcrições dos exemplos. A numeração dos itens abaixo, portanto, não corresponde inteiramente à do original: 1. Todas as abreviaturas foram desdobradas em itálico, exceto numerais romanos e o til com valor nasal; 2. A prática ortográfica medieval foi respeitada (e.g. distinção entre *u* e *v* e entre *i* e *j*); 3. Letras maiúsculas, embora usadas irregularmente, foram preservadas; 4. Manteve-se a pontuação original; 5. Todos os *S* longos são grafados como *s*; 6. Os grafemas 2 e 7 para o *e* moderno foram mantidos; 7. Finais de linha são indicados por uma barra vertical |; finais de fólio são indicados por duas barras verticais ||; 8. O espaçamento entre letras ou palavras foi geralmente considerado; 9. Letras italicizadas entre colchetes indicam que falta o sinal de abreviatura; 10. Letras romanas entre colchetes indicam que uma letra ou palavra é de leitura duvidosa, mas aceitável.

> outra (*y*) passa sempre por fases intermediárias. Há o momento (quase sempre longo) em que *x* e *y* coexistem como variantes; depois há o momento (também normalmente longo) da luta entre x e y seguida do desaparecimento de *x* e da implementação hegemônica de *y*. Daí dizer, em lingüística histórica, que a mudança não é *discreta*, ou seja, *x* não é trocado diretamente e de imediato por *y*; ao contrário, há sempre, no processo histórico, períodos de coexistência e concorrência das formas em variação até a vitória de uma sobre a outra.

Essas mudanças, acrescentemos, não constituem um reflexo imediato das mudanças sociais Conforme Mattos e Silva (2000:23):

> Sabemos também que a história das línguas não acompanham a par e passo a história sócio-política das sociedades que usam essas línguas. Seus ritmos são distintos. Se um evento histórico significativo pode ser tomado como um marco delimitador de um período histórico, para a história de uma sociedade, a língua dessa sociedade continuará o seu ritmo constitutivo e pode disso sofrer o efeito com o passar do tempo.

A partir dessa perspectiva, torna-se importante, no processo de delimitação de camadas lingüísticas, distinguir os fatos que tenham baixo número de ocorrências, ou mesmo que apresentem uma única ocorrência, daqueles que apresentam elevado número de ocorrências. Nesse aspecto, ampliamos pontos indicados por Nunes (1908), por Carter (1967) e por Castro (1984) como marcadores de diferentes camadas lingüísticas no *José*, além de levantar outros, mesmo que como hipótese de trabalho.

É de notar que pesou no estabelecimento dos critérios de classificação dos dados lingüísticos recolhidos, a leitura das provas tipográficas de um texto ainda inédito de autoria do Prof. Dr. Heitor Megale, resultante do estudo que desenvolveu em sua tese de livre-docência, obra com publicação anunciada para

breve. Interessa-nos, para esse propósito, mais especificamente, o capítulo referente ao estado de língua do único testemunho português da *Demanda do Santo Graal*, o manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena.

Capítulo 1

Aspecto grafemático

1. Hiatos resultantes de quedas de consoantes

É alta a freqüência de casos em que há representação gráfica da seqüência em hiato de vogais idênticas, resultante da queda de consoante intermédia, do latim para o português; trata-se de indício gráfico da representação de um estrato de língua mais antigo.[49] Apresentamos, a seguir, alguns exemplos contextualizados: Eem tal maneira | as deue ho homẽ **leer** que as Diga por alingoa Do oração (3r); nõ ho quis deixar na quella sua **maa** andã | ça antes lhe agalardoou em cem dobro seu seruiço (9v); q*ue* aelle nhũa cousa lhe he grave | p*er*a aquele q*ue* ho **cree** (65v); aquelle focaries | era tam **cruu** q*ue* ho nom podia homem so | frer afora hos seus (87v); po*r* yso banhara Jhe*s*u cr*ist*o nele todo | seu corpo ysto nam vestido mas **nuu** (109v); e o damaõ era ver melho | Como ho ferro quamdo say do fogo | e o do **pee** negro como ho pez (113r); mais Como omẽ | Comprido

---

[49] Segundo Maia (1997:326), "já no séc. XIII começava a verificar-se a perda do hiato formado de duas vogais iguais, embora nesse século fosse ainda mais freqüente a sua conservação." Acrescenta Williams (1973:99.2.A), quanto às vogais em hiato, que "Essa contração, que principiou a realizar-se pelo fim do século XIII, se consumou pelo fim do século XV". No entanto, em sua transcrição, Castro (1984:395) conserva as vogais duplas etimológicas, porque podiam ter ainda essa realização "no ditado interior do copista de meados do séc. XVI."

depaçiemçia he de | vmjlldade so freo **adoor** da | chagua memtes lhe durou (163v); e o guoardase asỹ como | pay deue guoardar a filho que nõ say | se da direita caReira e direita **fee** (207v); mas nesto mostrou d*eo*s tal | milagre que ha pedra que estaua em cruz | nunqua mais cobrou sua **Coor** (258v); e cayo ẽ terra de focynhos diamte perõ tam | mal treyto q*ue* nom ha homẽ q*ue* ho vyse q*ue* dele | nom tyvesse **doo** (289v).

Ocorrem com menor freqüência vocábulos indicados no item anterior já com a representação da crase. Por exemplo: 2 tais poridades sam hi quais nhũ homẽ de | ve **ler** Seante per verdadeira confisão de seus pecados nõ for lĩ | po. (3r); e deçeo Em teRa por deitar ho omem fo | ra da **ma** vemtura que sofrya por seu mão feito (23v); po*r* ho synall | da cruz que em vosa vela trazeis me pa | reçe que sois da **fe** de Jh*es*uu cr*isto* (93r); e aquele que na nuue | amdaua poslhe amaõ so fre a façe dy | reyta e o **pe** sobre ha esquerda (112v); e qũado Esto uio conheceuse q*ue* | pe cara por mal **crer** (137r); pa | Reçia a cilidones e a nasção que todo | o mumdo se ajumtaua aRedor dele | e o chorauão e faziã muy gram **do** (206v).

Nos casos em que o hiato resulta do desaparecimento de um *-n-*, há, como vestígio de camada mais antiga, maior numero de exemplos com grafia duplicada:[50] çerto em **bõo** dia seria nado ho que | por ele podese çem vezes moRer (26r); ẽtão se semtyo | mynha may q*ue* era tãb[e]m **sãa** como numca | amtes fora

---

[50] Segundo Teyssier (1990:15) a queda de -n- intervocálico produziu-se no século XI, e provavelmente ainda estava em curso no século XII. Quanto ao processo de mudança, afirma que houve primeiro nasalização da vogal que precede o *n*, em seguida, o *n* caiu, como, por exemplo, em *corona* > *corõna* > *corõa*.

(66r); e chamey duas criadas q*ue* herã comjgo | e ahuã mynha **Jrmãa** domzela q*ue* numca quys a | ver marido (70r); poys | ora me dyzede dysse el Rey do menyno q*ue* queria | na mynha camara q*ue* a seneficamça eu ha ẽtẽ | do **beem** (81r); tu dizes v*er*dade dise o omẽ **boõ** mais | ella nõ he não q*ue* se mo lhe (138v); e pose | ram homde os soteraram huuã | gramde pedra marmor **chãa** (167r); ella começou de | tyrar com huũa sua **coermãa** aqual | descobrira sua poridade (177v); mas quã | do a dona vio q*ue* nom avia hi mays | Emcobrio muy bẽ ella e sua **coJrmãa** (179r); por boa fee diseraão | eles pois vos domzela nõ soes **cr*is*tãa** (193r); el Rey foy aly | domde ho omem **boom** dormja e achouo dormỹdo | Amtre ho gouernalho (244r).

São formas correspondetes com crase: e me diseste q*ue* | te nõ demamdaria cousa de**bom** coração que ma tu | nõ deses (30r); e | dyseme filha eu sam **bem** sam da mynha | ẽ fermydade q*ue* tamto tẽpo me teve como | tu vyste (66r); que avosa fee salva to | dos aqueles que nela tem com fiãça e em | vos **crem** de quall quer perygo que seJa (125v); e o primeiro que de celidones sayr | sera bom e Riquuo e muy amigo de de*o*s e **bõ** | cavale*i*ro darmas (207r).[51]

Encontram-se ocorrências das seqüências vocálicas *eo* e *ea*, hiatos formados pelo desparecimento de uma consoante, vestígios de camada mais antiga da língua, considerando a época em que foi escrito o texto do códice n.º 643:[52] e ẽ

---

[51] Maia (1997:611) afirma que, quanto às formas de masculino representantes de étimos latinos terminados em –ONU, a existência de formas com hiato, nalguns casos apenas gráfico, prolonga-se até o século XV, apesar de o hiato provavelmente ter desaparecido da língua falada desde o século XIII.

[52] Segundo Williams (1973:35.7.A), "A modificação para *ei* não ocorreu até o início do século XVI."

| taõ se chegou a cama e tomou duas **camdeas** | que ardiaõ diamte della (27v); Eaquelas **Camdeas** erão detamtas cores que homem nom podia cuy | dar (35r); asy como | alume da **Camdea** posta sobre ho Camdieyro | nõ po de Escomder que a homem nom Veja (309r); E eles se aleuamtarão e forão la | acharão huũa a muy fremosa não toda çerqua | da de **camdeos** e estamdartes (192r); e parecialhes q*ue* toda sua vestydura era **chea** | de fogo (73r); ca sagracimta tamto q*uer* dizer como **chea** de | fee (73v); e começarão a cayr | muy gramdes gotas de samgue na boceta | ata q*ue* a boceta foy **chea** (78v); e vio aquele homem açoutar com a | quelas **coReas** que o quimto amgo tinha (33v); 2 depois | isto hou v*er*des feito heu metirey nela as Simtas he as | **coreas** quais me aprouv*er* (134v); e puxou tam | Rijo que lhe quebrou as **coreas** e lho tirou | da cabeça (238r); mas ho do meiõ avia a cortiça muy **fea** (26v).

Coexistem com os vocábulos que apresentam as seqüências vocálicas *eo*, *ea* os mesmos vocábulos já com a grafia moderna, isto é, com a inserção de uma semivogal, formas que podem ser contemporâneas da cópia quinhentista: mas aaguoa era asi **feia** como geada (6r); e loguo vierão | outros tres que tr[a]zião tres **camdeias** ardemdo (35r); e Josefes lhe deytou out*ra* || vez **acorreya** na gargamta e trouxeo po*r* todas as | Ruas da vylla (74v-75r); e depoys q*ue* foy **cheya** | foy p*er*a Josefes e vmtoulhe a chaga (78v).

2. Terminações nasais

A convergência das vogais nasais /ã/ e /õ/ em final de nomes e verbos, em direção ao ditongo [ãũ̯] é mudança que se fixa no português literário e na língua

culta do centro de Portugal no século XVI, embora o fenômeno já estivesse em processo, no dialeto padrão, desde a segunda metade do século XV.[53] Até o século XIV, a grafia *-ão* correspondia regularmente ao étimo latino -ANU, e as grafias *-an* e *-on* correspondiam respectivamente aos étimos latinos -ANE e -ANT, e -ONE e -UNT (cf. Mattos e Silva 1991:73; 1994:255).[54]

No *José*, a maior freqüência de correspondência entre étimo e grafia que o distingue se dá no caso das palavras cuja terminação deriva do latim -ANU, representada pela grafia *-ão*; é o caso, por exemplo, de *chão* (< lat. PLANUS); *mão* (< lat. MANUS); *capitão* (< lat. CAPITANUS); *irmão* (< lat. GERMANUS); e *cristão* (< lat. CHRISTIANUS) nos seguintes exemplos: 2 acha | ras hũ careiro amaão direita que te leuara as encruzilhadas das sete | carreiras no **chão** de vales bom (5v); 2 achei hũ atalho a**mão** d*irei*ta | por amais fermosa mõtanha que nũca vi (6v); mas como estaũa desacaudylhados e nõ tynhã | **capytão** *que* hos esforçasse estaũa muy espãtados (63r); e aquelle meu **Jrmão** era ho majs fermoso q*ue* | podia ser (66v); asideue o **cr*istão*** | ser posto sobr*e* as boas v*ert*udes da samta | JgreJa (140r).

No entanto, a grafia *-ão* também é uma das variantes freqüentemente utilizada para representar o ditongo [ãu̯], pelo que inferimos que o copista pode

---

[53] A uniformização completa das terminações etimológicas em ditongo /ãu̯/ já tinha ocorrido no início do século XVI. O percurso da mudança, no entanto, pode ser rastreado desde o século XIII, tomando casos de oscilação gráfica como indício de variação fonético-fonológica.

[54] Maia (1997:586) explica que a convergência de formas para o ditongo /ãu̯/ é de tipo analógico: a terminação *–ão*, no português do Centro e Sul de Portugal, absorve as terminações *-ã* < -ANE e *-õ* < -ONE, enquanto nas variedades compreendidas entre o Minho e o Douro a ação analógica terá partido de *-õ*. Outra é a visão de Sampson (1983) que, seguindo Leite de Vasconcelos, Oskar Nobiling e Jean Bourciez, afirma que a convergência em /ãu̯/ é um desenvolvimento fonológico regular. Propõe regras de mudança conforme as quais as vogais tônicas finais [-ẽ, -ã, -õ] são seguidas por semivogais, [j] no primeiro caso, e [u̯] nos outros dois, processo que se estende posteriormente para as vogais átonas finais. Fundem-se as terminações derivadas do latim –ANE e –ANU, e, a seguir, o ditongo [õu̯], resultante de *–õ*, que passa por processo de dissimilação.

tanto ter sido fiel à etimologia como pode ter empregado uma grafia de uso freqüente, sem ter atentado necessariamente para o étimo do vocábulo. Da mesma forma, em palavras que em latim terminavam em -ANT e -ANE, a grafia *-am*, em vez de etimológica, parece ser um dos processos gráficos de representar o ditongo /ãu̯/ (cf. Maia 1997:593).

Quanto à grafia etimológica da terminação nasal em nomes, além dos casos com grafia *-ão*, é de muito rara ocorrência, o que se evidencia pelo fato de termos encontrado somente *legyom* (< lat. LEGIO) como o único exemplo em todo o texto: que ele nõ formara senaõ somẽte | *pera* cobrar a dizima **legyom** dos amgos que Cairão | do çeo por A sua so berba (23r).[55]

---

[55] Quanto aos ditongos nasais em final de nomes, há uma quadro elucidativo proposto por Vasconcelos (1926:146) e aqui adaptado:

	1	2	3
época A (lat. vulg.):	-ONE	-ANU	-ANE
época B (pré e proto-hist.):	*-õe*	*-ão*	*-ãe*
época C (até o séc. XIV):	*-õ*	*-ão*	*-ã*
época D (séc. XIV-XV):	*-õ, *-õo*	*-ão*	*-ão*
época E (do séc. XV-XVI em diante):	*-ão*	*-ão*	*-ão*

Como podemos constatar na tabela acima, a terminação -ONE transforma-se em *-õ*. Antes, deve ter havido síncope da consoante intervocálica, produzindo formas em *-*õe*, hipótese que parece confirmar o topônimo *Fondõe*, atual *Fondón*, identificado por Maia (1997:602, n.2) em documento galego do século XIII (1269 C 4). A terminação -ANU resultou em *-ão*, devido à síncope do -N-, que nasala a vogal anterior (cf. Maia 1997:589; Huber 1986:139). Quanto a -ANE, após a síncope do -E final, o -N- torna-se traço de nasalidade da vogal precedente (cf. Williams 1973:59). Admite-se uma forma **ãe*, resultante da síncope de -N-, que depois evolui para *-ã*. Com relação a *-ã*, Maia (1997:585) afirma "Que efectivamente a evolução se deve ter processado neste sentido parece comprová-lo o aparecimento, nos textos galegos agora publicados, de alguns topónimos ... com a perda de -N- e conservação da da vogal final". Cita: *Candãe*, *Meylaen* e *Romaen*. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, que é amplamente citado como um *terminus ad quem* da convergência para o ditongo /ãu̯/, encontra-se a ocorrência da grafia *-am* em formas provenientes dos étimos latinos -ANE e -ONE. Como resultado de todos esses processos de mudança, a uniformização completa das terminações etimológicas em ditongo /ãu̯/ já tinha ocorrido no início do século XVI; como afirma Teyssier (1990:46): "o estado da língua moderna nesse ponto já estava definido por volta de 1500".

Quanto às terminações verbais, há exemplos menos freqüentes de correspondência entre o étimo -UNT e as grafias *-õ* e *-om*, como são os verbos *maravilharõ*; *quiserõ*; *dixerõ*; *partirõ*; *derõ*; *matarom*; *forom*; *combaterõ*; *houzarom*; *fallarõ*: e quamdo os Çidadoes os virão | **maravilharõse** muito (17r); mas eles numca me **quiserõ** ver nem me || **quiserõ** conhecer (31v-32r); e **dixerõ** me q*ue* se | era e **partirõ** me os membros (32v); por gramdesbẽs | q*ue* lhe eu fizera me **derõ** eles tal galardaõ (32v); e **matarom** lhe muy tos caualeiros que hião de | saramgados (49r); e ememtes forom | no alcamço sairão os do castelo e **combaterõse** | com aq*ue*les que guardauão as temdas (49r); pero no | m **houzarom** pa[s]ar ho mamdado de deos (129v); Asy ficarão aquele Dia que mais hy nõ **fallarõ** (261r).

3. Ditongos decrescentes

Parece serem característicos de uma camada mais antiga do português ditongos decrescentes em que a semivogal do étimo ocorre na sílaba precedente. A ocorrência desses casos apresenta freqüência mais elevada, se comparada aos casos em que, nos mesmos vocábulos, o ditongo crescente do latim foi recuperado (cf. Mattos e Silva 1991:67). Das formas características da camada lingüística mais antiga, são exemplos: este senos nõ so fremos outro sy **marteiros** por ele | como ele fez por nos (25v); e hũ | tinha na outra mão hũa aRedoma e outro na outra hũu | **Emçemçairo** e hũa cousela (34r); depois que aqueles dous forom fora sairão tres que | trazião tres **emçemsairos** douro alumiados de Ricas pe | dras preçiosas (35r); que este he a q*ue*le | que Dauid dise no **sal teiro** que d*eos*

mamdou a seus amgos que ho guar dasem Em todos hos lugares omde | ele fose (35v); mas ebalac por ho **comtrairo** aviaho | maior p*raz*er que podia ser (55r); e os seus | fizerã muy bem seu mãdado e RiJamẽte fery | rão ẽ seus **cõtrairos** (56v); e dyse sarafes que ño feryse se nam | depoys q*ue* hos vysse ẽ voltos cõhos **cõtrayros** (62v); que asy | diz david em o **salteyro** omde se tra | balhou de louvar ad*eo*s que ele so fre | ho pecador e goberna os orfaaos (97v); nom podia ser que hũ nom fose no outro emvol | to com **desuayradas** maneyras (119v); ay m*ui*ta copia de | pedras que os **lapidayros** chomam ay mamtes (121r); aq*ue*la espada era de **desuayrada** | feytura (126r); nẽ deue ser em pecado | por **desvairados** pẽ samẽt*os* amte deue | hir d*irei*ta careyra q*ue* lleua ho omẽ ha | companhia dos amgos (151r). Vejamos agora exemplos das mesmas palavras com o ditongo crescente do latim recuperado: e os Ramos q*ue* as gemtes to | mavã synyficã os membros de cr*isto* q*ue* cada | hũu po*r* sy Recebeo **martyrio** (80v); e vio comtra sy deçer | huã avee e era tam gramde e tam | **desvaryada** que numca tall avira (103v); po*r* que todos eram **comtraryos** os huŝ aos outros | nom podia ser que hũ nom fose no outro emvol | to com desuayradas maneyras (119v).

Capítulo 2

Aspecto morfológico

1. Substantivo

1.1 A oscilação de gênero dos substantivos

Alguns substantivos apresentam flutuação de gênero no texto estudado. Esse fenômeno pode ser vestígio de camada lingüística mais antiga, visto que, no português arcaico, confirmam-se mudanças de gênero nos vocábulos terminados em *-agem* (< fr. ou prov. *-age*) (cf. Mattos e Silva 1993:18; Paxeco [19-]:78): Aquelle josafes passou **ho linagem** | deseu paay alem mar honde ora anome Jngaraterra que en taão | lhe chomauã agrã bretanha (8r); deçem | deo **ho muy alto linagem** que prezarõ e omRarom | ho nome de jh*e*suu cr*ist*o em todo seu poder (31r); e asy ho diz ho glorio so croçofixo ao | prym*ei*ro e ao derradeyro do **precioso lynhagẽ** mos | trarey eu as mynhas maravyllias (79r); que des emtam se trabalhou de emganar | ho terreall **lynagem** p*er*a que nom fose aq*ue*le | lugar domde ele fora deytado (128r). Predomina, no entanto, o gênero feminino para *linhagem* nos seguintes exemplos: podereis con | hecer seu nome 2 at*er*ra Donde he 2 grã parte de **sua linagẽ** (2r); Equãdo veyo | comecei ale[r] oliuro 2 achei ho começo d**eminha linagem** (3v); 2 achei a vida de | muitos d**eminha linagem** 2

seus nomes (3v); e se fose villão o faria traidor diamte toda **sua** | **linhajem** (46v); aquela molher nasera de **tua linhaJem** (133r); que seria madre de *deos* 2 que seria | de **sua lina Jem** (133v); sa | lamão abemta virgem nõ sera ffim de **tua linaJem** (133v); ouues t[u] caualei | ro bem avẽturado queseras fim de **minha linha Jem** (135v); Comtoulhe to da a *ver*dade **dasua** | **linagẽ** (139v); tempo ha *que* eu conheço **tua** | **linagẽ** (144r); po*r* Remjr a perdurauell destroiçam **da** | vmanall **linagem** (140v); e | lhe apraz que **daquela linhajem** seja a terra povoada (197v); e sabe bem | çedo [a] veras samñ e ledo na terra que d*eos* | prometeo a ti e a **tua linhajem** (198r); e por **esta linhajem** a tirou | de framçes e a treladou Ruber de bur | bom de latim (199r); e aquele que hera desle | all e folão e de **ma linhajem** (202v); que quer synifar o oitauo de **tua** | **linhajem** que te pareçia ẽ forma de | cão (209r); senaão por o derradei*r*o caval*ei*ro | **da linhage** de nasçiaõ (232v); ataa que veja o bom caualeiro ho noueno | **da linhajem** de nasçiam (253r); que aquele foi ho que | decemdeo **da linagem** de çelidones (265r); e agora | se cala a estorea de todas **estas linãges** que de | çelidones sairão e torna Aos Outros Ramos (310v).

Também varia o gênero de *narizes*, que ora é palavra masculina ora é feminina: e ferio com ela aymajem da polo taõ Riga memte no | Rosto que lhe britou **os narizes** e o braço direito (45v); aq*ue*la hora q*ue* | ho trouxerã hya se ho samgue d**os narizes** a | Josefes ẽ tal maneyra q*ue* lho nã podia estãcar (297v); e ho deRibou no chão homde se lhe esfolou | o Rosto e **as narizes** (202v).[56]

[56] Com relação a este último exemplo, diferentemente da leitura de Carter (1967), a nosso ver, a leitura do manuscrito poderia ser também *os narizes*.

2. Adjetivo

2.1 Particípios em *-eito* em função de adjetivo

É vestígio de camada lingüística mais antiga o particípio passado terminado em *-eito* de alguns verbos, a forma forte do particípio, que convive com o particípio regular, forma fraca, em *-ado* (cf. Tavares 1942:28).[57] A alternância entre terminações de particípio passado ocorre fundamentalmente com os verbos *colher*, *tolher* e *tratar*. Podemos constatar que o número de ocorrências das formas características de uma camada mais antiga é bastante mais elevado do que as formas que persistem na língua. Com o verbo *colher*, há apenas uma ocorrência com *-eito*: e a ma dezaReigada e **co** | **lheita** (216r). Não encontramos formas desse verbo com a terminação *-ido*.

Vejamos, a seguir, as ocorrências de *tratar* com *-eito*: e naçeo Em teRa sam memte quue | a virgem nom foi mal **treita** nem ao Emtrar nem | ao sair (24r); e tamtos forõ hi mal **treitos** quã | tos eu nõ saberia dizer (54v); aly | acharã nabor ho senesçal del Rey tolomer | *que* Jazia ẽ tẽrra mal **treito** e ferido (63v); ay dona dise el Rey como sa | bedes vos que ele he tam mall **treyto** (94v); e quamdo os que ho | acharam ho viram tam mall **treyto** (113r); *que* | Ja mais abramqueJumbre de sua | vergimdade nõ foy pejorada nẽ mall **treita** (147r); abelldade da quella

---

[57] Segundo Piel (1989:238) "... a língua tende a substituir as formas fortes [do particípio passado] por fracas ... Outro tipo que merece ser apontado é o em *-eito*: ant. *colheito*, 'colhido' < COLLECTUM (*encolheito*, *recolheito*), *beeito*, 'bento' < BENEDĬCTUM, *ereito* < ERECTUM, *eleito* < ELECTUM, que serviram de modelo a *tolheito*, 'tolhido', *cozeito*, 'cozido' e *coseito*, 'cosido'. Com outra vogal latina, havia, ... *treito* < TRACTUM (e *contreito*, *maltreito*), ...".

froll | nũ qua foy mall **treyta** nẽ pejorada (147r); e | heras dela tam mall **treito** que te nõ podias | mouer de hum lugar senão com grande pena (227r); em maneira que a suua virgim | dade nom foy mall **treita** nem piora | da (229r); asy que ca | yo muy mall **treito** e nom se pode erger (238r); em tal maneira que vosa carne nom | seja mal **treita** nem Com fomdida por ho pe | cado de luxuria (262v); começou de | ho oulhar q*ue* lhe pareceo que hera muy mal **treyto** (283r); e vos vejo doemte e pyor | **treyto** do q*ue* numca vy homẽ (283v); ho pos ẽ terra tã mal **treyto** q*ue* a duro se podia | erguer (289r); e cayo ẽ terra de focynhos diamte perõ tam | mal **treyto** (289v). Eis agora exemplos, mais raros, com o sufixo *-ado*: e sabey q*ue* desta vez foy agẽte | de sarafes muy mal **tratada** (58v); quamdo ho alcayde vio que to | dos eram po*r* hũ so homẽm mal **tratados** (90r); po*r* q*ue* via perto | desy duas naõs q*ue* ho vemto e ha | tormẽta traziã mall **tratadas** | po*r* omar (143v); e se vio tam mal **tratado** || Em maão de tal omem que ho matarja | se lhe nom pedise merce (238r-238v); sabedes po*r* q*ue* | este homẽ he tã mal **tratado** (283r).

Outro caso de convivência de particípios forte e fraco ocorre com o verbo *tolher*; com maior freqüência ocorre *tolheito*, ao lado de uma única ocorrência de *tolhido*: e numca se hi omem asemtou | que ho nõ alevamtasem dela mor to ou **to lheito** (36v); e nõ | sabyã domde nẽ como tã tos ouue hy de mortos | e de samdeus e de **tolheytos** (75r); em | tal guysa solta *deo*s os presos e emde | remça os seus quamdo tem seus membr*os* | **tolheytos** (98r); el Rey arfasão vyveo depoys dez añ*os* | q*ue* nũca depoys pode sarar ãtes foy sempre | **tolheyto** (303r); depo[z] el Rey lambor Reinou depos ele seu | filho que foi **tolheito** de ambas as Coxas (304v); e por aquele tolhimemto | foy depois chamado **tolheito** e chamarõ no

tolheito | por que depois numqua pode sairar da quella cha | ga Ata que o muy bom Caual*ei*ro galaz o filho | de lamçarote o veio ver (304v); e outros quã | do ho levauão nõ hião muy lomge que nom fosem | **tolheitos** ou por Avemtura ou por Outros Caua | lleiros (305v); p*er* ho | bautismo os filhos de d*eo*s sam limpos || E **tolhidos** das mãos do emjgo p*er*durabell (152v-153r).

2.2 Adjetivo de gênero feminino terminado em *-dor*

Encontra-se um exemplo de adjetivo terminado em *-dor* de gênero feminino, o que corresponde a vestígio anterior ao século XV:[58] que foi tolheito de ambas as Coxas de | hũa lamçada que lhe deu O Caual*ei*ro das duas es | padas com a lamça **vimgador** (304v).

3. Numeral

3.1 Numerais multiplicativos

Podem ser marcas de camada mais antiga as ocorrências de numerais multiplicativos em que, ao cardinal, associa-se a palavra *tanto* (Coutinho 1974:250; Vasconcelos 1926:305): 2 pareceome q*ue* vi os olhos | claros **cento tanto** como ante (2v); Ese aclaridade era ãte | grãde **cento tanto** foi mayor então (3v); e bem pareceo a jose | fes que a arca era **çemto tamto** mais larga do que

[58] Segundo Maia (1997:661), os adjetivos terminados em *-dor*, na documenação por ela estudada, apresentam, num período mais recuado, em geral, uma forma única para os dois gêneros. V. tb. Vasconcelos (1926:112).

soya (33v); e no tempo que ela hy | foy era **Çem tamto** mais fermosa que | agora quamdo avyste (98v); e viste que hera mays | vermelha **cem tamto** que nenhuũa das outras (227r);[59] e eles ão bem **duastamta** || gemte que nos (53r-53v); e seamte el Rey sofreo | pena **mjll tamto** lhe foy esta (106r).

4. Verbo

4.1 Formas verbais com a conservação de *-e* final

Bastante raras são as formas verbais com a conservação do *-e* final, como, por exemplo, a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *fazer*. As formas não apocopadas eram muito freqüentes nos séculos XIII e XIV, tornando-se depois, gradualmente, arcaísmos: agora sey quevos **fize** torto ese | me mall vier bem ho mereçy (107v) (cf. Maia 1997:732).[60]

4.2 Formas verbais da segunda pessoa do plural com o sufixo número-pessoal *-des*

Dentre as marcas gramaticais de um estado de língua mais antigo, um dos fatos marcantes da passagem do português antigo para o português moderno é a síncope do *-d-* na desinência de 2.ª pessoa do plural (cf. Vasconcelos 1926:186; Teyssier 1990:32). Esse fato caracteriza a evolução das desinências resultantes das

---

[59] Segundo Vasconcelos (1920:17), a forma plena *cento* empregava-se a par da abreviada *cem* até fins do século XV. V. tb. Vasconcelos (1926:297).

[60] Segundo Maia (1997:793), "as formas do perfeito *fige*, *figeste*, etc. devem ter tido bastante vitalidade na fase arcaica da língua; no século XVI elas já haviam desaparecido da língua literária comum , conservando-se como arcaísmos na linguagem popular."

terminações latinas -TIS e –TE.[61] Na língua literária, é a partir do fim da primeira metade do século XV que se reduz acentuadamente a freqüência das formas com *-d-*, substituídas pelas formas sincopadas. Perdura o uso da forma antiga em Gil Vicente, cuja obra se estende de 1502 a 1536, como recurso estilístico caracterizador das personagens femininas e idosas;[62] porque, conforme explica Castro (1991:247)

> todos (...) tinham abolido da sua competência linguística activa aquele [-d-], embora o reconhecessem como um arcaísmo. Só assim se explica que recorressem a ele como marca para uma traição imediata da idade, da incultura, ou da imobilidade de algumas personagens.

No *Livro de José de Arimatéia*, há alta freqüência de formas verbais da segunda pessoa do plural com o sufixo número-pessoal *-des*, que concorrem com a forma sem o *-d-*. Conforme Carter (1967:62), "In the *Liuro de Josep Abaramatia*, both forms occur in a ratio of well over three to one in favor of the old."[63]

---

[61] A desinência latina –TIS, que indicava em latim a 2.ª pessoa do plural de todos os tempos da voz ativa, salvo no pretérito perfeito, sofre sonorização da consoante intervocálica -T- na passagem para o português, tornando-se *-d-*, que permanece por vários séculos no português arcaico (cf. Williams 1973:175). Conforme Mattos e Silva (1989:343), a passagem de *-des* a *–is* explica-se pela supressão do -d- intervocálico, seguido de ditongação e, dependendo do contexto, há ocorrência de crase, como demonstram exemplos do presente do indicativo: a) amades → amaes → amais; b) devedes → devees → deveis; c) partides → parties → partiis → partis.

[62] "Ora, se no tempo de D. Duarte, já predominavam as formas sincopadas, ná época de G. Vicente essas formas só se explicam como artifícios literários para caracterizar, no seu teatro, segundo a lição competente de Paul Teyssier, 'certains personnages féminins qui constituent, malgré leurs diversité, une famille bien caracterisée'" (Bechara 1985:25).

[63] O exame deste fato lingüístico indica que um estudo mais aprofundado do comportamento dos copistas separadamente faz-se necessário, uma vez que "os vários copistas comportavam-se com graus desiguais de respeito pela linguagem do exemplar, o que é patente no caso do -d- intervocálico da segunda pessoa do plural" (Castro 1984:357).

Apresentamos, a seguir, exemplos do fenômeno em questão em verbos das três conjugações regulares, segundo o tempo e modo verbal em que ocorrem, atentando principalmente para os casos que apresentam variação.

Presente do indicativo: 1.ª conjugação: q*ue* aquelle mesmo he | o q*ue* vos **chamades** y*he*suu Cr*isto* (191v); *senh*or | **cuidades** vos q*ue* este foguo dure m*ui*to (281r); q*ue* vos | vos partydes de mỹ e **leyxades** me soo (298v); q*ue* vades tirar | a desleal ymagẽ q*ue* todo ho dia **oulhades** (81r); certo *senh*or disto que me vos **Rogades** (286r); *senh*or | po*r* que nom **chamais** voos algũ destes homeẽs | boõs (259r); joseph quanto **cuidais** vos que jouuestes | nesta prisaão (14r); e dyse | lhe ay Josefes poys q*ue* me vos asy **leyxays** (297v); pois mais vos **pagaes** de trabalhos | que de viços (193v); se vos Comiguo nom **tornaes** eu te perdoo (203r). 2.ª conjugação: que vos nõ agradeçe quoã | to por ele **fazedes** (221r); ysto **mereçedes** vos muy çedo (214r); ysto **podedes** bẽ ver | por estes que nom quizerão lexar | suua falsa fe (232r); e que **queredes** vos que fa | ção destes corpos (232r); bem **sabedes** vos que o çervo | quamdo he velho se torna mãçebo (273v); S*enh*or dyse perõ vos **fazeys** po*r* mỹ a cousa do | mũdo q*ue* eu mays desejaua (292v); q*ue* bem **mereceys** cayr ẽ tão gramde | homrra como esta (295r); p*er*deo seu Jrmaão | q*ue* mays amava do q*ue* vos **podeys** amar a esse (64r); amygo asy vos | **quereys** hyr soo E tão ẽfermo como somdes (282v); hodia que agrã marauilha | foi soada daquelle que vos **sabeis** (6r). 3.ª conjugação: asy como **ouvides** pasou | Calafer desta vida amorte perdura | vel (114v); e eu vosa ovelha q*ue* vos | vos **partydes** de mỹ (298v); do mumdo e do dy | abo aquẽ homrrades e **s*er*uydes** (70v).

Pretérito imperfeito do indicativo: 1.ª conjugação: ho fillosofo quue | vos tamto **amauades** e **homrra** | **vades** (178v); que vos deu quãto | Vos **pemsauades** (265r); vos somdes | muy mal ẽpeçonhado e por yso nõ **saravades** (285r). 2.ª conjugação: e vos hos mãçebos que **deviades** de querer vosa proll a todo voso poder (188v); e **deziades** | tais cousas dormjmdo (244v); quamdo tuu e naseram **Jaziades** | desacordados (99v); e sabede que mais fermosa nem verda | deira visão nom **podiades** ver (241v); parece me *que* nom somdes ledo | como **soyades** (288r); em tall que me enssinasse ho lugar honde vos || **Jazies** em prisaão (14r-14v); q*ue* me **vies** na teRa mas agora nõ me veredes hy (32v). 3.ª conjugação: que | rya saber se **dormiades** (208r).

Pretérito mais que perfeito do indicativo: 1.ª conjugação: e se com eles | **Emtrarades** matar uos hia | no mar (190v). 2.ª conjugação: selhe nom **fizereys** esta promesa (170r); e **morerades** hy e lleuar vos ao ymferno (191r);.

Futuro do presente do indicativo: 1.ª conjugação: jamais nõ **acharedes** | quem vos daquy tire (193r); e vos **ficaredes** asy como | gemtes dos Jmjguos (154v); e vos **lyaredes** o cabo ẽ hũu sesto | ho milhor q*ue* puder des (176v); eu vos seguro e digo v*er*dadeyra | mẽte *que* vos **sararedes** (300r); **tornaredes** ha || Persia domde vos tirou ellRey labell (162r-162v); e asy **acabares** a vosa gueRa (49v); q*ue* Ja mais não | **achareis** omẽ memtir como elles (144v). 2.ª conjugação: e nelle **moreredes** e Jredes aoym | ferno (162v); e voso *senh*or **poderedes** ver ajmda oje (246r); Emtão **saberedes** se he viçoso | se Lazerado (262r); quue | me **tolheredes** agroria Em que Eu são Alumiado | das espretuais demostraçoes (34r); eu guisarei minha fazemda asim como vos | **veredes** (134r); por que Em trabalho **Comereys** || Voso paão (23r-23v); bem sey que **conheçereis** os meus (99r); e po*r*

aquy **emtemdereis** q*ue* po*r* | guiar vos dos periguos do mumdo (274r); ally | **poreys** ho escudo q*ue* aly vyra ho bõo cavale*i*ro (298v); muy sedo o **sabereis** dise ela (136r). 3.ª conjugação: e vos **yredes** a vosa | capella (282v); vos **sajredes** dahy | muj sedo (191r); Como | adiamte **ouujres** (52v); Equando | Comyguo quyserdes fallar **abrireis** haarqua (16r); depois **Ouujreis** Como suamadre || depois que ouue seu filho ficou virgem (22r-22v); 2 vos **partireis** sem ouro 2sem prata (14v); q*ue* nom **pedireis** cousa q*ue* vos | não demos (182v); mas por palauras que depois dira **podereis** con | hecer seu nome (2r).

Futuro do pretérito do indicativo. 1.ª conjugação: e vos e voso padre me disestes | que me **daries** tall comselho p*er* que Eu vemçeria (47v). 2.ª conjugação: e se v*er*dade ffosem vos | **fariades** m*ui*to por nos (188v); nom **poderiades** vos hi ser (190v). 3.ª conjugação: nom **ouujriades** senam graã quebrar | de lamcas (250v); vos lhe prometesses q*ue* ho | **servyriades** (213r).

Presente do subjuntivo: Eu | quero q*ue* vos me **ajudedes** (257v); e sabedes | por que noso *senh*or quer que vos nõ **apartedes** || de nos (213v-214r); eu vos peço que me | **dedes** vosa ffilha por molher (182v); que vos | ẽtredes na barquua e me **leixedes** | na pena (195r); agora vos Rogo dyse lamec | q*ue* **tomedes** mynha filha po*r* molher (292v); ora vos Roguo que me **Ajudeis** a esta gueRa (51r); am | te que deam tre nos vos **aparteys** (164v); e o **deis** quamdo vos falleçerdes (263r); Rogo vos | q*ue* me **leyxeys** hyr com vosquo (282v); eu vollo mostrarei com condi | çam que me nõ **queimeis** nem me **enforqueis** (12v). 2.ª conjugação: que por sua piadade vos mostre por omde | **deuades** pasar (271v); aguora vos pregum | to que me **digades** como pode esto ser (226r); agora | vos Rogo eu q*ue* **façades** huũa peça do q*ue* vos eu | Rogar (292v); porem vos Roguo que me **queirades** defemder

a | teRa devosa yrmã (51r); por esto vos Rogamos que | ho **sofrades** (260v); q*ue* nom somdes vos tays q*ue* **devays** | deouujr suas samtas palavras (70v); Roguo po*r* de*os* e po*r* me comfortardes | q*ue* me **digais** *que* senjfica (138v); e outro go uos q*ue* **façais** todo | o q*ue* vos acomselhou (154r); e pois vos acho quero vos leuar quer **quey** | **raes** quer naão (202r); eu | vos Roguo e peço que vos no começo **sofraes** mujto (53r). 3.ª conjugação: que vos a guardedes e **syruades** e homredes | Como s*enh*ora tereall (255r); bem **venhades** bom seruo | de jh[*es*]u cr*isto* o mylhor cavale*iro* damtre | cr*ista*ões (204v); Rogo *vos* | que nom **venhaes** aquy mais (101v).

Pretérito imperfeito do subjuntivo: 1.ª conjugação: s*enh*or dise el | Rey eu querja que vos me **acomselhasedes** (254v); e d*eos* o emviou | a vos p*er*a que vos **bautizasedes** (270v); e fazia | vollo ver em semelhamça | de barqua p*er*a que hi **emtra** | **sedes** mais seguros (190v); mj | lhor q*ue* se amte vos **omatases** (162r); ate | que vos ele mamdase que **chegaseis** | a vosas molheres (213v); e se vos **cujdaseis** que eu por mỹ o fazia | seria necidade (252r). 2.ª conjugação: ca eu nõ cuydo | que comtra ele **podesedes** durar (288v); se vos **soubesedes** tamto que | me soubeseis sarar Eu vos farei Riquo para | sempre (268v); q*ue* bem vos diguo q*ue* faria | quamto **quyseseis** (175v); se vos soubesedes tamto que | me **soubeseis** sarar Eu vos farei Riquo para | sempre (268v). 3.ª conjugação: que serya gram avemtura se vos jamays | dahy **saysedes** sahos e viuos (192r).

Imperativo: 1.ª conjugação: s*enh*or dise nasciaão | por d*eos* **aeomselhade**me que faremos des | tes corpos (204r); ora **ẽtrade** Em meu | lugar que eu ficarey por vos na pena (195r); e **guardade** este | bom escudo e çerto aimda vos aviram mujtas | maraujlhas aquy e em out*r*a parte (255v); Aguora

Oulhade que pode | remos fazer (307r); e **Rogade**ho *que* ele | po*r* sua pyedade vos defemda (69r); **tirade** os ellmos e | conheceruos ey (246r); **tomade** me este e catade como nõ esca | pe (250v); *senh*or dy | serão eles **aComselhai**nos vos (195r); dise lhes huũa voz **emtray** na não pecadores que ele vos leuara a terra (218r); e amtesvos **guarday** de fazerdes tal cousa (53v); pois ora vos **olhay** que nõ ty | reis as suas samdiçes (32r); *senh*or disse vespesiano si podeis **Rogay** aeste caua | leiro (11r); ide dise ho emperador hasy | nha **tirajo** (178v); por deos e | po*r* mesura **tomay** vos de mỹ pyedade (284r). 2.ª conjugação: e **bebede**o cada dia com | sospyros e cõ lagrymas (69r); **dezede** que ley tem | des E se nos nos tornaremos vos[o]s (193r); aguora os **fazede** soterrar | como vos ja dise (233r); mais **sabede** q*ue* jaa taes ma | raujlhas nom fizerã se nom fora agra | Ca de noso *senh*or (239r); **trazede** me todos os Emfermos | da villa (268v); e coRegey | vos em vosas vidas senom queredes | ser destroydos (218r); **dizey** o que he q*ue* eu vos direy | o q*ue* noso senhor nella me mostrar (155v); q*ue* | se lhe bem fizestes agora lhe **fazey** cem tãto (291r); mas **sabey** | bem que ella era amais desemelhada dequantas bestas no mũ | do sam. (5v); aguora me **trazey** ca | acelidonjs (148v). 3.ª conjugação: e **cobride** ho meu cavalo | ẽ maneyra q*ue* se não conheça (286v); e ẽ tão ho cavale*i*ro bramco dey | xou tolomer e começou adizer **feride**os (61v); e elles diseram | **pidide** q*ue* nom pedireis cousa q*ue* vos | não de mos (182v); **saide** | daquy cristaos qua vos caistes ẽ pe | cado (163r); **seguide** os | Ataa a cidade e metede uos com elles dem | tro (251v); pero **pedy** ho q*ue* quyse*rr*des | e dar uolo hey (292r).

4.3 Particípio passado em *-udo*[64]

O levantamento das ocorrências de verbos da 2.ª conjugação no particípio passado que ocorrem no *Livro de José de Arimatéia* aponta para uma freqüência significativamente maior da terminação *–ido* a par de raras ocorrências de *–udo*:[65]

Apresentamos os únicos exemplos de *-udo* encontrados no códice ao lado de alguns exemplos de particípios passados com o sufixo *–ido*, que ocorre com elevada freqüência: que huũa das tres | pesoas ouuese ymteira deiidade hũu nem huũa | das outras fose **mamteuda** (42v); pois verdade he que osdous | nõ são nada

[64] "Outra característica que marca o período arcaico é o <udo>, particípio passado dos verbos regulares da 2.ª conjugação, cuja vogal temática é substituída por <i> tal como a dos verbos da 3.ª. Na versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório* só ocorre <udo> (101 oc.); já na versão de 1416 da mesma obra ocorre <ido> (65 oc.); no *Leal Conselheiro*, da 3.ª década do século XV, <udo> aparece apenas com os verbos creer e teer (Russo 1942:19); não aparece mais na 2.ª metade do século XV (Cepeda 1964:82) e a *Carta de Caminha*, de 1500, só apresenta <ido>. Segundo J. M. Piel, 'um dos últimos exemplos conhecidos ocorre em Gil Vicente', na peça *Juiz da Beira*: 'E o trigo era creçudo' (1989:239 e nota 61)." (Mattos e Silva 1994:255).

[65] Apresentamos o quadro proposto por Williams (1973:188), referente às terminações de particípios passados fracos e fortes proparoxítonos no latim clássico, no latim vulgar e no português:

	latim clássico	latim vulgar	português arcaico	português moderno
1.ª conjugação	-ĀTUM	-ĀTU	-ado	-ado
2.ª conjugação	-ĒTUM	-ŪTU	-udo	-ido
3.ª conjugação	-ĪTUM			
4.ª conjugação	-ĪTUM	-ĪTU	-ido	-ido

No latim vulgar, a maior inovação referente ao particípio passado é o emprego de -ŪTU por -ĪTUM na 2.ª conjugação (Maurer 1959:152). A terminação -ŪTU originalmente era normal para alguns verbos em -ĔRE, com perfeito em -UI, como, por exemplo, CONSUO → CONSUTU, MINUO → MINUTU, STATUO → STATUTU, TRIBUO → TRIBUTU. Na língua falada da época imperial, expande-se para os particípios dos verbos em –ERE, resultantes da fusão da 2.ª e 3.ª conjugações do latim clássico, gerando, por exemplo: *VENDUTU, *PERDUTU, *CREDUTU, *TENUTU (cf. Maia 1997:750, n.1; Nunes 1989:316; Silva Neto 1979:243). Há diferentes explicações para a substituição do particípio em *-udo* pelo particípio em *-ido*. Segundo Piel (1989:238), a substituição de *–udo* por *–ido* se deve ao fato de a maioria dos verbos caracterizados por aquela terminação terem um pretérito em *–i*, vogal que deve ter penetrado analogicamente no particípio. Nunes (1989:316) afirma que a terminação *–udo* é vencida por *–ido* por causa da influência dos verbos de tema em *–i*.

Em l[u]guar o ter çeiro he **mãteudo** (42v); polo comsselho daq*ue*le | foy nascyão **Reteudo** ẽ prysão (86v); e por || vosas menagẽes somdes A yso **teudos** (255r-255v); ao terçeiro dia que ele foy **metido** no mumemto (20v); ca nom foy **comçebido** de homem e de molher (24r); e Em a quela pedra Era **metida** a samta escu dela (34v); E aymda agora | este costume he **mamtido** nas Catredaes ygre | jas (42r); o Rey **desemtemdido** por que foge amte mim (43v); e com amor tão **creçido** (47r); e tã asynha como ouve **lydo** dyselhe (65v); lhe forã **metydos** grossos clauos (68v); e quamdo o fogo foy bem **asemdido** (89v); que hagora avia todo **perdido** (92v); e tor | nou outra vez a cair **esmorẽçido** (107r); que os pẽs | e as maõs tynha **metidas** em fortes ca | deias (110v); e quamdo [a]s ouver **vemçidas** todas (122v); mas quamdo ha espada for | **Conheçida** (127v); e nõ avia hy tall | q*ue* nom fose **tido** por muj bom ca | valleyro (166v); e quoã | do virao que aviam **perdido** seu *senh*or (200v); maao caualejro e maao seruo a | vera jh*es*u cr*ist*o **Recebido** em vos (234v); asy | que ell Rey nom se pode ter na sella e | caio em t*er*ra **esmoreçido** (251r); dizede nos se sabeis homde ho leuarão | e se he saluo ou **perdido** (261v); q*ue* por ho erro | q*ue* fiz da cadeira sam asy **metido** em sa | nha de d*eos* (275v).

4.4 Formas verbais ora incoativas ora não-incoativas

Convivem no *José* as formas não-incoativas e incoativas de verbos de origem germânica em *–ián*, SKIRNJAN > *escarnir* ~ *escarnecer*; WARNJAN > *guarnecer* ~ *guarnir*. As formas não-incoativas destes verbos são características do período arcaico do português, visto que verbos em -ESCERE > *-ecer* com

freqüência substituíram os verbos em *ir*, ou se criaram a par deles (cf. Piel 1989:216): cuydou huũ gram em | guano per q*ue* lhe pareçeo q*ue* **escar[n]eria** | ypocras (176r); quam ¦ do ela ysto vio começou a Ryr como | quem **escarneçe** (101v); ella começou de | tyrar com huũa sua coermãa aqual | descobrira sua poridade de como *que*ria **escarneçer** ipocras quue ¦ se fazia fillosofo (177v). No particípio passado, ocorrem sempre variantes gráficas da forma não-incoativa *escarnido*. Quanto ao verbo *guarnecer ~ guarnir*, é possível constatar variação entre os seguintes casos: quãdo aespada foy **guarni | çida** do punho 2 da bainha asim como hou vistes meteo ¦ a espada na bainha (134v); tu averas dise o homẽ | bõo mjlhor **guarnjda** do que aviste q*ue* | ella crese e corege ẽ si cada dia (138v) e sem fallta *que* **guarnjdo** ¦ destas tres cousas o filho de d*eo*s vem | çeo a morte e deu vida ao mũdo (142r); seruo bom e leall ẽ tua me | njnise aruore maraujlhosa **guarnjda** ¦ de frores e de folhas e de fruito (149v).

Capítulo 3

Aspecto sintático

1. Emprego de *homem* como sujeito indeterminado da oração

É forma de expressão do sujeito indeterminado o pronominal *homem*, forma freqüente nos primeiros séculos do português, menos freqüente no século XV e raro no século XVI (cf. Ali 1964:16; Nunes 1970:LXXXIII; Mattos e Silva 1993:87). No *José*, ainda apresenta alta freqüência, de que são exemplos: qua em outra maneira | nõ podia **homem** sofrer ho maao 2 forte fedor que delle sai | ya (10v); mas o pao de demtro era mays | fermoso que **homem** podera Comtar (27r); e numca **homem** vio taõ Rica | nem tão boã nem tão fermoza (35r); Eaquelas Camdeas erão detamtas cores que **homem** nom podia cuy | dar (35r); a quela pena era | tão alta quamto **homem** podia oulhar (52r); e a mays fermosa q*ue* numca || fora p*er* **homẽ** vysta (80v-81r); depois dise q*ue* muito q*ue*[ri]a se podese | s*er* que Jamais **homẽ** a nam tirase fora da bainha (134v); e teue tam gramde a | llegria q*ue* apnas o podera **omẽ** com | tar (155r); e como em | huã nuve foy leuado ahuã Jmsola | tam forte e espamtosa q*ue* anaõ | vio **omẽ** tall (161r); e era tam | Riqua e tam fermosa q*ue* ha | douro a poderya ora **homem** | ffazer tall nem de Riq*ue*za | nem de belldade (170v); e em syma da | q*ue*lla casa de bajxo dehuũ arco | dabobada avia huũ lleyto omais | ffermosso q*ue* nũqua **homẽ** vio (171r); e o lle |

jto q*ue* elle fez ffazer p*er*a Jazer nõ | vos poderia **homem** dizer suas ma | ravilhas (183v); q*ue* numqua pode **homẽ** ver nelle synall | q*ue* de castidade nõ fose (273v); a Comteçeo huã marauilha | que nom he p*er*a esqueçer mas deuea **homem** comtar (308v); asy como | alume da Camdea posta sobre ho Camdieyro | nõ po de Escomder que a **homem** nom Veja (309r).

2. Concordância de particípio com objeto direto

As estruturas com os verbos *haver* e *ter* + particípio passado apresentam exemplos com o particípio passado flexionado em concordância com o seu complemento direto, não podendo ser consideradas ainda como tempos compostos, embora sejam mais raras no *José* do que os casos de ausência de concordância com o particípio passado, já resultantes de reanálise da construção historicamente precedente (cf. Mattos e Silva 1989:438).[66]

Predominam *ter* / *haver* + particípio passado de verbo transitivo concordando o particípio passado com o seu objeto direto em documentação em prosa literária dos séculos XIV e XV. Começam, no entanto, a aparecer exemplos de variação na concordância já desde a segunda metade do século XIII (cf. Mattos e Silva 1997:280):[67] ahũa era em defemder sua teRa dos do egipto que lha **avião**

---

[66] Conforme Huber (1986:282), no português arcaico, o particípio passado, empregado com haver e ter, sempre concorda com o objeto, quer este venha antes ou depois. A concordância também ocorre de um modo geral no francês antigo, segundo Paxeco ([19-]:63).

[67] Segundo Ribeiro (1996:345), a formação de perífrases verbais é um tipo de mudança gramatical que tem sido denominado "gramaticalização", um processo através do qual um verbo pleno desenvolve-se historicamente em um elemento gramatical. Ramat (1987, pp. 8-13) define o processo de gramaticalização através dos seguintes estágios: a) verbos plenos, b) construções predicativas, c) formas perifrásticas, d) aglutinação. Tal desenvolvimento é geralmente acompanhado por um esvaziamento semântico (*semantic bleaching*), ou seja, por uma perda do conteúdo lexical do elemento em questão.

Ja **tomada** (26v); ora podedes bem saber que tolomer **tem çercada** a Coina (50v); e quamdo Ja **teria amdadas** duas leguoas (50v); e *que* elRey tolomer **tynha** ha espada **alevamtada** (57r); por que no sabyã aguarda que el Rey | evallac **tynha posta** no passo da pẽna (63v); e depois | *que* a **ouue bautyzada** saio ela (66r); e depois | *que* ha **teve feyta** veyo ao corpo e fez sobre ele ho | synal da cruz (70r); e dezia elRey que | ho devya damar *que* por ele **ouuera ganhada** a | homrra da batalha (71v); sara | fez || tamto quero que todo ho meu pouo saiba *que* por | este homem **hey ganhada** homrra (72v); e depois ouuirã huũa voz muy | alta e muy espãtosa *que* dysse hos derradeyros | hã **tirada homrra** aos primeyros por aligeyreza | da fee (73r); mas nõ ha | proveytava nada *que* **tynhã perdida** avysta | e ho ouuyr e a memorya (85r); quamdo el Rey **ouve** | **feita** sua oraçam oulhou lomge pera ho mar | deoryemte (97r); e | quamdo daquy pasares **averas pasadas** | as gramdes trebulaçoes (105v); e nom sepodia ajudar | denenhũ membro que tivese que os pẽs | e as maõs **tynha metidas** em fortes ca | deias (110v); e ele a quem ela **tinha feytas** *muitas* | merçes e *muitas* omrras Reçebeoha muy bem (116r); e quamdo [a]s | **ouver vemçidas** todas e metidas sob seu po | der por alteza da vomtade e **ouver** todas as | forças terreãs **deRybadas** nom Cuydara cou | sa mais que ver o que fazem no çeo (122v); e quamdo **ateue virada** vio | que eratam vermelha Como samge (127r); e a | chou Ja a dona *que* estaua em çima | da tore nas ameyas e que lhe **tinha** | Ja **deytada** acorda (177r); e nabor firya o jayaaõ | por o meyo dacabeça que **tinha descuberta** (201v); quoamdo nasçiaõ **ouue lida** acarta | e vyo asyma de sua linhajem soube que galãz || serya toda a bomdade e çima de toda cavalaria (206v); quamdo os de gale forte **ouuerã** | **vemcidos** seus imjgos fizeram por foguo | a todas as cousas (239r); por a manham quamdo el Rey

teue adere | **Cadas** todas as cousas o mjlhor que po | de partio se de sarrat (242r); *senh*or nom | nos leixes aquy morrer mas danos espaço e | tempo de coregeremos nosos erros e erores que | **temos feitos** comtra ty nese mundo (243r); e | mamdou dizer a el Rey Cludeis que lhe | dese os cr*ist*aãos que **tinha presos** (249v); quã | do ell Rey **ouue feita** sua oraçam a noso *senh*or || Respomde lhe a voz e dise (253r); e depois que **Ouue feita** sua | oração fez do pexe o que lhe mamdou Jo | sefos (265v); asy como | neste escudo **hão vymdas** as mayores maravy | lhas *que* ẽ escudo se vyrão (298r); quamdo ho | Catiuo **ouue comprido** sua vomtade mostrou | lhe logo o diabo sua mesma figura (245r); e por a grão tardamça *que* **avedes feyto** | fora desta terra queria saber como vos vay (297v).

3. Negação dupla

O pleonasmo da negação pré-verbal, cuja constância com que se registra caracteriza a sintaxe do português arcaico, é freqüente no *José* (cf. Coutinho 1974:214; Vasconcelos 1970:118). Empregam-se no texto as seguintes construções: *jamais ... não*, *nenhum(a) ... não*, *ninguém ... não*, *jamais ... nunca* e *nem ... não*. Apresentamos, a seguir, exemplos contextualizados de cada um desses tipos:

Jamais ... não: que **jamais nõ** acharas omẽ | tão sesudo (17r); **jamais** | mão esprito **nõ** Emtrara na quele llugar omde aq*ue*la | agoa for deitada (36r); nem **Jamais nõ** Reçebe | ras alteza que tu que[r]es começar (43v); e jurou que **jamais** se nõ parteria do castelo (49v); nem **jamais** chaga mortal **nom** | Reçebeo (54r); e dysenos que **Jamays** se **nõ** parteria daly (70v); Eeu seho vysse crer seria tã leda

que **Ja mays** | pesar **nõ** averia (71r); nõ catedes qua **Jamajs** || nom sararedes do ferro da lamça *que* vos ficou na | coxa (77v-78r); *per*dy | ho lume dos olhos e **ja mays nom** ho cobrarey (78r); e aquelle sera fer | ydo *por* ambas as coxas e **Ja mays nom** sarara (79r); ãtes | toda vya seu coração era ẽ seu *senh*or Jhesu cr*ist*o | nẽ **Jamajs nõ** desesperou (86v); e **Ja mais** | daquy **nom** sayrey senam *por* quem aquy | me meteo (94r); e **Ja mais** laa | **nam** podes yr se *por* mỹ nam (95r); e **Ja mais nom** vio ela homẽm que me | bem quysese que ela nom metese todo || seu trabalho *per*a que me desame (98v); e | **Ja mais nom** dezeJarya de comer em memtes | Com ele fose (99r); e seme asy | vay **Ja mais nom** Comerey (99r); e **Jamais** dahy **nom** say | ras ata que te ele tyr[e] (100v); nem **Ja mais nom** veras | sargasymta tua molher (101v); comem aquele poo que ficou | damay e **ja mais nom** comem outra | cousa (104v); mas **Ja mais nom** come | ras nem beberas ata que nom aches | naseram teu Cunhado (107v); jdevos daquj *que* **Jamais nõ** ẽtrarey omde | souber *que vos* somdes (157r); 2 **Jamais** nela **nõ** | em trara nhũ Se nõ for tall qual deue (136v); *que* **Jamais não** foram | de Ribadas senão por emga | no de molher (179v); ele dise que **jamais nom** folgarja ataa que | nom soubese por direita Razam quall ley | deuja omem mamter (248v); e **Jamays nõ** ho veredes *que* vos nõ lembredes | de mỹ (298r); e **Ja** | **mays** caval*ei*ro ho **no** deytara ao collo *que* se nom | ache mall (298r); *que* **Ja mays nõ** me mã | daredes fazer cousa *que* eu nõ faça (300r).

Nenhum(a) ... não: tam grandes marauilhas quais **nhũ** ho | mẽ mortal **nõ** poderia saber (3r); honde | Sam paulo disse que **nhuã** lingoa mortal **nõ** avia hi de sobir (4v); porque **nhũ nom** | soubesse nouas (9r); e **nenhũ** | homem neles **nõ**

deue por sua Cremça (18v); e depois que saio Cousa **nenhũa** | **nom** ficou no lugar (27r); que **nhũu nõ** po dia Conheçer omde se ajum | tavão (28r); que **nhũ nom** podia ver omde chegava (28r); que **nhuũ** deles **nom** falou (32r); que **nhuũ** omem **nõ** ho poderia fazer tal (37r); que **nhũu nõ** no deue trazer (37r); e ja **nenhuũ nõ** no tera Com paçemçia que nom aja vy | torea e homRa (38r); **nenhũu** prest[e] o **nõ** deue vestir (38r); e **nenhũu nom** pode ser dino deo to | mar se o verdadeira memte nom crer (41r); ca **nhũu** omem que ysto | comtradisese **nõ** poderia abertamemte pro | uar (42v); **nhũa** cousa **nõ** pode durar senõ | he aseu Emcomemdamemto (43v); ca *deos* he homem que **nhũu nom** pode emganar (45r); **nhũ** *deos* **nõ** poderia | fallar amte ele (45v); que **nhũ nom** | emtrase hy se não por seu mamdado (51v); e dise aos seus Caualleiros que **nenhũu nom** movese (52v); de maneyra q*ue* **nhũ** | **nom** fique (58v); e **nhũ nõ** via ho cavale*i*ro q*ue* tra | zia preso tolomer senã el Rey evallac (61v); q*ue* **nhũu** | homẽ desarmado **ño** se ousava dechegar | aella (67v); mãdou q*ue* **nhũ nõ** fosse com elle senã | nascyão e a Raynha (81v); e **nhũ** homẽ da cydade **nõ** | vya nada detodas estas maravylhas (84v); aeste cõ | selho se outorgarã todos hos cavaleyros e Ricos | homẽs do Reyno e **nhũ nõ** d[i]scordou (86r); e todos | Jurarã sobre hos samt*os* avãgelhos q*ue* **nhũ nom** | metesse mão ẽ nascyão (86r); q*ue* **nhũ** homẽ mortal **nõ** hera dyno | deas ver (87r); ay **nenhuã** arvore nova **nom** toma tam | to fruto Como quando he gram de (95v); e amavao | detam gram amor que **nenhuã** cousa **nõ** | podia por alegrya em seu coraçam (115v); e | cousa **nenhuã nam** apodia comfortar (116v);

que eu me *quer*o | yr tam Cuberta mẽte que **nenhũ nam** o sayba | a fora eu e vos (117v); mas **nenhũ nom** seja tão ousado que esta | symta tire (127r); depois fazede o a dubo do punho 2 da bainha tã | fermosa que **nhu nom** se Ja mais rico nẽ fermoso (134v); q*ue* defẽde | q*ue* **nhũ não** emtre na samta JgreJa se prime*i*ro não for limpo de seus pecados (140r); e **nhũ naõ** desamava tamto | cris*t*aõs Como elle (139r); dise Josep por **nhũ** deses **nõ** o sararey nem ho a | Judarey (267r); e **nhũ** | **nõ** sabia da chaga que trazia na coxa (269r); e os lioes | outro sy que **nhũ** mal lhe **nõ** fizerão (271v); e eu cuido q*ue* **nenhũ nõ** vira q*ue* as posa | tirar (281r); quue **nenhuũ** q*ue* ho amtes | vise **nõ** ho conheçeria (281v); como de Justar cõ ho cavale*i*ro | a que **nhũu nõ** poderia durar (288v); que sem falta **nhũ** cavaleyro **no** deve | hy Jazer (302v); que **nhuũ nõ** pode hy ver | nada (310r).

Ninguém ... não: e cuidas tu que **nymguem nõ** sabe quem tu es (46v); o que ora **nymguem** || **Nom** sabera fazer selho eu nam emsynase (92v-93r); ora sam eu leda po*r* que le | vo o que quero e o que **nymguem nam** conhece (122v).

Jamais ... nunca (cf. Nunes 1970:LXXXVIII): asy | q*ue* **ja mais** os guardadores que ho guardauaão | **numca** delle souberaõ (20v); e dezia q*ue* **Jamays numca** ho averia (70r).

Nem ... não: **nem** [ja] | seu Reino **nõ** perdera fim (19r); **nem** ja a molher **nõ** fara filho (23v); nem depois | por boã **nem** ma amdamça a **nõ** deue dedeixar (39r); e tamta ma vemtura lhe vira que **nem** ele | **nem** outrem **nõ** ho poderya ememdar (127r); **nem** esta **não** outrosym nom tornara qua (206r).

4. Preposição *de* em sentido partitivo

Há, ao longo de todo o texto, ocorrências da preposição *de* com o sentido partitivo, fato lingüístico que, parece, apresentava alta freqüência em camada mais antiga da língua (cf. Nunes 1970:LXXXIV; Paxeco [19-]:66; Tavares 1942:31): 2 comy **da**quilo que *deo*s me dera. (5r); penssou que veria **da** quellas cousas q*ue* lhe vira em sua vida. (8r); 2 colheo em ella tanto **da**quelle sangue quanto elle mais pode (8v); tomou **de**seus panos muy Riquos (8v); mas conheçia elle hi muy poucos **dos** huũs 2 **dos** outros (14r); e te deu **da** sua graça (20r); e o primeiro amgo que trazia o ysopo tomava **da** agoa com ele (35r); quamdo aqueles dous forão fora vestirão **da** vestimemta que trazião a josefes (36v); e q*ue* vos de **da quele** | samto corpo (69r); e | elle tomou **delles** e mãdou delles a terra de | mordão (76r); e dise que lhe desem **dagoa** pera matar | aquele fogo (113v); e fez com eva | q*ue* tomase **da** fruta que lhe *deo*s de femdera (128r); e apresouo que comese **daq*uele*** fruto (128r); emtam adam tomou **do** pomo do Ramo e | comeo (128r); com vem que tome | des **desta** ar uore v*er*melha 2 destas outras duas hũa brã | ca 2 houtra v*er*de tres paõs (135r); 2 tomou **da** augua (136r); e tomou **della** || huũa pouca (181r); e to | mou **de** huũ lley toario (181v); senão beber **do** call | do com q*ue* foy cozida (185r); dame qua **da** agoa ẽ q*ue* cozes | te esta carne (185r); tomou **da** agoa bemta e deitou a por toda a nao (243v); amtes bebiaõ **do** que achavão ou lhe dauão (264r); evio que o outro queria Comer **do** Çeruo (310v).

5. Regências verbais não mais usadas atualmente

Perguntar: e pilatos ho **pregumtou** se Era verdade e ele secalou (19r); ho Emperador **pergumtou** ipocras se a dona dezia verdade (179v); em tam fez trazer diamte | sy a semiom e **pergumtou** ho asy (278v); seus paremtes ho **pergumtarão** homde queria hir (299v).

Rogar: que canão os **Rogou** | que ho pasasem e eles asy ho fizerão (273r).

Apressar: e **apresouo** que comese daq*ue*le fruto (128r).

Mandar por:[68] entaõ **mandou** por caifas (12v); e el Rey **tinha mamdado** por todos seushomes (17v); E **mamdou** por todos os clerigos da çidade (25r); **mamdaraõ** por toda a teRa deRedor que quem ho quisese ajudar que lhedarião teRa (51r); de como el Rey eballac **mãdou** por joseph (41v); e **mamdou** por Josefes (64v); dysto foy a Raynha leda | e **mamdou** p*or* Josefes (72r); pois dise ela por ama | nha **mamdai** por quamtos carpimteiros a em voso Reyno (134r); e por iso **mãdey** p*or* vos | p*or* q*ue* quero q*ue* me digais [o] q*ue* diso | me pode vir (145v); e **mamdou** ẽtam por seus || Caualleyros e gemte quamta pode (166r); ipocras | **mã dou** por todos seus paremtes | pobres e Riquuos (183r); ẽtão muyto | a meudo **mamdauão** por todas as p*ar*tes | por saberem novas de josep abarimatia (199r); e o duque **mamdou** loguuo poreles (224r); e **mandou** | loguo por toda sua terra q*ue* viesem a ele (235r); e **mamdou** logo | p*or* a molher de nasçiam e por a

---

[68] Lima (1990:212) identifica exemplos dessa construção no século XIV e como vestígio de camada lingüística antiga até em autores do século XX.

filha delRey de | babel e depois **mamdou** por todos seus vasalos (241v); eu vos Roguo que vos **mamdedes** por eles | e sabede delles como querem viuer (262r); q*ue* nom **mãdey** po*r* vos senã pe*r*a lhe brytar | des seu argulho (286v); e depoys que forã ẽ sua | camara el Rey **mãdou** po*r* ssua filha (290v); ẽtão fez **mamdar** por doze | homẽs hos mylhores e mays sesudos q*ue* avya (295r); po*r* a manhã fez el Rey **mãdar** po*r* pedrey | ros e carpymteiros (296v); e | el Rey **mãdou** logo po*r* ho escudo (297v).

Enviar por: Joseph **enuiou** por seus parentes (15v); eu emujarey por todos os altos omẽs que venham a mỹ (257v).

Ferir em: emtão el Rey ebalac com sua companhia forão **feryr** naoste (49r); e ẽ tão foy **ferir** nos del Rey tolomer (60v); ẽtão ho cavale*i*ro brãco foy **ferir** no prym*ei*ro q*ue* alcamça (62r); e asy forã hos del Rey evallac **ferir** ẽ seus ymjgos (63r); e asy forã hos del Rey evallac **ferir** ẽ seus ymjgos (63r); e cuydou de ho || feryr po*r* acabeça mas ele furtou ho cor | po e o golpe **feryo** na pena (90r-90v); e | **feryo** na parte da torre domde cala | fer estaua (114v); o vẽto | era muj gramde e **ferio** nanao (158v); e asym como vinha Rija foy | **ferir** na grão não (197v); De Como Ho | duque gaanor e nasçiam foram | **ferjr** nos da oste delRey de nur | belanda (236v).

Emtregar de: e dyse a elaim eu vos **ẽtreguo** deste dom (299r); q*ue* este samto vaso de q*ue* vos **somdes ẽtregado** (301r); e **ẽtrega lo hey** | de toda mynha terra (301r); e **emtregou** ho de toda assua terra (302r).

6. Repetição de conjunção integrante

É a repetição de conjunção integrante fato lingüístico que, segundo Nunes (1908), distingue camada lingüística mais antiga: mandate o grande mestre **que** depois que amenhã cantares missa **que** comas (5r); e sabe bem **que** os que amte ty foram **que** [p]or yso são perdidos pera sempre (18v); e vio **que** a lamça que vira ao terçeiro amgo **que** a tinha o croçeficado por meio do costado (34r); Cuydou ***que*** se nele ẽ trasse ***que*** nõ poderyã escapar (61r); q*ue* bem sey de ve*r*dade disse ela ***que*** selho vos Rogardes **que** ele ho fara (65v); e diz a estorea | ***que*** quãdo el Rey foy levado ***que*** nascyão ficou | tão esmorecydo como se fose morto (85r); e deziã q*ue* bem era ve*r*dade ***que*** | aly homde se el Rey p*er*dera ***que*** nom era senã nascyã (86r); asy aveo **que** | quamdo se tornou a Roma **que** se ouve | d[e] yr p*er*a Jerusalem (91v); e nom deves tu cudar | **que** seacomteçe que hohomem pequa | ***que*** jsto he de natura (98r); asy como muytas vezes acomteçe **que** quamdo homem quer colher alguã fruta **que** com ela colhe | o Ramo (128r); cuidou **que** se cora ção mortal podese dar comselho | no que ele cuidaua **que** ela o daria (134r); ora podes saber | **se**aquelle *que* me ysto Mostra | **se** sabe cousa de tua fazemda (153r); Aguora diz a estore **que** depois q*ue* [o]s | memsag*ei*ros separtyram de sua *senh*ora | a Raynha sarguoçimta p*er*a bus | carem seu Jrmão nasçião como avedes | ouvydo ***que*** amdarão muytas teras | de hũu cabo p*er*a outro (164r); e deziam ***que*** pois não acha | vam nnada **que** de ballde sayram de | sua tera (164r); Aguora diz

aestoria **que** quoamdo | nasçiao se partio de belic Como | vos ja dise **que** fragamtina | sua molher nom poude aver novas | dele (210v); e eu te prometo | **que** se omestre da nosa ley nom se pode cõ | tra ty defemder **que** eu dele farey | tall justiça (223r); **que** se ela foy virgem no comçebir e fazer | seu filho **que** ela te nom leixe jamais falar (225v); Diz a estorja **que** depois que josefes com sua | companhia se partio de galeforte **que** | serjam com elle (239v); e acomteçeo **que** quamdo se asemtarão | açeia **que** todos tiveram avomdamẽto de to | dos os mamjares (277r); que | bem creyo **que** se homẽ do mũdo ho pode sarar | **que** ele ho fara (283v); e eu cuydo bem **que** quãdo ele ouuyr | falar desta pressa **que** ele me conhecera (287v); e mamdou por toda ssua terra apregoar | **que** quẽ viesse Justar cõ ho cavaleiro do pynheyro | e ho Ribasse **que** el Rey lhe darya qual quer dom que | lhe pedjse (288r); mas crede ẽ verdade **que** se eu | cuydara que vos erades **que** nom ha cousa no | mũdo por que ca vyera (290r); e diz a estorea **que** quãdo Josefes | ouue de falecer **que** nom pode estar que nom | pagasse a mortal dyvida (298v); esto he o que eu quero Rogar uos | **que** este samto vaso de que vos somdes ẽtregado | **que** de todo ẽ todo fique ẽ esta terra (301r); e sabede | **que** se vos praz de fficar aquy **que** eu farey | por amor dele hũu castelo forte e bom (301r).

Capítulo 4

Aspecto lexical

1. Substantivo

1.1 Substantivos de uma camada lingüística mais antiga

Trazemos, primeiramente, os substantivos de camada lingüística mais antiga que ocorrem uma única vez no texto. Há uma única ocorrência de *aceitre*, "balde", ao longo de todo o texto: e | vio della sair [h]uũ **aceitre** cheo deagoa e outro tinha na sua mao direita | hũu ysopo (34v).

A palavra *bardã*, "sela grosseira, rudimentar", ocorre uma única vez: e ferio | hũu cavaleyro cõ tal poder q*ue* lhe talhou | ha coxa e ho arção dyamteyro e ho **bardã** (59r).

A única ocorrência de *douto* - aptidão, experiência, jeito - ocorre no seguinte trecho: em tall | maneyra esperaram ata a ma | nhãa muy fracos como aq*ue*lles | q*ue* avya tres dias q*ue* nom comerã | e nom aviam **douto** de soffrer | tall trabalho (170r).[69]

---

[69] Deve ser forma cognata de *doito* (< latim DOCTU), que ocorre no *Cancioneiro da Ajuda* na acepção de "perito em", "acostumado a" (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *doito*).

Outra ocorrência única é *engue*, "machado": asy | semeteo pompeo por aquele camynho depos | eles e tynha huã **engue** na maõ com que | dava muy gramdes golpẽs aos que all | camçava (90r).

Luairas é associada por Carter (1967: s.v. *luairas*) a *luairo*, com a acepção, segundo Viterbo, de "Kalenda ou Martirologio, em que todos os dias se declara quantos são de lua": que ele[n]açeo nos gram | des dias das calmas aora demeio diaa | e foy ho segumdo dia depois das l[*uai*]**ras** de | Junho (111r).

A ocorrência única *prez* é palavra que deriva do antigo provençal *pretz*, do latim PRETIUM, e significa "honra", "preço" (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *prez*): mas ganhou e com qujrio tamta omRa e tã | ta **prez** e fez. tamto dar mas que sem falta quãtos | na batalha o viraõ Emtrar e ferir e Reuoluer | diserão que era o mi lhor caualeiro do mumdo (54r).

Como nomes cognatos do verbo *retar* "culpar", "acusar", "desafiar"; com base no latim REPUTARE através do francês *reter*, ocorrem *retado* e *retador*: e sabede q*ue* naquela terra ha custu | me q*ue* ho **Retado** da a luua (285v); o que acusa e desafia: e ho **Retador** || estemde a aba da luryga ou outra cousa ẽ lugar | de penhor da batalha (285v-286r). Existe e prevalece hoje a variante *reptar* (Magne 1944: s.v. *retar*).

A única ocorrência de *seda* - do latim SEDERE, "estar sentado" - ocorre a par de *cadeira*, de elevada freqüência: e dyse q*ue* ha | cadeyra era amays fermosa **seda** ẽ que homẽ nũca | se vera (77r).

Ocorre a palavra *sestro* (< lat. SINISTRU) já cristalizada em locução adverbial: vio diamte sy nasçiam || que taes maraujlhas darmas fazia que se | espantou que adestro e a **sestro** deribaua | quãtos achaua (237r-237v).

Ocorre também a forma *sinestra* "esquerda", que concorre com a palavra *esquerda*, de elevada freqüência: tuu mõraras hy tamto ata que || ho diabo te ponha dy fora por **synes** | **tra** maõ (100r-100v).

A palavra *trufa*, na acepção de "mentira", deriva do latim tardio TRUFA: E tais hy ouue que depois que comeram | diseram que aquillo nom era senã **trufa** (259v).

Coexiste com a palavra *vegada*, de ocorrência única, a sua sinônima *vez*, cujos exemplos são encontrados ao longo de todo o texto. Provém *vegada* do latim vulgar * VICATA, e ocorre unicamente na seguinte passagem: e muito lhe pesana que sempre em | quamto podera lhe fizera mal e pos Em seu coração | deem toda**vegada** lhe f[a]zer bem a t[o]do seu poder (53v). Pontilham todo o códice as ocorrências de *vez*.

No *José*, constitui *hápax* a palavra *xamete*, variante de *eixamete*, que é um antigo veludo oriental, felpudo, introduzido na Europa pelos árabes. Do latim HEXAMETUM, do grego HECSAMITOS, à letra, "seis fios" (cf. Nunes 1995: s.v. *eixamete*): e oulhou e vio demtro da arca hũ alltar | pequeno cuberto de panos bramcos e vio hi hũ muy Rico | **xamete** (34v).

Quanto aos substantivos com mais de uma ocorrência, a palavra *cima*, derivada do latim CYMA, que, por sua vez, é de origem grega, ocorre no *José* com significando freqüente no português arcaico, isto é, "conclusão", "fim", "termo" (cf. Nunes 1995: s.v. *cima*). Supomos que, semanticamente, essa palavra pertença a camada mais antiga da língua. Acresce que, com essa acepção, não é de ocorrência freqüente no códice, sendo todos os exemplos encontrados os seguintes: com vẽ que me façaes ajuda ata **çima** | dabatalha (51r); q*ue* o bẽ q*ue* ho

omẽ aquy | faaz o defemde demall e trallo a boa **cima** (156r); ate que nom venha aquuy | o que a de dar **çima** as avemturas (233r); aquele que as gramdes avemturas do sãto | greal dara **Çima** (271r); ata aquele || tempo *que* ho bom caualeiro Aquelle q*ue* | a de dar **Cima** as avemturas de grão bretanha ho vira ver (275r-275v); aquelle tempo que avem | tura aquy trara gualaz o bõo cavaleiro | q*ue* dara **çima** as avemturas do samto greall na gramde bretanha (276v); Aquele bem avem | turado caualeiro que deu **Çima** as avemturas da | gram bretanha (305r).

É forma freqüente ao longo de todo o texto a palavra *coita* "aflição", "infelicidade", como também o é em textos literários ducentistas (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *coita*): e isto durou tamto ata que | o filho de deos nõ quys mais sofrer esta gram | **coita** (23v); e quãdo | veio ao terçeiro ano depois que sebautizou Reçebeo | a **coita** da morte (24v); e pareçia homem que sofria **coita** de morte (34r); Quamdo joseph vio isto ouue taõ gramde **coita** (34v); eagra | **coyta** q*ue* sofreo qũado por suas mãos e seus | pees lhe forã metydos grossos clauos (68v); por que me | guardastes dos gramdes perygos e das | gramdes **Coytas** que me comvyera | so frer (96v); outro sy so freo naseram todas | suas **Coytas** (122r); e por o meter em major | **Coyta** lhe Respomdeo (175v); mas a domzela | não dormia q*ue* muito cuidaua | ẽ sua **coyta** (191v); e sempre adona foy ẽ **coita** || e em pezar por nom saber dele (210v-211r). Também ocorrem as variantes *cuita* e, mais raramente, *couta*: mas a quele deue | omem de omRar que so freo **cuyta** de morte na cruz (19r); q*ue* ho filho sofreria **Cuita** de morte por liurar | ao omem daspenas do ymferno (23r); por que ele naçeo tão mamsamemte q*ue* | numca ouue dor nem **Cuita** (24r); **Cuita** que nõ pode maior | ser como ser Ja duas vezes aRimcado em campo (51r); e ele se estem | deo com **couta** de morte (201v); q*ue* por sua gramde

piedade ¦ se lhe pareçese cousa q*ue* devese fazer *que* ¦ alivase sua **coyta** (276r); e po*r* q*ue* as tã grão tromẽto ¦ e **coyta** de fogo q*ue* m*ui*to desejo saber (296r).

A palavra *continente* deriva do francês antigo *contenant*, que, por sua vez, provém do latim CONTINENTE, particípio de CONTINEO. No *José*, ocorre com o significado de "porte", "gesto", "aspecto", "semblante": quamdo ho josep o vio tão ¦ asanhado dise lhe Rey ebalac por que fazes tão mao **comtinemte** (18r); mas ele era detal coração que nõ ¦ quis fazer **comtinemte** que lhepe sava nada (46r); mas violhe fazer muy ¦ mao **comtynemte** em tamto que muyto ¦ fez perder ha el Rey desua alegrya (107r).

Apesar de ocorrer mais de uma vez, a palavra *cousela* "caixa", "estojo", "relicário", ocorre esporadicamente no texto estudado: e outro na outra hũu ¦ Emçemçairo e hũa **cousela** (34r); e cada hum tinhão na outra mão huã **cousela** (35r); mas ¦ tomade esta **cousela** bramca q*ue* me ele deu ¦ metedeo demtro (69r).

Encontram-se somente duas ocorrências de *doairo*, que é forma característica de uma camada lingüística mais antiga (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *dõaire*). Deriva do latim tardio DONARIUM e pode significar "donaire", "elegância", "gentileza", "garbo", "graça": que põmpeo fora sem ¦ pre ho mais omrrado Caual*ei*ro da terra ¦ e omylhor Caual*ei*ro darmas e de mylhor **doayro** (92r); q*ue* ¦ sera de mylhor **doairo** e graça e vyda ¦ que nenhum omem (210r).

A palavra *fiuza*, do latim FIDUCIA, significa "confiança" nos dois exemplos encontrados (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *fiuza*; Tavares 1942:32): e diserão lhe quue fizese paãz que ¦ em **feuza** delles nom gue Rease (18r); esta he a cousa ¦ do mumdo Em que mais deuemos de ha ¦ temtar e em que deuemos de fazer ¦ mayor **fiuza** (193r). Convive com a forma *confiança*.

A par de outras palavras de camada mais antiga derivadas do francês antigo, encontramos *gage*, "garantia". Segundo Paxeco ([19-]:76), as palavras terminadas pelo sufixo *–age* estão entre os principais galicismos da língua trovadoresca. A palavra francesa deriva do latim popular *WADIUM, procedente do frâncico **waddi*: e orcauz deu logo seu **gage** por se defẽder | deste torto por sy ou por outrem (285v); e ysto feyto depoys nõ se | pode fazer afora e a este penhor chamã **gage** | este **gage** deu orcauz por sy (286r); asy foy ha bata | lha ordenada da huũa parte e da outra per seus | **gages** (286r); e perõ que hera | muy fermoso cavaleiro e parecya muy bem estẽ | deo seu **gage** por orcauz (290r).

A palavra *mandadeiro* "mensageiro" é forma característica de camada mais antiga da língua (cf. Coutinho 1974:213): tu Josefes que hes meu **mãdadeyro** tu dyras | que eu sã começo e fym (72v); Emtã tornou ho duque aos **mãdadeiros** | del Rey e dise lhes (234v).

Apresenta freqüência mais elevada *menagem*, do provençal *omenatge*, "homenagem", "juramento de fidelidade", que representa o latim *HOMINATICU, de HOMINE – vassalo (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *menage*): e ẽtregoulhe assua espada ha qual evallac | tomou [ẽ] **amenagẽ** de preso a tolomer (61v); e vos porei lloguo fora se | me fizer des **me naJem** que sejaes | meus (187v); que nem a vos nẽ a outro | nom fariamos **menage** seo ãte | nam conheçesemos (187v); eu vim | aquy por vosa proll e por vos dey | tar fora deste periguo se me | fizerdes **menagẽ** que seyades my | nha (188r); E se me nõ que | rem fazer **menajem** leixo os logo (192v); ysto | vos dise por que se vos me quizer des | fazer **menajem** Como os outros levar | vos hey comyguo (192v); por boa fee dise hum se fose de

nosa || ley e nom nos demamdase **Menajem** bem | o outorgaria de yremos com ela (192v-193r); e tam | to que me fizerdes **menajem** leuar vos | ey Comyguo (193r); e por || vosas **menagẽes** somdes A yso teudos (255r-255v); e depo | is tomaremos deles **menajem** q*ue* nos ajudem a fazer | o q*ue* quiseremos (257v).

A forma variante *messageiro*, cognata de *message*, do francês *message*, existe a par de *mensageiro*. (cf. Nunes 1989:151; Paxeco [19-]:76). A primeira variante pode caracterizar camada mais antiga: nisto vierão os **mesageiros** dellRey | que mamdou a joseph que fose fallar cõ elle (42r); e ẽtão chegou hũu **messageyro** aelRey | tolomer nas batalhas homde secõbatia (58r); e mam | dou logo çymco **mesageyros** muy bem | aparelhados (115r); De Como os | **mesageiros** e a domzella emtrarã na | barqua cõ o lião (195r); em quã | to elle tiuer a ley que tem como di | seram os **mesageiros** (234v); emtam se partirã os **mesageiros** do duq*ue* (235r); eles nisto fallamdo che | gou hũ **memsag*ei*ro** em huũ cavalo por meio do Rasto (50r); depois q*ue* [o]s | **memsag*ei*ros** separtyram de sua s*enh*ora (164r); aquella noyte fforam os | **memsageyros** muy bem pe[m]sados e bem seruydos (164v); e ally | seaffoguarã hos dous **memsa** | **geyros** e os outros dous esca | param (168v); estas oraçoes | e estes Rogos ffaziam hos || **Memsageyros** Muyto ameude (169r-169v); mas a | guora lleyxaa estorea de fallar | dos **memsageyros** por comtar | da cassa como ffoy Riquamẽte | ffeyta (171v); quamdo | os dous **memsageiros** ea domze | lla q*ue* com elles era gram peda | ço olharam o mumẽto de ypo | cras (185v); ella | ysto dizemdo vyrã os **mem** | **sagejros** vyr por o mar huũa | facha de foguo gramde ama | ravilha (186v).

Com relação ao substantivo *mente*, interessa observar que ocorre, com essa palavra, expressão característica de uma camada lingüística mais antiga, como *meter mentes em*, locução verbal que significa "reparar em, atender a", (cf. Megale 1997:245; Vasconcelos 1920: s.v. *mente*): se*n*hor | por tua gram pyadade **mete** | **mẽtes** ẽ nos neste periguo ẽ | q*ue* somos (169r). quamdo ella ouvio o q*ue* lhe ipocras | dezia **meteo memtes** em o emguanar | se podese (175v).

Encontramos raras ocorrências de *mesura*, do latim MENSURA, na acepção de "comedimento", "moderação", "justa medida", "cortesia" (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *mesura*): ma[s] gram verdade he que | ho omem de bom talamte sem*p*re oulha sua **mesura** e nõ | cura decrueza (54r); mas por d*eo*s e por **mesura** comse | lhademe q*ue* ffaça que nõ sey de mj | Com selho tomar (167v); ay domzela dyse elle po*r* d*eo*s e | por **mesura** tomay vos de mỹ pyedade (284r).

Na acepção de "padre", "sacerdote", ocorre a palavra *preste*, do antigo francês *prestre* (cf. Teyssier 1990:33). Não concorre esta forma com a palavra *sacerdote*, que é aplicada somente aos pagãos, e também não concorre com a palavra *padre*, de altíssima freqüência no texto, que sempre significa "pai": em tal semelhamça o vio josefe sair fora tamto que | vestia aguora vestimemta q*ua*l o**preste** veste quamdo | quer camtar misa (35r); e bem asy como | vergimdade nõ pode ser castidade outro sy | nõ pode o**preste** nem deue vestir a alva se nõ vestir | asobrepeliz debaixo della (38r); e tamto | quer dizer como que o **preste** adeafagar ho | pecador por boã pallavra (39r); este seruiço faras | da quy adiamte Cadadia tu e todos hos | outros que depos ty vierem que tu ordenaras | por bispos ou por **prestes** (41r); e quamdo ordenares | **preste** por lhe as a mão sobre A cabeça e faras o synal da cruz no nome dasamta trimdad[e] (41r).

É de referir *profaçador* "difamador", cognato do verbo *profaçar*, característico de camada lingüística mais antiga: hos **profaçadores** 2 os enueJosos ho averiam 2 teriã | em pouco (2r); e tamtas vezes se vião q*ue* as gemtes **profaçadoras** diserão que por mall | avia tamtas vezes ElIRey (309r).

A palavra *prol* ocorre na acepção de "proveito", "bem". Origina-se do latim vulgar PRODE, e este, do latim clássico PRODEST, "ser útil" (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *prol*): ẽtã | dise ho homẽ a domzela eu vim | aq*uy* por vosa **proll** (188r); e vos hos mãçebos q*ue* de | viades de querer vosa **proll** a to | do voso poder (188v); e nom vyestes aquy po*r* nosa **proll** e nosa vomtade (188v); e disenos | que vinha a nos por nosa **proll** e por nos salluar de periguo de morte (190v); que estar o lugar vazio nom me semelha | **prol** (259r); e sabede | q*ue* mayor homrra e mayor **prol** dyso averedes | do q*ue* vos cuydad[e]s (292r).

Há a palavra *puridade*, isto é, "segredo", "privacidade", característica de camada antiga. Conforme explica Nunes (1995: s.v. *puridade*), o étimo latino PURITAS, -ATIS, "pureza", sofreu deslocamento semântico talvez decalcado do árabe (fidelidade + confidência): 2 tais **poridades** sam hi quais nhũ homẽ de | ve ler Seante per verdadeira confisão de seus pecados nõ for ĩi | po (3r); ca | bem to merecy q*ue* fuy ousado de ver as tuas | **purydades** (87r); q*ue*ele | se espira amte ele detall maneyra q*ue*lhe | mostrara todas as suas **porydades** q*ue*ele | nũqua haomem descobryo (109v); 2mtaõ comesou aoulhar as sagradas espritura e Samtas **poridades** segũdo || O hele pode saber (133r-133v); mais | sabe bem q*ue* ho esprito sãto que aos | amgos e aos seus seruos mostra grã | des **poridades** po*r* asua grã piedade | me ẽsinou estas cousas (146v); aquelle piadoso Rey q*ue* ha |

nome Jhesu cristo me descobrio por | sua gramde piedade tamtas desuas | **poridades** (149r); ella começou de | tyrar com huũa sua coermãa aqual | descobrira sua **poridade** de como *que*ria escarneçer ipocras quue | se fazia fillosofo (177v).

Recado é forma variante antiga de *recato* "juízo", "inteligência", "ponderação". (cf. Vasconcelos 1920 s.v. *recado*): Rey evalac | agora sey eu bem que tuu sayste | deteu syso e de teu **Recado** (101v); e vos ficaredes asy como | gemtes dos Jmjguos e como gẽte pobre | e sem siso nẽ **Recado** (154v).

Talante deriva do latim TALENTUM e significa basicamente "vontade" nos exemplos a seguir (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *talan*): e mamtẽ | devos comtra mim como lleais filhos que eu me mam | terey comtra vos como padre debom **talamt***e* (32v); ma[s] gram verdade he que | ho omem de bom **talamte** semp*re* oulha sua mesura e nõ | cura decrueza (54r); quamdo labell isto ouujo | sano se mujto feramẽte e com mall **talam** | **te** (144v); E noso S*enh*or lhes ffoy de tam bom **tallamte** | q*ue* acharam terra de baixo dos pees (272r); asy po*r* seu bom | **talamte** aya de mỹ tal piedade q*ue* nõ olhe | a minha traiçam tam gramde (280r); mas toda via me seya de | tam bom **talamte** e tam piadoso q*ue* amte ho | dia do gram Juizo me aja perdoado este grão | herro (280r).

Torto - do latim TORTUS, particípio de TORQUERE - na acepção de "dano", "injustiça", também é palavra de camada lingüística mais antiga presente no *José* (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *torto*): 2 vespesiano disse que elle viera aly pera ho ly | urar 2 pera vingar seu saluador dos grandes **tortos** que lhe | fizeram (13r); Eeu vos coRegerey ho **torto** | q*ue* vos f[i]z todo Em q*ua*l guisa quiserdes (51r); e eles

agram **torto** bem sobre | nos e fazei como. bõs e sera avitorea e ha | OmRa dabatalha vosa (53r); e agora sey quevos fize **torto** ese | me mall vier bem ho mereçy (107v); esta he a ujmgamça do **torto** | que fizeste ẽ tirar aespada que tu | naõ eras dino de tirar (163r); senhor dise | o senhor de Rabell esta vimgamça he boa | segumdo o **torto** que ele quis fazer (203v); e tirou dele os que ha | **torto** hy foraõ metidos e emvy os | a suua glorya (229r); e por deos fazede tamto por meu Roguo que | meus jrmaos que eu matey a gram **torto** | seyam todos soterrados derrador de || mỹ (280r-280v); e orcauz deu logo seu gage por se defẽder | deste **torto** por sy ou por outrem (285v); ay por *deos senhor per* | doay me ho **torto** que vos hey feyto (290r); eu volla dou e meto meu corpo ẽ voso poder | pera fazerdes dele ho que quyserrdes por vymgãça | do **torto** que vos fiz (290r).

Cabe ainda mencionar *volta*, "tumulto", cujo étimo é a forma * VOLTA, particípio de *volver*, do latim VOLVERE: 2 loguo caifas setornou ajherusalẽ 2 ouuyo **avolta** 2 o choro || que faziam por Joseph que era perdido (9r-9v); asy | seleuamtou a **volta** por a casa e elRey pre | gumtou quẽ Era aquele que tão bem fallara | da trimdade (44v); qũa | do sarafes ouuyo **avolta** llogo Cuydou ho | que poderia ser (60r); aestas palavras | foy a **volta** no paço muy grãde e todos ãda | vam como pasmados deca pera la (85v); e o fogo foy muy gram | de e fez tam gramde **volta** que os da | Casa acodiram e começaram adar vozes (112r); e Rebolvemdose aymsoa ouvia huã bata | lha e huã **volta** tam gramde que lhe pareçeo que | aymsola sequerya afumdar (123r); e a **volta** | foy tam gramde na oste asy dos que moriã | Como dos ferjdos e doutros que aviam | medo (237r);

quam | do a batalha dos cr*ist*aãos foy jumta com a dos | pagaaõs nom ouujriades senam graã quebrar | de lamcas e gram **volta** de jemte (250v).

1.2 Formas diferentes de substantivos com apagamento posterior de uma delas

A forma *fame*, segundo Nunes (1908: 226, n.1) é característica de uma camada mais antiga da língua, e convive com *fome*. É curioso observar que a forma que viria posteriormente a cair em desuso é a mais freqüente ao longo do texto, como demonstram os exemplos a seguir: caa as boas palauras que nelle achaua me faziam perder **afame** (5r); 2 comy 2 bebi quãto me | aprouue que avia **fame** (6v); eẽtaaõ | leuey aquella fruita aquelle homẽ que Jazia na capella 2 deilhe decomer que avia grande **fame** (7r); e por que tão pobres sejão nõ mo Rem porem de **fame** (25v); e nã bem asy q*ue* as vezes | avya **fame** (82v); e que nenenhuã **fame** non fycou (93r); e nomeouho por seu nome debautys | mo e dyselhe seavia **fame** (99r); quamdo el Rey tam gramdes | maravilhas vio foy tam abastado q*ue* | nam ouve **fame** (99r); e quamdo acordou | teve tam gramde **fame** que verdade*ira* | memte bem Cuydou que nom escapa | rya demorte (103r); e se am | testynha **fame** estava emtam tam | abastado Como se todos os boõs mã || Jares do mumdo Comẽra (104v-105r); e quamdo lhe lembrou | da **fame** e da ave começou muyto achorar (105r); que tamto comforto | me deste que nom [d]ivera dauer **fame** (105r); mas que de **fame** ho deyxase mo | Rer na prysam (113v); por q*ue* tamto | q*ue* tyuer **fame** llogo o comera (162r); se poderdes por em mĩ || Comselho e ẽ minha **fame** (186r-186v); e domde moreremos | de **fame** senos allguẽ nom | dejta ffora (187r); eu me | yrey e te lleyxarei nesta pe | na hi moreras de **fame** (188r); se aquy

ficardes morereedes de **fame** e nom sere | des soterados (188v); *que* tam gramde pa | vor ouue delle q*ue* toda a **fame** me esqueçeo (189v); e asy me tirou a **fame** como se todos os boõs mãJa | res do mũdo comese (191v); e tam hazinha como pus os olhos nele | toda **fame** ffoy de mym apar | tada (191v); que muyto sois | alomgados de jemte e asỹ moReredes | aquy de **fame** (193r); nom vos vera nimgem e moReredes hy | de **fame** e comer vos ham as hauos e as bestas (193v); camçados e morẽ | do de **fame** acharão em huuã pobre casa | huũa velha que cozia seu pão (220v); e dise | lhes que aquela **fame** lhes viera po*r* seus | pecados e pelo diabo (221r); amtes dous dias ymtey | ros ouveram gram **fame** (277r); po*r* q*ue* cada huũ hera avomdado de graça do | samto vaso E eu moria de **fame** (279r). Eis agora algumas ocorrências da forma que prevaleceu: ante ho deixasem | na prisão morrer de **fome** (9v); 2 que ho fizessem hi morrer de **fome** (14r); e sa | be que tamto moraras nesta pena q*ue* | nela morreras de **fome** (95r); e dezialhe que lhedese | que comese que morrya de **fome** (122v); se nõ queredes que moiramos de **fome** (264v); vio que na gram bretanha avia devir | hua grarnde **fome** (306r); E dezião amtresy Este Rey Cuida mo Rer de **fome** (306r); que amtes queho ano pasase foy por toda | a gram bretanha huã tão gram **fome** (306r); e foy a **fome** asy depaão Como detodas as outras | cousas com que oshomẽs podião guareçer (306r); Ena quele tempo | avia Em samsonha huã tal **fome** e tal falleçy | memto de todos hos beẽs do mumdo (306v); e quis lho tolher por agram **fome** que Avia (310v).

Evidencia também a convivência de camadas lingüísticas diferentes no *José* a variação de formas da palavra *flor*. Importa perceber que a freqüência de

ocorrência da forma considerada como característica do português arcaico - *frol* - é acentuadamente maior do que a da forma que prevaleceu, *flor*, que *flor* ocorre somente uma vez (cf. Tavares 1942:32).[70] Vejamos os exemplos: aq*ue*la barca era muy py | quena e era de prata e a vela asy bram | qua Como a **frol** do bramco lyryo (92v); 2 a **frol** 2 o fruito que de | la Saio senifica abemta Sememte que So hela foy | feita (130r); 2 numca hẽuelheceo nem se cou nẽ | hempiorou de cousa saluo que nom deu mais **froll** nẽ | fruto (131v); e aquella panella era toda po*r* fora cerada e cerqua[d]a de **frolles** que | della naserão (145r); EellRey oulhou Apanella e maravy | lhouse mujto quamdo della vio || sair as **frolles** (145r-145v); depois vio decabo | dapanella vir huã serpe deitãdo | foguo e chama e lloguo queymoua panella e as **froles** (145v); q*ue* ho | prado he pella manhã verde e cheio | de **frolles** ẽ anojtę po*r* aquẽtura | do soll he murcho e sequo he | morto (146v); mais das **froles** q*ue* hacerquavão e della | sajam podes ẽtemder maraujlhaas (147r); ora oulha dą fazemda e da *ver*dade | da **froll** tu numca viste nẽ outrem | vio **froll** que nõ des faleçese e per | dese sua beldade (147r); a fora somẽte a **froll** que he chamadą a | vergẽ maria abelldade da quella **froll** | nũ qua foy mall treyta nẽ pejorada (147r); tu viste | hũ prado v*er*de enelle estaua huã || Panella cerquada de **frores** (146r-146v); Ja te mostrey q*ue* senifica apanella | E as **frores** (147v); aruore maraujlhosa guarnjda | de **frores** e de folhas e de fruito (149v); e tãto | la morarão ata que ha verdade*ira* | Roza froll das **flores** veyo no Rozall (228v).

[70] Segundo Vasconcelos ([19-]:29), a palavra *frol* foi reconduzida o modelo latino primitivo *flor* no século XVI.

Também predomina a forma que desapareceu no português padrão moderno, *giolho*, em relação a *joelho*: 2quando chegou amĩ deceu 2 fincou os **giolhos** 2 tirou huãs | toalhas (6r); e fimcou os **jiolhos** e os Cotouelos nus Em teRa (29v); e quãdo | foraõ em **giolhos** ouujraõ huũ gram som | vir do çeo (31v); amtes se deixou cair Em **giolhos** | diamte darca (34v); e josefes muy azinha fimcou | os **giolhos** e ferio seu peito (40r); e joseph fimcou | os **giolhos** e Reçebeo seu saluador e todos | os outros outrosy (41r); tornouse cõtra | horyemte e fymcouse de **giolhos** | em terra (101r); emtam se | põs naseram em **giolhos** Comtra oryemte e | Rogou a noso *senh*or Jhesu *crist*o (125r); quamdo ellRey isto | ouujo leixouse cair ẽ **Jiolhos** amte | omenjno (149v); E emcomemdaraõ se a noso | *senh*or ficamdo os **giolhos** comtra oriemte (194r); e fimcou os **giolhos** diamte dele | E ele o ergeo por amão (197r); E quamdo ElIRey o vio amtesy | ergueose da cama e finquou os **giolhos** ante | elle (241r); e todos os paga[n]os fim | carão os **giolhos** amte eles (269v); Emtão fimcou os **giolhos** e dise ay padre piadoso *senh*or (269v); quamdo Josep ysto ouujo fimcou os **giolhos** | em teRa (270r); fimcade | todos os **giolhos** e Rogade ao grã mestre (271v); que logo fimcarão os **giolhos** comtra oriemte (271v); em quamto Elles ysto falauão pa | dre e ffi*lh*o Josefes fimcou os **Jiolhos** | em tera (276r); ẽ tão fymcou | gallat os **gyolhos** amte ele (295r). A par dessas formas, ocorre, em freqüência bem mais baixa, a forma *joelho*: quoamdo se vyo | sam tornou a fimcar os **goelhos** diamte | dele (197r); chegarãose aJosefes e fimcaraõ | os **Joelhos** diamte dele (214r); e josefes | vistio suua camiza fimcaraõ | todos os **goelhos** emterra (215v); e por amenham todos postos ẽ **goelhos** e em cotouelos Rogarão ano so *senn*hor (219v).

A forma *jaiam*, do francês antigo *jaiant* (< lat. GIGANTE), prevalece, enquanto que a forma concorrente *gigante* é de ocorrência menos freqüente: quãdo naserão | vio *que* escapara do **Jaiam** tornouse | aespada quebrada (160r); aq*ue*lle Rej morava ẽ huũa Jm | solla do mar *que* chamãa ajmso | lla do **guayam** (182r); e llevou | comsyguo Jpocras e quamdo | chegou a ymsolla do **gayam** (182r); vy hum omem nom sey se he cavale*i*ro se piaõ | combaterse com hum fero **jayam** de terra | estranha (201r); e nabor firya o **jayaaõ** | po*r* o meyo dacabeça que tinha descuberta (201v); soterrade estes corpos | hum de huũa parte do caminho e outro | do outro e ho **jayaão** em meyo (204r); pero amte lhes divisou toda a verdade | do **jayaão** que ora aestorea nõ declara (204v); Ao menos dise | el Rey dizedenos a verdade do **jayam** que acha | ram morto (248v); eu amdey tamto que | chegey aquela momtanha e vy ho **jayam** soo | hũa aruore (249r); e est[e] **jayam** tinha por costume | De hir cada dia a hum porto de maar (249r); chegou nab[o]r hum meu ca | valejro que me amdaua buscamdo e matou | ho **jayam** (249r); sobio com sua companhia em hũ outeiro | alto e gramde q*ue* chamão o outeiro do **jayam** (259r); e elles ẽtaõ virão | sajr do castello hũ **gigãte** o major e mais | desemelhado de que nũqa ouujraõ fallar (159r); por q*ue* o **gigãte** traba | lhaua po*r* emtrar na nao (159r); moreredes qãdo | nas[ci]ão vio vir o **gigamte** tã gramde | E tam espãtoso não soube q*ue* fizese (159r); e | foy comtra o **gigamte** e ferio o | por meyo das espalldas (160r); e quamdo o **gigamte** ffoy | asy ferido cayo morto em tera damdo muj gramdes bradoos (160r).

A forma *madre* "mãe" já era arcaísmo no século XV (cf. Castro 1991:222) convive com a forma inovadora *mãe*.[71] Apresentamos, a seguir, exemplos da forma *madre*: ate prouar como ele naçeo sem ajumtamemto de | homem e sem sua **madre** perder sua virgimdade (21v); asy podeis | emtemder que na naçemça de sua **madre** foy mortal (22r); e aoutra he que sua **madre** era virgem e numca | por yso perdeo sua virgimdade (24r); eu lhe Respomdy choramdo q*ue* farya quãto | ella quysesse como po*r* **madre** (66r); ẽ tão ho hermytão e mjnha | **madre** começarão a Rir (66v); e deu dele a mynha **madre** e depoys amỹ q*ue* me meteo | naboca (67r); nesta guysa me castygou my | nha **madre** e ẽ synou me todas aquellas | cousas (69r); 2 de[z]jas brauuras comtra || Teu Jrmao 2 comtra ho ffilho de tua **madre** (131r-131v); 2 deziã 2 comtauã os hũs aos | houtros como sua primeira **madre** a chamtara (132r); 2 dise que a huã se deuia chamar **madre** 2 aou | tra madrasta (133v); 2 a de coreger ho que auosa primeira **madre** herou (135r); ygreja que nasçião | naquele castelo mamdara fazer ahomra | da **madre** de d*eo*s (211r); daquela que os cristãos chamã | a virgem maria **madre** de Jh[*es*]u Cr*isto* (225r); guoarte de dezeres mimtira corntra ha bem | dita **madre** de deos (225r); senefica eua nosa primeyra | **madre** que foy começamemto e Raiz | de nosa linhajem (228r); que comprou o pecado de nosa primeira | **madre** (228v); que se | nõ lembrou de d*eo*s nem de sua **madre** (245r); e aguardavã no como **madre** poderia guardar seu | filho (271v); aquelle | canam hera naturall de Jerusallem E | tinha doze Irmãos de padre e de **madre** (272r); achou nouas de sua **madre** | q*ue*

[71] "*Patre*, *matre* passavam na sua aplicação humana nà bôca das crianças primeiro a pade, made, com queda do *r*; depois a *pa-e* e *ma-e*; ulteriormente por união de a-e no ditongo *ai* a *pai*, *mai*. *Mai* continuou ainda a transformar-se, sendo nasalizado, como *muim*, de *muy*: *muinto* em vez de *muito*; *mim* por *mi*. Em sentido eclesiástico ficaram, pelo contrário, estacionários depois do abrandamento do *t*: *Padre*, *madre*." (cf. Vasconcleos ([19-]:31).

era morta (294r); da geracão domde | saio galaz da parte de sua **madre** (304r). Eis agora exemplos da forma *mãe*: mas elle amaua tanto aJhesu cristo por Rogo de sua **may** | que elle disse que elle Jamais se casaria senaõ com asanta Jgre | ja (10r); e sua **may** vir gem dom | zela Oleuou Aegipto (20v); e my | nha **may** avya hũ gra mal de *que* ño podia sa | rar (65r); ẽtão se semtyo | mynha **may** *que* era tãb[e]m sãa como numca | amtes fora (66r); ẽ tão me dyse mynha **may** filha | eu quero q*ue* tu faças ho *que* te eu mamdar (66r); asy ẽtẽdemos | eu e mynha **may** q*ue* ho hermytão era homẽ | samto (67v); asy creo | mynha **may** ẽ toda sua vyda nẽ eu gra | ças adeos nõ torney depois aley pagam (67v); COMO **AMAI** DA RA | ynha faleceo (68r); e **amay** as ha sem aJumtam[e]mto de | macho (104r); e sam tam fryas que aJmda | ha **may** as nam pode sofrrer (104r); e quamdo | ha **may** hetoda queymada e feita | em poo por a força do fogo (104v); comem aquele poo que ficou | **damay** e ja mais nom comem outra | cousa (104v); Comtoulhe to da a v*er*dade dasua | linagẽ e quẽ era seu pay e sua | **may** (139v).

Assim como a palavra *madre* ocorre a par de *mãe*, assim também *padre* ocorre ao lado de *pai*: atodos aquelles que crem | 2 tem fee na santa trindade no **padre** 2 filho 2 no sprito. | Santo (2r); No **padre** por quem todas as cousas sam Postas 2 partidas (2r); COMO VIO HO **PADRE** 2 OFILHO 2 | ho sprito sancto em huã semelhança. (4v); ca eu vi cada hũ por si ho **padre** 2 ho filho 2 ho sprito sancto (4v); 2 asy vi tres pessoas q*ue* era | huã semelhança 2 huã deidade 2 hũ **padre** (4v); Edisse **padre** se pode ser nõ sofrer | esta paixaõ. (7v); elle nos dara mais do que deu anossos | **padres** no deserto. (15v); mas se ho nos seruirmos como elles elle nõ || nos sera **padre** mas padrasto (15v-16r); mas por me hos |

padres mal seruyrem nom quero que lazer[e]m hos filhos (16r); *senh*or glorioso **padre** esp*r*itual | q*ue* tiraste o pouo deisRael depoder de farão (30r); escutay meus novos filhos. eu são d*eo*s voso **padre** esp*r*itual (32r); asy achey aqueles crus | emteados a que eu era piadoso **padre** (32v); e vos e voso **padre** me disestes | que me daries tall comselho p*er* que Eu vemçeria (47v); e Josefes e seu **padre** vieram e adona lhes pre | gumtou (64v); e | o Jmfamçam e seu filho ho mayor que ha | via nome elyco[r]s e o **padre** avia nome | Corçyfary[n]s (118v); 2 | pos el rei Sua coroa a ca beçeira aquela que fora dell | rey dauid seu **padre** (135r); e depois que calafer vio que naseraõ seu **padre** esca Para (144r); e dise celidonjs aseu | **padre** aquella nao vẽ anos (160v); e josefes | vyo a seu **padre** e beijoou e diselhe **pa** | **dre** segideme (214r); *senh*or tu es meu **padre** e meu guar | dador e me deues giar Como tua ouelha (254v). Eis alguns exemplos da forma *pai*: 2 mandou dizer | a seu **pay** ho que lhe dissera ho caualeiro (11r); E quando seu **pay** 2 as | outras Jentes viram tal foi a legria 2 ho prazer tam grãde (12r); q*ue* depoys q*ue* sayo delle a alma e ho corpo | foy metydo ẽ huũ moymẽto domde meu **pay** | ho meteo (80v); aquele menyno metio calafer com seu **pay** | naseram (111r); neste vymgarey eu ho despeito | deseu **pay** e a morte que Reçebo (113v); que ho menyno nom | tynha Culpa no que seu **pay** fy | zera (113v); hum dia foi abell a hum campo hum pe daço de casa de seu **pai** (131r); ata que salamaõ Reynou de pois deseu **pay** dauid (132v); vos fizestes pera El rey dauid | voso **pay** huã espada (134r); Comtoulhe to da a v*er*dade dasua | linagẽ e quẽ era seu **pay** e sua may (139v); gramde allegria teue o **pay** | com o filho e o filho com o **pay** (158v); mas amte Como **pay** que ajuda seuus | *filh*os os ajudase (194r); toma tu Em | lugar de **pai** e syrveo (195v); e em | trou na barqua e emcomemdou a d*eo*s seu **pay** | e

todos os outros (197v); e o guoardase asỹ como | **pay** deue guoardar a filho (207v); e pero morrerra primeiro | que seu **pay** (210r); e o **pay** se chamaua symion | e [o] fi*l*ho mois (215r); emtão se tornou comtra | seu **pay** e suua gemte e diselhes (216r); e po*r* tãto | q*ue*ria se podesse ser q*ue* aquelle cr*ist*ão q*ue* meu **pay** || tẽ preso (283r-283v).

1.3 Substantivos de uma camada lingüística mais nova

Marcas lexicais de uma camada lingüística mais nova podem ser identificadas no texto do *José*. A palavra *campa* "laje sepulcral" é registrada somente a partir do século XVI (Cunha 1994: s.v. *campa*) e ẽ cyma poserã hũa campa muy Ricamẽte la | vrada ẽ tal maneyra q*ue* por ẽgenho nẽ por fo*r* | ça de home nõ podia ser alçada (297r).

Outra palavra cujo primeiro registro é quinhentista é *confiança* (Cunha 1994: s.v. *fiar*[2]): e nysto deves aver | **Comfyamça** que se ho tuu acabada | memte creres tu ayeras quamto teu | coraçam demamdar (97v).

A palavra *cópia* "grande abundância" é latinismo que ocorre na língua a partir do século XVI (Spina 1987:11): no fumdo dele ay m*ui*ta **copia** de | pedras que os lapidayros chomam ay mamtes (121r).

Ocorre *peitoril*, forma quinhentista, segundo Cunha (1994:s.v. *peito*): e elle so | bio no eyra do da tore e vio perto | do **pey toryll** so as ameyas Jazer huũa | Corda gramde e fforte e llomgua (176r).

Como palavra de camada lingüística mais nova também registramos *veneração* (cf. Cunha 1994: s.v. *venerar*): 2 aaruore tinha[m] os her deiros dadam | 2m muita **veneração** 2 deziã 2 comtauã os hũs aos | houtros como sua primeira madre a chamtara he 2m qual gisa (132r).

2. Adjetivo

2.1 Adjetivos de uma camada lingüística mais antiga

Há uma única ocorrência de *avorrido* – "aborrecido", "sombrio", "repugnante": e os ladrois o tomauão e ho | queriaõ lleuar acasa A quall era | tam **Auorida** e tã negra e tã feia e tam cheya de fedores e della | grimas e debrados que nõ aujã cora | çam no mũdo por atreujdo q*ue* fose | q*ue* nao ouuese pauor (148r).

O particípio passado do verbo *compassar* "dispor", "ordenar", ocorre no seguinte trecho: e todo o mais do llejto que avia de ser de pão era demarfill **compasado** e feyto por gram sotilleza (171r).[72]

A palavra *desaguisado* "inconveniente", recorrente na documentação arcaica, ocorre uma só vez no *José* (cf. Vasconcelos 1920: s.v. *desguisado*; Mattos e Silva 1993:35): cuydaram que ho | Emperador ho mamdara por | Juizo de sua corte ally por por | allguũ gramde **desaguisado** que lhe fizera (178r).

---

[72] Seria esta palavra um galicismo arcaico, visto que em romances franceses de cavalaria como, por exemplo, o Lancelot (1983: s.v. *compasser*), podemos encontrar a forma *compasser*, "fabricar" no seguinte exemplo: "Lors compassa .I. eschés d'or et d'argent, les plus riches et les plus biaux que nus hons feist onques ne veist" (LXXXIII, 11).

A palavra *ementado*, particípio do verbo *ementar*, "recordar", "mencionar": e as tres | pesoas forão bem **ememtadas** no Começo do mumdo | quamdo o padre Criou todas as Cousas do mumdo (23r).

A forma *estroído* equivale a *destruído*, no sentido de "doido":[73] Eentaaõ começarão todos aRir que | cuidaram que era **estroido** da prisam ou samdeu (14r).

Ocorre uma única vez o adjetivo *lazerado* "aflito, miserável" (cf. Mattos e Silva 1993:35): Emtão saberedes se he viçoso | se **Lazerado** (262r).

Apresentamos também a palavra novel "novo", do catalão *novell* ou antigo provençal *novell/novelh/noel*, (cf. Nunes 1995:561 s.v. *novel*): e trouxe cõsygo | hũu seu filho **novel** cavaleiro *que* por da sua 1 ydade era tydo por muyto bõo (285v).

É freqüente a palavra *ardido* "ousado", "corajoso", do francês *hardi* (Mattos e Silva 1993:35): que amtes ele era taõ | temido que nõ avia vezinho tão **ardido** quue | ousase prouar deemtrar Em sua teRa (17v); pois quamdo ebalac | vio seu cunhado tão esforçado E tão **ardido** (53v); [e]lle || abraços hos mays **ardydos** de Ribaua dos cavalos (63r-63v); e meu Jrmão | *que* era muy bõo cavale*i*ro darmas e muy **ardy** | **do** (67v); e a q*ue*les q*ue* *ver*dadeyra || mẽte forem **ardydos** avemturarã seus corpos (78v-79r); por que era ho mais **ardido** darmas | sepodia achar (115r); e sera taão | bom cavale*i*ro darmas e tão **ardido** que | sera maravilha (232v); que nom avia hy tam | **ardido** que nom ouvese pauor de morte (237r); e era filho | de Rey e de Rainha e era muy bom cauale*i*ro darmas | e **ardido** (246r); q*ue* elles eram bons | Caualeiros e **ardidos** e amados de *deos* e *dos* |

---

[73] Nunes (1908:226, n.1) considera mais antiga a forma *espir*, também com ausência do d- inicial, a par de despir

homeys (272v); estes | foram cauale*i*ros boñs e **ardidos** esto sabedes vos | bem (281r); e porẽ a fym nom | pode el Rey durar tamto era perõ forte e **ardydo** (289v); e fez hũu filho *que* ouue nome ellam *que* foy | cavaleiro bom e **ardydo** (293r); e ouue nome melyas ca | valeyro bõo e **ardydo** (293r); e outro ouue nome ga | riet aq*ue*le foy muy bõo cavale*i*ro **ardido** e leal (293r); ho outro ouue | nome gerez a q*ue*le foy muy fenuoso cavale*i*ro | e **ardydo** e bõo cavaleiro darmas (293v); e daq*ue*la domzela sayo carto lujs | ho bõo cavaleiro **ardydo** e amygo de de*o*s (303r); muy fermoso e muy bom Cauale*i*ro darmas | E **ardido** (304v).

É esporádica a ocorrência da palavra *cão* (< lat. CANUS) "de cabelos brancos" (cf. Nunes 1989:111): aquy vem huũ omem que saio fora darca todo | **cão** (36r); e tynha hos cabellos lõgos | 2 **cãos** (69v).

Há ocorências da palavra *cativo* (< lat. CAPTIVUM) na acepção de "mau" e / ou "infeliz" (cf. Vasconcelos 1920: s.v. cativo): e taõ gramde amor lhe tomou que dezia ay de mim mes | quinho **cativo** (53v); que era de tam **cativa** natu | ra e tam fraca como ser feyta dacosta do omem (128v); **catiuos** nom vos Julguedes asim | nõm uos desem paredes mas com ffortadeuos (129v); homẽ **catiuo** 2 cheo demisquy | mdade 2 cheo deuileza nõ te marauilhes se amolher te | meteu 2m sanha 2 em tristeza (133r); q*ue* he asas pobre **ca** | **tiua** e mesquinha e cheia de todas || mesqujmdades (138v-140r); em | quamto ho omẽ bom lhe comtaua | assabrosas palauras ouve gramde pesar e chamavase omẽ **catiuo** | e de **catiuo** sabr (142v); q*ue* he | cousa fraca e quebram cosa e **catiua** | q*ue* ata aaugua aquebra (147r); acomselha este **catiuo** Rey acom | selhaesta pobre p[*esso*]a e fazeme certo do q*ue* | te direy (149r); as | allmas naõ percã a p*er*duravel | glloria p*er*a q*ue*

fforam cryadas | quamdo destes **catiuos** cor | pos partyrem (169r); ay **catiua** gemte e dezauemturada dise ela (193v); **catiua** | jemte pois mais vos pagaes de trabalhos | que de viços (193v); empero ele | mimtia que nom hera senão *filho* de hum vilaão | **cativo** de ma vemtura (201r); e chamauamse **catiuos** mallhavẽ | turados e se[r]yam quoatroçemtos e sa | semta (214r); por que sondes | de taõ 3**cativo** saber que Credes estas ymages | q*ue* vos nõ podem ajudar nem valer (269v); que tu mostres aguora aquy logo que veja | este **cativo** pouo Como be Emganado em omRar | estas ymages (269v); e porem de | gramde herro q*ue* eu hy fiz de me asem | tar em tall luguar semdo pecador | **cativo** e seguo (275r).

Comprido, "cheio", é particípio do verbo *comprir*, derivado do latim COMPLERE, "encher" (cf. Nunes 1908: 226, n.1). Apresenta alta freqüência no códice: **compridos** Degloria por alumiamẽto | Do verdadeiro alumiador 2 confortador Dos pecadores (2r); e tã asynha foy | **cõprydo** do esprito samto (73r); e aquelle | sera **comprydo** detodas as bomdades q*ue* corpo de | homẽ possa ter (79r); e sera bõo adeos q*ue* sera **cõpry** | **do** decastydade e de samtydade (79r); e com todo esto de asy ser tam fermosa era **compryda** de todas as | bomdades e manhas boas (115v); que he **comprydo** de todas | as clarydades e de todas as lympidois (119v); q*ue* ho fez claro e | luzemte e **comprydo** de toda quemtura (120r); bem te guarda que sejas | **Comprydo** de fee (125v); 2 ffoy casta 2 limpa 2 **comprida** de bom | dade 2 boas hobras (130r); e o sprito q*ue* dezia | nella naõ emtrase senaõ fose **comprido** | de fee sinjfica asamta esp*ri*tura (140r); e como q*uer* q*ue* seja **com** | **Prido** de fee nẽ Se deve mudar nẽ [trocar] (140r); pois q*ue* vos nesta ẽ que eu ora | sam | q*ue* he **comprida** detodo bẽ e de v*er*dade | me não

queredes fazer companhia (157r); mais Como omẽ | **Comprido** depaçiemçia he de | vmjlldade so freo adoor da | chagua memtes lhe durou (163v); e que traziam comsiguo hum | vaso **comprido** de tamta graça que lhes da | va quãto aviam mister (240r); **comprido** de graça do Estprito samto | e creatura bem avemturada (274v); e achou hũu ao outro **comprydo** de tam | grão ardymẽto e bomdade darmas que se maravy | lhauão (289v). que ambos os cavaleiros erã **comprydos** de grã | bomdade (291v);

Ocorre também a palavra *desvairado* "variado", característica de camada antiga da língua (cf. Mattos e Silva 1993:35): he | oulhou pera çima e vio comtra sy deçer | huã avee e era tam gramde e tam **desvaryada** que numca tall avira (103r); nom podia ser que hũ nom fose no outro emvol | to com **desuayradas** maneyras que em cada | hũ ha (119v); aquela espada era de **desuayrada** | feytura (126r); amte deve viuer segũ | do deos e verdade nẽ deue ser em pecado | por **desvayrados** pẽ samẽtos (151r).

Uma palavra que parece ser de estrato mais antigo da língua é *folão*, "traidor", "desleal": o mais | brabo e **folaõ** do mumdo (201r); e aquele que hera desle | all e **folão** e de ma linhajem (202v); e se ele ouver tam **folaõ** conselho de vir sobre | vos nõ ajades diso nenhũ pauor (234r).

A forma *fremoso* é a mais usual nos Cancioneiros (cf. Lapa 1965: s.v. *fremosa*). Coexiste com *fermoso*, que é a forma mais freqüentemente usada no século XVI (Vasconcelos 1989: s.v. *fermoso*): E eles se aleuamtarão e forão la | acharão huũa muy **fremosa** não toda çerqua | da de camdeos e estamdartes (192r); e no bordo | da não a emtrada estaua huũa domzela mais | **fremosa** E mais

mamçeba que numca homem | vyo (192r); e a terceira noite sayo a lua clara | e **fremosa** E o mar hera muy mamso (197r); e na Em | trada na praya estaua huũa domzela | a mais **fremoza** nem amylhor guar[ny] | da que vira peça avya (204v); e sobre cada cova | deles fez fazer mumemto muy Riquo | e muy **fremoso** e escreuer sobre cada | hum como morrerra (211r); que era casado com huũa | suua *filh*a de que tinha doze *filh*os gramdes | e **fremosos** (215r); e virão o castelo | muy **fremoso** com muitas e Riquas ca | sas nele (221v); e neste cuydar ha | dormeçeo e sonhou que vinha a huã agoa | muy **fremosa** que numca vira (223v); viste sayr huũa | tam fremoza e tão vermelha que numca 1 ãtẽ taõ fremoza viras (226v); e no Ro | sall avya muytas Rosas mas nõ heraão | muy **fremosas** (226v); e cada | dia creçia e era mayor e mais **fremoza** (226v); ata que nosa *senh*ora | a virgem maria que foy **fremosa** sobre | todas as molheres o sobre todas | as **fremosas** (228v).

Trazemos também a palavra *gafo* "leproso", que se considera como de camada antiga (Cardoso 1970:194): COMO VESPISIANO | Emperador de Roma foi **guafo** (10r); ho primeiro anño que titus foy | emperador aconteceo que vespesiano seu filho foi tam **gafo** q*ue* nhuũ homẽ nõ ho podia sofrer (10v); 2 ho caualeiro lhe dise. *senh*or eu vos vim ver por que | fui eu Jaa **gafo** quando era menino. (10v); como disse vespesiano tam grande era ho poder | que ella tinha que podia sarar hos **gafos** (10v); vespesiano des leal pagão como oJe tu guerreas aquelle que te deu | saude quando tu eras **gafo** (15v); e era ho Rey daq*ue*la terra tã grão | **gafo** q*ue* a duro avya p*essoa* que ho quysesse ver nẽ | ter companhia (299v); q*ue* tã somẽte de ho veres | seras são de toda gafidade tã bem q*ue* nõ pa | recera

que foste **gafo** (300r); foy são e lỹpo | de sua ẽfermydade tã bem e tã lympamẽte || *que* parecya q*ue* numca fora **gafo** (300v-301r).

Registramos a forma *lidimo* (< lat. LEGITIMUS), divergente de *legítimo*, que ocorre nos seguintes trechos:[74] e suua nacemça sera has | comdida que nom sera feito em molher | **lidima** nem segumdo asamta ygreja | mamda (210r); E teue dous filhos ho hũu de molher **lidima** e o outro || Demamçeba O da **lidima** ouue nome llamçarote e o | outro estor (308r-308v).

Também é adjetivo de estrato mais antigo *pagado* "contente", "satisfeito" (cf. Mattos e Silva 1993:35): 2 por milhor **pa** | **gado** se teue que pilatus tinha que ho pagaua (8v); e quoamdo nabor vyo que seu | *sennh*or hera ledo e **pagado** diselhe (201v); e ho omem lhe dise que se havia daquilo | por muy **pagado** e felo asemtar | apar de sym (208v).

A palavra *sanhudo* "zangado", "furioso", apresenta baixa freqüência de ocorrência (cf. Mattos e Silva 1993:35; Vasconcelos 1920: s.v. *sanhudo*):[75] quoãmdo ela ysto | ouvyo Respomdeo muy **sanhuda** catiua | jemte pois mais vos pagaes de trabalhos | que de viços (193v); quoamdo el Rey de nourbelamda | ysto ouvyo foy muy **sanhudo** q*ue* bem | sabia q*ue* o duque gaanor hera bõ cavale*i*ro (233v); quamdo | josep esto ouuio foi muy **sanhudo** e tornou ver | molho (267v).

---

[74] Williams (1973:35.5) prevê os seguintes etapas de evolução desta palavra: LEGITIMUM > leidimo > liidimo > lídimo.

[75] A ocorrência freqüente de *sanhudo* nas cantigas de amigo fica evidente no levantamento feito por Cohen (1996).

2.2 Adjetivos de uma camada lingüística mais nova

Registra-se em dicionário etimológico a primeira ocorrência de *imenso* na segunda metade do século XVI, o que prova ser ela de camada lingüística mais nova: o allto *sennh*or q*ue* por bomdade devida e por | os gramdes mjlagres e **Jmẽsas** v*e*rtudes | q*ue* fazia (151v).

Também é de camada lingüística quinhentista a palavra *lerdo* (cf. Cunha 1994: s.v. *lerdo*): mas ho fumo de ca | im Seu Jrmao nom hia a Sim mas esprazia se por | hos chãos 2 hera muy **ler do** 2 muy ffeyo 2 cheiraua muito mall (130r)

Encontramos uma ocorrência de *pasmado*, cujo primeiro registro na língua data do século XVI (cf. Cunha 1994: s.v. *pasmo*): aestas palavras | foy a volta no paço muy grãde e todos ãda | vam como **pasmados** deca p*e*ra la (85v).

Cabe registrar a palavra *tenebroso*, que é característica de camada lingüística mais nova (cf. Cunha 1994: s.v. *tênebra*): ese vos | soruera e nelle moreredes e Jredes aoym | ferno e a **tenebro sa** casa domde ha toda dor | e to da lazeira (162v); casa escura e **tenebrosa** que he ho | ymferno (224v).

A palavra *veloz* é registrada somente a partir do século XVI (cf. Cunha 1994: s.v. *velocidade*): por que a naao coria taõ || **velloz** como se todos hos vemtos do mũdo com ella ffosem (168r-168v); virão | por o meyo do mar vyr huũa barqua taão | **veloz** Como se todos os vemtos nela | firisem (197v).

3. Numeral

3.1 Numerais de uma camada lingüística mais antiga

Dentre os ordinais, encontra-se uma ocorrência da forma *seisto*, derivado de SEXTUM. e modificado por influência de *seis* (cf. Nunes 1989:214; Williams 1973:136.7.A): e desym ho | segumdo e terçeiro e quoarto e quimto | e **seisto** e setimo (206v). Coexiste com a forma *sexto*.

A forma *seitimo*, que também ocorre uma vez, é desenvolvimento paralelo da forma que prevalece, *sétimo*, a partir de SEPTIMUM (cf. Nunes 1989:214; Vasconcelos 1926:301; Williams 1973:136.8.A): e de pois a **seytyma** | noute que naseram escapou Jazemdo dormym | do como aquela que avia dias que com Repou | so nom dormyra (117r). Convive no códice com a forma *sétimo*, que é mais freqüente.

Dentre os numerais ordinais, indicamos alguns vestígios de camada mais antiga, que são as formas pela adição dos cardinais à terminação erudita *-eno*, como *noveno* (desta tratamos no item 3.2 a seguir) e *dozeno* (cf. Said Ali 1964:91; Nunes 1989:214; Williams 1973:136.12). Muito rara é a ocorrência de *dozeno*: e o **dozeno** nõ se outorgou nyso amtes dise que seria | virgem todos os dias de sua vida (262r); esto esco | lheo o **dozeno** dos filhos de brou aguarda || de su[a] virguimdade e ser servo do samto vaso (262r-262v).

O distributivo *senhos*, do latim SINGULOS, ocorre esporadicamente (Vasconcelos 1926:303; Tavares 1942:29): e oulhou detras | desy e vio os amgos que tinhas **senhas** maos Em ele (34r); e mete | ram **senhas** pedras altas as

cabiçeiras | tais quaes puderam achar na tera (280v); e com ele vinhã quatro | lioes hũ diamte e outro detras e os dous de **senhos** lados (271v).

3.2 Formas diferentes de numerais com apagamento posterior de uma delas

É freqüente a ocorrência do numeral ordinal *noveno*: e veyo ao | lago e levou hy seus pes e suas mãos e o[u]tro | sy nos oyto Rios e no **noveno** meteose todo e | lavou todo seu corpo (83r); eos | oyto eram todos ygaes e o **noveno** que | derrade*i*ro naçera era tam fermoso etam | gramde como todos os outros (109r); ho **noveno** sera | demuy mayor alteza devida quetod*os* (109v); aquele sera ho**noveno** | dos que deçemderam deteu sobrynho (109v); e as outras duas | po*r* ho outro pee e **anovena** ho tynha por | ho queyxo (114r); que esto era no **noveno** dia | do mesde Junho e po*r* eso era aymsoa mais quemte (122r); mas quoamdo o **noveno** morrya pa | Reçia a cilidones e a nasção que todo | o mumdo se ajumtaua aredor dele (206v); daquele saira | o **noueno** que sera Rio turuo e espeso como | lama nome meyo (207r); e por que o **noueno** que vira ẽ forma | de lião tinha escrito que serya Rio | toruado (207v); aguora te direy por quue | o **noueno** te pareçeo Rio turuo (210r); ao **noueno** dia Jazias cabo do | Rosall ferydo de [h]uũa feryda em huũa | coxa (227r); ataa que veja o bom caualeiro ho **noueno** | da linhajem de nasçiam (253r); e galaz o **noueno** da linhagẽ de nas | ção que sobejo foy boom caualejro ho veyo | hy ver (256r). Ocorre a par a forma erudita *nono*, cuja forma feminina é freqüente na expressão *hora de nona*, em que alterna com *noa*, mas é muito rara em outros contextos, como no exemplo o seguinte: mas ho **nono** era mays fumdo | e mays grãde e corria tã de RiJo q*ue* nõ avyam | cousa que ho pudese sofrer (83r).

4. Pronome

4.1 Pronomes de uma camada lingüística mais antiga

Indicamos a única ocorrência do indefinido *nemigalha*: E ele Respomdeo | q*ue* se os matara q*ue* folgaua e nõ lhes | pezaua **nem mingualha** (278v).

O pronome indefinido *al*, significando "outra coisa", provém da forma ALID do latim vulgar, forma correspondente ao latim clássico ALIUD. Terá vigorado na língua até o século XVI, a partir do qual entra em declínio e desaparece (cf. Maia 1997:698). No *José*, ainda se encontram exemplos, não muito freqüentes, desse pronome: que tu deveras | clara memte ver E que nõ diveras de fallar **all** (44r); quamto te Eu dise he verdade todo q*ue* jamais || hy **all** nõ avera (44v-45r); e de **al** nom | te trabalhes (93v); e aviam gram doo | da morte do menyno mas nom podiam **all** | fazer (114r); quamdo viram q*ue* **all** não podia fazer (162r); por bõa fe ja por minha ffilha | nom ffarei **all** do q*ue* promety (182r); e nom tem sabor em **al** se | naão em suuas cousas (228v); que vie | se com elle falar e que **all** nõ | fizese (234r); Eu farey quãto me vos | diserdes que jaa hy **all** nom avera (234v); e vio tamtas ma | raujlhas que limgoa mortal **al** nom poderja | dizer (253r); que nõ Crecia | hi triguo nem **al** (304r). Aparece também substantivado, antecedido de artigo definido: dyse | q*ue* nom era nada ho **all** tamto ouue sabor dea ver (77r).

Com relação a *cada*, ocorre normalmente seguido imediatamente de nome substantivo. Mas há casos esporádicos em que é seguido de *um*, que precede nome (cf. Mattos e Silva 1989:190): asy como **cada huũ** cristão deve Ro | guar pera que por sua piedade e gram mese | ricordia nõ seya pera sempre perdido (280v); por a menhã quamdo acordaram se espamtaram | mais que de cousa que numca visem que viram sobre | **cada huũ** moimẽto as espadas alevamtadas (281r).

A forma reforçada do demonstrativo *aqueste* (< lat. ECCUM ISTE)[76] é esporádica, pois já deixara de ser freqüente a partir do século XIV, apesar de encontrarem-se exemplos em autores quinhentistas pré-camonianos:[77] 2 fiquey asi 2 comecey muyto | acuidar **naquesta** marauylha (4r); yde seguros que ha vertude **daqueste** | priçioso vazo vos guoardara e g[i]ara (214v); que muy | to me maravilho quem vos comiguo meteo | e **aquestes** outros (219r).

A forma simples do demonstrativo *elo*, procedente do neutro latino ILLUD, também apresenta baixa a freqüência no texto (cf. Vasconcelos [19-]:345): todos hos meus alemẽtos Se moueriã 2 ho çeo por **ello** | choraria (3r); 2 quem | anegasse que morreria por **ello** (11r); que adeRedor **dello** coRia hũa das gramdes e das | Rigas agoas que homẽ vio (48v); 2 por | ho gram prazer que **delo** hou veram chamtaram dela | muitas houtras (129v); que eu dele farey | tall justiça que **delo** sempre falaraão (223r); e por | deos dime **delo** a verdade se a sabes (228r); sabe

---

[76] Segundo Maurer (1959:110), no latim vulgar "os demonstrativos populares ... vêm muito freqüentemente reforçados por um velho advérbio ou partícula epidítica *ecce*, ou *eccu(m)*, este último formado do mesmo advérbio *ecce* com o demonstrativo *(h)un(c)*, acusativo de *hic*. Ao lado destas duas formas, algumas línguas românicas postulam **accu*, em que se tem visto um cruzamento de *eccu* e *atque*, ou simplesmente *atque* ... Na România a distribuição das partículas de reforço é, em linhas gerais, a seguinte: a Ibéria tôda e Dácia têm **accu*, ...".

[77] V. Maia (1997:688). V. tb. Ali (1964:99).

que te acharas por **elo** pyor que por | cousa que fizeres (228r); e que a suua ley em nenhuũa giza tornarya | aymda que por **elo** o matasem (233v).

Muito raro é o anafórico *ende ~ en* no *José*. Derivado do latim *inde*, desaparece da língua escrita no século XV, como palavra separada, ocorrendo somente como segundo elemento de *porende* e *porém*. (cf. Mattos e Silva 1993:104; Teyssier 1981).[78] É de notar que a locução *por ende* também é muito rara no texto. Os únicos três exemplos do anafórico *ende ~ en* encontrados são: que ben say | bam todos os q*ue* hy Jouuesẽ q*ue* nhũ nom escapa | ra q*ue* nom seJa morto ou se p*ar*ta [**e**]**mde** mal se | sobeJo nõ for bõo caval*ei*ro (302v); asy que ha | teRa pareçia que era **em** toda vermelha (33v); a mais fermoza que numca homem teReal vestio || [n]em ouue **em** poder (36v); mas an osa estorea que po*r* abocade | Jhe*s*u cri*st*o foy na terra em viada nom metera | **em** Joam vivas hũ pomto de falsydade (f.° 123r).

Com relação ao pronome relativo *cujo*, que representa historicamente o genitivo latino do pronome relativo (CUIUS, CUIA, CUIUM), cabe indicar os casos com duplo valor de relativo e de possessivo, que marcam camada mais antiga da língua (cf. Maia 1997:695; Nunes 1989:259-260): ante veyo || Apilatus **cujo** vassalo era (8r-8v); mas prim*ei*ro ouuyras Como Ouue padre E | **cujo** filho foy (22r); Como Josefes lhe disse **cuyo** filho era (46r); de sua molher | **cuJo** sobrynho ele era (83r); asy que ele | vio bem o corpo de**cuJa** era amaõ (112v); fizerão no |

---

[78] O desaparecimento de ende-en no século XV é comprovado por Teyssier, quando, a partir da comparação entre a versão mais antiga dos *Diálogos de São Gregório* (séc. XIV) e a *Crônica de D. Pedro*, de *Fernão Lopes* (2.ª década do século XV) afirma que, na língua de Fernão Lopes "*ende-en* n'y existe plus comme mot séparé; il ne survit que comme second élément des adverbes *porende* et *porém*."

saber aelRey de nohurbelamda **cujo** va | salo hele era (233v); afora de jhesu cristo **cuja** a | terra he (234v).

Assim também é raro o relativo *quejando* (< lat. QUID GENITU) : aquella | besta era tall q*ue* Ja delomge nõ apoderia ho | mem || ver q*ue* dyssesse **q*ue* Jamda** era (67r-67v); salamão vio vir hum homẽ des comtra | ho seo cõ gram companha de am Jos 2 traziam estor | mẽtos de muitas guisas 2 suas maõs mas nã sabia ele | deuisar **que Jamdos** erã (136r).

4.2 Formas diferentes de pronomes com apagamento posterior de uma delas

O anafórico *hi*, derivado do latim *ibi* confundido com *hic*, tem em geral o sentido local, e faz referência a um lugar de onde se falou anteriormente. Começa a desaparecer na documentação ao longo do século XV, e, no século XVI, *hi* adota a sílaba inicial de *aqui* e *ali*, dando origem a *aí*, que já pertence a uma camada mais nova da língua. Esta forma também ocorre no texto, ainda que com menor freqüência, a par de *hi*, que apresenta freqüência muito elevada (cf. Mattos e Silva 1993:104; Teyssier 1981): 2 nõ avia **hi** senão huã soo Dei | dade 2 hũ soo poder (2v); Asi q*ue* | **hi** estão nõ as fale por alingoa (3v); ho s*enh*orio honde | Sam paulo disse que nhuã lingoa mortal nõ avia **hi** de sobir (4v); 2 mais avia | **hi** degloria do que meu coração podia cuidar (4v); ca muyto avia **hi** de boo lugar 2 muy limpo (5r); 2 assomarãsse **hi** tantos de dia | bos que eu cuidei que nom avia **hi** tantos no mũdo (7r); Entaõ | se deixou Jazer **hi** 2 eu Rezey minhas oras 2 cantey minha my | sa (7r); 2 esteue **hi** trinta 2seis años (10r); s*enh*or eu cuido que jouue **hy**. | desta sesta feira ata oJe (14r); e nõ podia **hi** durar | nenhũa oste tamto era p*er*to da porta

(48v); quamdo ElRey ebalac | emtrou no castelo da coina p*er*a **hi** guareçer (50r); aly foy amayor pressa da batalha e | muytos **hi** p*er*derã as vidas (60v); e pareceome q*ue* todos os bõos chey | ros **hy** erã (66v); e os outros que **hy** estauam e deyxa ram no soo (114v); e po*r* a na | tureza que tynhado fogo vezes **hy** avia que | seleuamtava pouco apouco (123v); EllRey de persia hia **hy** cõ elles q*ue* ha | via nome labell (139r); e nõ avia **hy** tall | q*ue* nom fose tido por muj bom ca | valleyro (166v); e o s*enn*h*o*r do castelo vinha **hy** comeles (203r); Eu porey **hy** o milhor Comse | lho que poder (265r). Seguem-se exemplos de *aí*: Eeu lhe dixe eu vi **ahi** tantas que | nõ ha homẽ que as ouuisse contar que nõ dissese que era mentira (4v); a si que muyta Jente da hoste ho ouuyram **ahy**. (15r); e desta gemte hião se dous da | companhia a hũa Coua que Era lomge de **ahy** (26v); por om*ui*to | samgue que por tempos **ahi** Jouue da quela grãde | morte (52r); e foy **ahy** grã morte dos Cava-le*i*ros dehũa | 2 outra parte (57r); e domde vya as mayores pressas **ahy** se metya (58r); es | tauaõ esperamdo Pera Roubar e premder | os que **ahy** fosem (150r); e Eles ja muy achegados | ao porto que nõ avya **ahy** senão Emtrarẽ (196v); e dise lhes vedes **ahi** gemte | emganada e mallavemturada (269v); asy q*ue* nom ouue **ahy** tal que nõ | ouuesse amte sy todos hos mãjares que soubesẽ | devysar (302r).[79]

Os demonstrativos neutros apresentam vacilação gráfica entre *e*, nas formas mais antigas, e *i*, grafia devida à metafonia produzida por *-u*;[80] as

---

[79] Teyssier (1981:17) constata, por levantamento exaustivo em diferentes *corpora*, que o anafórico *hi* ocorre durante os séculos XIV e XV, formando com ende-en um microssistema comparável ao do francês *y* e *en*. A partir dos séculos XV e XVI, um dos dois termos, *ende-en*, desaparece, e *hi*, que ficou sozinho, adotando a sílaba inicial de *aqui* e *ali*, torna-se o advérbio de lugar *aí*.

[80] "Uma outra observação diz respeito às formas terminadas em *-o*, que materialmente são o resultado da evolução das formas do neutro latino. Os documentos analisados revelam a existência de formas com *e* e com *i* na sílaba tónica; as deste último tipo explicam-se devido à metafonia exercida por [-u]." (Maia 1986:689). Segundo Mattos e Silva (1993:26), "a sua freqüência [das as

diferentes grafias espelham a flutuação fonética da língua. O elevado número de ocorrências com *e* pode indicar vestígio de estrato lingüístico antigo no *corpus*.

Podemos perceber essa oscilação em pronomes das três séries do sistema do demonstrativo.[81] Apresentamos alguns exemplos contextualizados de pronomes demonstrativos. 1.ª série: 2 quando Joseph **esto** vio foi muy ledo Eentão soube bẽ | que elle era d*eo*s verdadeiro (9v); A **esto** Respomdeo elRey ora me di amiguo elepois | he d*eo*s por que so freo morte (19r); ca **esto** sabe homem | bem que ele ouue nome vter Em bautismo (37r); mas **esto** | nõ podia ele fazer po*r* a m*ui*ta gemte q*ue* lho estro | vava (60v); e aymda ho mays lazerou ẽ outro lugar | e **esto** comtara a estoria adiamte (75v); e **esto** foy | po*r* ho pecado dadão e de heva q*ue* forã nossos pry | meyros padres (80r); po*r* boã fe dyse elRey | **esto** ẽtemdo eu

---

formas metafonizadas – *isto*, *aquisto*, *aquisso* e *aquilo*] é sempre muito inferior à forma etimológica, varia de um documento para outro, mas, no curso da história, vieram a desbancar as etimológicas (com / ę /) embora essas ainda remanesçam em dialetos rurais conservadores do norte de Portugal, pelo menos."

[81] O português antigo é fiel à distinção dos três pronomes demonstrativos (*iste – ipse – ille*), semelhante, nesse aspecto, ao do latim clássico (cf. Iliescu 1976; Silva Neto 1979:236). Derivam os demonstrativos portugueses dos demonstrativos latinos de base *ist-* (> *est-*), *ips-* (> *ess-*) e *ill-* (> *el-*) (cf. Mattos e Silva 1993:25). No português antigo, perduram os demonstrativos reforçados para a 1.ª e 2.ª pessoas: *aqueste*, *aquesse*, que só permaneceram no português moderno para a 3.ª pessoa, sendo as de 1.ª pessoa muito freqüentes e documentadas até no século XVI, e as de 2.ª pessoa, escassamente representadas em antigos textos galego-portugueses (cf. Maia 1997:685). Além disso, há as formas derivadas do neutro latino, invariáveis quanto ao gênero e ao número e sempre com função substantiva: *esto*, *esso*, mais freqüentes do que as formas metafonizadas *isto*, *isso*, identificáveis estas últimas esporadicamente a partir de finais do século XIII, (cf. Cintra 1984:415; Maia 1997:690); e formas reforçadas correspondentes, *aquesto / aquisto*, *aquesso / aquisso*, *aquelo / aquilo*; também se caracteriza essa fase do português pela variação *aquel / aquele*, (cf. Mattos e Silva 1994:25-26). Entre os séculos XIV e XVI, ocorrem simplificações morfológicas no sistema dos demonstrativos e o sistema se reestrutura. Teyssier (1981) realiza um levantamento quantitativo dos demonstrativos, com base no seguinte corpus: a versão mais antiga dos *Diálogos de São Gregório* (séc. XIV), a *Crônica de D. Pedro*, de *Fernão Lopes* (2.ª década do século XV), e a obra de *Gil Vicente* (de 1502 a 1536). Com base no levantamento de dados, podemos constatar que houve formas que se mantiveram, formas que não ocorrem e forma que ocorre pela primeira vez, no século XVI: 1. Formas simples referentes ao campo do emissor (E): mantêm-se *este(s) / esta(s)*, *isto*, não ocorre *esto*. 2. Formas reforçadas referentes E: mantêm-se *aqueste(s) / aquesta(s)* (com baixa freqüência), não ocorre *aquesto*. 3. Formas simples referentes ao campo do receptor (R): Mantêm-se *esse(s) / essa(s)*, *isso*, não ocorre *esso*. 4. Formas reforçadas de R: surge *aquesse*. 5. Formas reforçadas fora do campo do E e do R: Mantêm-se *aqueles / aquela(s)*, não ocorrem *aquel* e *aquelo*, surge *aquilo*. Desse conjunto, são, portanto, característicos de fases anteriores ao século XVI tanto as formas que não ocorrem como as que ocorrem com baixa freqüência.

muy bem (80v); e depos **esto** vya seu sobrynho celydones (83r); e depos **esto** | veyo huũ vemto tã RyJo e tá forte *que* todas | as Janelas do paço espadaçou (84v); **esto** nom saberas tu dise | ele ata que nom Corras ho lobo da | pardety (99v); mas **esto** | nom sera senam huã vez e emtam te sera | descuberta tua visam (108r); e com todo **esto** de asy ser | tam fermosa era compryda de todas as | bomdades e manhas boas (115v); e **esto** era por a natureza | *que* tynha Com aagoa e fryura (123v); e | **esto** dezia ele por que os Judeus tynham por | Custume (124r); **esto** deziam asletras que daou | tra *par*te eram (127v); 2 **esto** | seniffica que por agrorioza Samta maria seria cobrada | ha Samta herdade (129r); **Esto** trouxe caim Em seu cora sam logamemte (130v); quãdo hele **esto** | hou uio foy muy ledo (134v); 2 **esto** te mãda dizer salamão 2m | [ll]embramça dele (135v); por boã ffee dise ipocras | pois **esto** he asy eu não queda | rey ata *que* nom seJa em gualli | llea (180v); Depois que me **isto** dixe tomoume por a maão 2 deume hũ li | vro (3r); Edepois que **isto** dixe veyo hũa voz asi como debozina (3v); Quando vespesiano **isto** ouuyo foi muy ledo (11r); 2 elle **isto** dizendo chegou ho caualeiro (12r); E quando Joseph **isto** ouuyo ouue gram alegria (13r); 2 **isto** foi por mostrar | enxemplo aos Judeus (14v); e **isto** he Cousa que te eu muy bem escutarey (18v); e **isto** durou tamto ata que | o filho de *deo*s nõ quys mais sofrer esta gram | coita (23v); e quamdo el Rey **isto** vio foi | muy mais espamtado que amte (28r); como josefes vio **isto** | coReo a ele por o erguer (34r); e **isto** vio a huũ cabo do altar e aoutro cabo vio a es[c]u | dela (34v); E por prometer | esta misyricordia pemde **isto** do bago (39r); E quamdo el Rey **isto** dise Ergeose joseph e dise | aquelas mesmas pallavras que outra vez dy | sera (42v); e **isto** te mamda dizer o *deo*s dos

cr*ist*ãos (46v); e | quamdo o Emperador isto ouujo espamtouse m*ui*to (46v); 2 **isto** sinifi | ca virgimdade que auirgimdade he huã v*er*tude que tem a | alma bramca 2 o corpo limpo (129r); 2 marauilhouse muito domde **isto** poderia vir | que a molher foçe tam 2mganosa (133r); eu te | direy o que he mays **isto** nõ o sey eu | po*r* meu siso q*ue* sã tam menjno (146v); depois que josefos **isto** lhe | dixe todos se callaraõ que muy marauilhados | estavão do que virão (262r); quamdo eles **isto** ouuirão | so teRarõno diamt*e* da Ermida E forão se aseu | castelo (310r). A forma reforçada *aquesto* não apresenta variação.

2.ª série: Nessa série, devemos observar que muito rara é a forma *esso*: que esto era no noveno dia do | mesde Junho e por **eso** era aymsoa mais quemte (22r); por | **esso** nom catedes hy qua po*r* q*ue* eu hy catey p*er*dy | ho lume dos olhos (78r); q*ue* sam ditas po*r* a boca bem | avemturada da pesoa p*er* a **eso** ordenada (140v); nõ se espantou nẽ por **iso** creu menos 2 po | rem ouue de sofrer (8r); tudo **iso** dise el Rey (22r); por **yso** tomarey de ty tall vimgamça (43r); e por **ysso** ẽ | tremos no mato amtes q*ue* ho socorrã (61v); po*r* **ysso** dey eu seus corpos ẽ poder | de seus ymigos (64v); po*r* **ysso** lhe p*er* temce as letras || q*ue* deziam salua (80v-81r); [e]u vos Rogo | q*ue* aJad[e]s sobre **ysso** comselho cõ ho b*is*po (84r); e po*r* **yso** sechama aymsula tornamte | po*r* que com o çeo se volve (121v); e po*r* **yso** deyxa aestorya sua direyta carrey | ra e torna a falar deles (128r); 2 vira | mse como amtes 2mtemderam que d*eo*s por **iso** ho fizera (130r); muito folgaria com **iso** dise Salamão (134r); q*ue* por | **iso** seras sollto daprisam do mortall | espreitador (153r); e por | **ysso** nom sey q*ue* com selho vos | dey (175v); seelle | **yso** faz mais he q*ue* homẽ e mais | pode q*ue* de quamtos eu ouvy ffa | llar (180v); **iso** uos direi eu dise o homẽ | bõo (190v); e a domzela | da não lhes dise **yso** podedes vos bem

crer (192r); çerto dise naçiam **yso** || nõ farey eu por poder que tu ajas (202r-202v); se eu **yso** soubese eu cuydo q*ue* | quoamto eu no mumdo dezejo todo averya | Compridо (209r); **yso** nõ he por pão mas por seus | pecados e pelo diabo de cujo poder ajmda | nõ sam fora (220v); E por **yso** ho leuo | E loguo deu no maar com elle (243v); vos temdes mais pãao A metade do que aveys | mister p*er*a este año no he **yso** nada dise elRey (306r). Não encontramos no códice exemplo da forma reforçada dessa série.

3.ª série: Assim como no caso da série anterior, achamos somente uma ocorrência com a grafia *-e-*: nem tu nõ ho ousaras Esperar **aquelo** | que numca pode aver Co mtra ti poder nem força (43v); Eelle me disse es tu Ja certo d**aquilo** em que eras em duuida (5r); 2 comy d**aquilo** | que d*eos* me dera (5r); 2 disseme como lhe acontecera **aquillo** por huũ pecado que fizera (7r); perguntou ajoseph que era **aquillo** que fizera (15r); e pregũ | tarão lhe que fora **aquilo** e ele lhes dise (52r); ẽ tam pergumtou el Rey a Josefes | q*ue* podia **aquyllo** ser (77v); quamdo ho emperador | **aquyllo** vio Coreo pera | Jpocras e abracou o (172v); q*ue* amte elle estaua que | q*ue* podia **aq*u*yllo** ser (179r); quamdo ella **aq*u*yllo** ouvio | llevamtouse (185r); ele se ergeo de sua cama e deu gra | ças a noso *senh*or porque **aquilo** lhe mamdara | dizer (200r); e pregumtoulhe que era | **aquilo** e ele lhe dise toda a verdade (204r); e **aquylo** que hera | mortall de parte de sua madre asofreo (229r); E tais hy ouue que depois que comeram | diseram que **aquillo** nom era senã trufa (259v); quamdo eles a | quelle foguo viram diseram a Josefes | q*ue* podia **aquillo** ser (274v); e puseram lhe na feri | da **aquilo** q*ue* viram q*ue* lhe era mister (281r); e dyse ha | domzela q*ue* **daquyllo** se trabalharya elle de | bõa

vomtade (285r); e por que Aquelle guallaz foi feito | em pecado nom oulhou *deos* **Aquilo** (305r).

Outro traço característico de estrato lingüístico mais antigo ocorre na oscilação quanto à presença de artigo definido depois do pronome indefinido *todo, toda, todos, todas*, antes de nome. (cf. Mattos e Silva 1989:188). A flutuação entre as duas variantes encontra-se ao longo de todo o códice em elevada freqüência. Primeiramente, apresentamos exemplos em que está presente o artigo: Equando daly saisse **todas as** Jentes louuariã seu nome (10r); a *qu*ele que fa | zia todo bem Como Aquele quefazia **todo ho** mal | do mumdo (21r); quamdo o padre Criou **todas as** Cousas do mumdo (23r); por que ele quis Comprir **todas** | **as** Cousas que pertemçião ao homem (24v); E mamdou por **todos os** clerigos | da çidade (25r); amtes lhe britarõ | **todos hos** Ramos que tinha (27r); que a devias acreçemtar e emxaltar | por **todo ho** mundo (30v); nesta guysa virey eu **todas as** cousas julgar | na quele dia pauoroso (33v); e depois quue | amdaraõ **toda a** casa adeRedor por demtro torna[r]õse | p*e*ra diamte darca (35v); quamdo asemtaraõ Josefes vierão **todos hos** | amgos amte ele (37r); e a casulha que vestes sobr*e* **todas as** outras vesteduras | mostra caridade (38v); e | pareçeolhe que **todas as** doÇidoes do mumdo (40r); e fallaste Comtra a quele que a poder sobre ti e sobre **todas as** Cousas (44r); que hũu | Rey naçera que sobrepujaria **todo ho** mumdo (46v); e tu fizeste tão | bem que Comquistaste **toda a** teRa dos seus ymy | guos (47r); Cuja Caual*ar*ia | amtes querião ter que **todo ho** mumdo (55r); e **todos** | **hos** seus ymygos posẽra as esporas aos cavalos (60r); *que* **todas** | **as** Janelas do paço espadaçou (84v); qua pois Conheçeis **todos hos** | Cudares (99r); edesto te lembra **todo ho** dia (100r); por avomtade e *p*razer daquele aquem **todas as** cousas

obedeçem (120v); **toda a** noyte ally forã os memsagey | ros asaz desacomselhados (170r).

A seguir, apontamos exemplos onde há ausência de artigo definido na construção todo(s) / toda(s) + substantivo: que **todo** mũ | do nom vollo podera dar viuo se volo d*eo*s nom desse (12v); que nõ ouue tem | plo em **todo** egipto | em quue nom caise algũa ymagem (20v); mas por | que o filho naçeo limpo de **todos** pecados (21v); e debaixo do prime*i*ro madeiro avia gemtes de **to** | **das** maneyras (26v); que Eu | fiz aeles **todo** bem e eles a mim todo o mal (32r) ca ella Recebeo sa | ude de**todas** ẽfermydades e de **todos** ẽga | nos do ymigo (68r); ẽ **todo** tempo q*ue* vos ysto acordar (68v); vosso coração sera apartado de**toda** maldade (68v); e este foy po*r* q*ue* leyxou **toda** | mortalydade (80v); q*ue* elle de nada formou **todo** mũdo (80v); e quyte de**todo** pecado | e de **toda** maldade do mũdo (87r); e amolher lhe dezia | **toda** trayçam (105v); q*ue* he comprida de**todo** bẽ e de v*er*dade (157r); meguardara | e defemdera delles e de **todo** perygo (157v); e a tenebro sa casa domde ha **toda** dor e **to da** lazeira (162v); como em quem Jazia **toda** desleallda de (202v); limpos e purgados de **todo** pecado (224r); el Rey estaua sobre seu cauallo armado de **todas** | armas a fora de lamça (245v); e comesou a fazer huũ gramde vemto | q*ue* moveo **toda** aguoa (273r); q*ue* he Raiz de toda piedade e de **toda** mesericordia (280r).

5. Verbo

5.1 Verbos de uma camada lingüística mais antiga

Apresentamos, inicialmente, os verbos de ocorrência única. *Aquecer*, "acontecer", "suceder", deriva do latim ACCADESCERE, freqüentativo de *ACCADERE: Acomteçeo huã gram maravilha na çida | de de orberyque e esta maravilha nom soy | **aqueçer** na terra (111r).[82] A forma concorrente é *acontecer*, que é muito freqüente no texto.

Esmar, "pensar", "cuidar", "imaginar", deriva do latim AESTIMARE é característico de camada mais antiga da língua (Nunes 1989:142): 2 dentro | na quelle piar avia ho mais espantoso caçere que nunca homẽ | vio nẽ homẽ ho poderia **esmar** (9r).

O verbo *esmaiar* (< lat. vulg. *EX + MAGARE) "desanimar", também é um *hápax* no *José* (cf. Nunes 1989:176; Oliveira & Machado 1974: s.v. *esmahados*): e porem | muyto **esmayava** por nõ saberẽ delRey evallac | ho qual elRey tolomer tinha da maneira que vos eu | dyrey (60r).

Há também convivência de formas sem a presença de *d-* inicial e com a sua presença, formas estas que prevalecem. Um dos casos é a forma *espedir* (< lat. EXPECTERE), que ocorre apenas uma vez, a par da forma em que há mudança de

---

[82] Segundo Magne (1944: s.v. *acaecer*), a homonímia entre *acaecer* < lat. ACCADESCERE e *aquecer* < AC-CALESCERE teria contribuído para o desaparecimento do primeiro e substituição por *acontecer*. Sobre a coincidência da conjugação desses verbos em todas as suas formas, v. tb. Piel (1989:217).

prefixo, *despedir*, que é mais freqüente: emtam se **espedio** aduq*ue*sa | da molher do Imfamçam (118v).

Forma antiga também é a palavra *lidiar*, do latim LITIGARE (cf. Nunes 1989:103; Williams 1973: 91.1): por boa fe dy | serã eles q*ue* perõ tẽ samdeu ardymẽto q*ue* marão | cõ quẽ q*uer* **lydyar** he ho mjlhor cavale*i*ro do mũdo (291v).

Constituem, além disso, ocorrências únicas, os lexemas de alguns verbos, que também são vestígios de camada lingüistica mais antiga. Do lexema arcaico *av-* do imperativo do verbo *haver* ocorre somente um exemplo: E com seu punho feria seu peito e dezia senhor deos **ave** piadade deste pecador (38r).

O lexema do perfeito *pog-* do verbo *por* é grafia excepcional, visto que ocorre somente uma vez em todo o texto: ese faça em guysa que oje nos em | gramde omRa **pogemos** (54r).

Encontra-se o radical *sev-* [83] do verbo *seer* no pretérito mais que perfeito, que ocorre no português antigo, no seguinte exemplo:[84] e dyse q*ue* ha | cadeyra era amays fermosa seda ẽ q*ue* homẽ nũca **se vera** (77r).[85]

Seguem-se os verbos de camada antiga com mais de uma ocorrência. Verbo muito freqüente na Idade Média, e que depois perde espaço, é *britar*, "quebrar", "quebrantar", "alquebrar", de origem germânica, que também ocorre

---

[83] Segundo Mattos e Silva (1993:55), "... *ser* apresenta o lexema heterônimo *siv-* que alterna com *sev-* (< lat. *sedu-*) e, neste caso, o paradigma segue a forma de P3 – *severa*, *sevesse*, *sever* etc., continuador de sedēre, tem o traço semântico de estar sentado ou assentado, que faz com que não seja sinônimo perfeito de *fui*, *foi* (< lat. *fu-*) etc."

[84] Segundo Maia (1997:819), "as formas derivadas de SEDERE eram já no século XVI arcaísmos populares e rústicos. Tal circunstância permite a Gil Vicente recorrer a esta particularidade linguística para caracterizar e definir certos 'tipos' sociais, como são, por exemplo, as personagens populares." V. tb. Piel (1989:234).

[85] O que acima está transcrito como *severa*, Carter (1967:386) lê como *se vera* e interpreta como *se vira*, o que dá outro significado à passagem do texto.

com freqüência no *José* (cf. Castro 1991:149): 2 queaquelles que ho matarã | lhe queriã **britar** as pernas 2 hos braços (8r); quem es tu que me prometes de | **britar** meus ymiguos e me daras allegria quue | nõ tem fim (18v); Eu te nõ diguo | que eu **britarey** teus ymiguos (18v); amtes lhe **britarõ** | todos hos Ramos que tinha (27r); e ferio com ela aymajem da polo taõ Riga memte no | Rosto que lhe **britou** os narizes e o braço direito (45v); tu ho nõ saberas ata que nõ | **brites** as ymages que adoras (47v); q*ue* eu hos brauos e hos | soberbos amamsso e **bryto** (64v); e depos esto | veyo huũ vemto tã RyJo e tã forte q*ue* todas | as Janelas do paço espadaçou e todas has | cerraduras **brytou** (84v); e logo | ouvio Rimchar hũ cavalo e escarvar com as maõs tamto que pareçia que | **brytaua** anao (106v); e | diz averdadeyra estorya que quamdo eva co | lheo a fruta q*ue* **brytou** hũ piqueno Ramo (128r); e numca dispois perdeo | seu nome ate que lamcarote a **britou** (233r); q*ue* nom mãdey por vos senã pera lhe **brytar** | **des** seu argulho (286v); e **brytar** hos ydolos e queymar | aq*ue*las cousas q*ue* erã synays da ley pagam (300v).

A palavra *catar* – do latim CAPTARE – abrangia um campo semântico diferente do que viria a ter posteriormente; significa, no *José*, "olhar", "examinar", "observar" (cf. Coutinho 1974:213): e quã | do foste em Roma hus e outros te **catavão** e cuidavão | que eras mais fidalguo do que tu eras por que eras | muy fermozo (47r); e **catade** como ha mãte | nhades asy como vos foy mãdado (68v); nõ **catedes** qua Jamajs || nom sararedes do ferro da lamça q*ue* vos ficou na | coxa (77v-78r); por | esso nom **catedes** hy qua po*r* q*ue* eu hy **catey** p*er*dy | ho lume dos olhos e ja mays nom ho cobrarey (78r); e emtam fez com | muyta presa deçer huũ homem no cacere | e **catou** todo ho caçere e diselhe que nom | achaua

nymgem (112r); de | calafer dise o omẽ bom te não **cates** | Ja por q*ue* he morto (138r); **catade** | dise huũ delles q*ue* pareçe q*ue* po*r* | aquelle mar arde tam grãde || ffo guo (186v-187r); e **cata** | q*ue* daquuy adiamte sejas muy forte | e aviuado ẽ pregar o samto nome de jhe*s*u cr*isto* (215v); e Josefes p*e*la manham acordou e começou de **catar** a carta e nõ a pode achar (217r); e começou a dar vozes | aos seus tomade me este e **catade** como nõ esca | pe (250v); e amdaũao **catamdo** por omde pasasem e nõ achauão (271r); e ela ho fez la levar ele ao | soll lhe **catou** a ferida e conheceo q*ue* tinha | peçonha (285r).

A variante *chantar* (< lat. PLANTARE) pertence a uma camada mais antiga da língua (Nunes 1989:130):[86] Sinifica que aquela que **achamtara** | que hera virgem (129r); 2 as houtras que heles amte que hou uese co | pula dela **chamtaram** numca mudaram Sua cor bramca | que tinham (130r); 2 qua | mtos [R]amos despois **chamtaram** da v*er*de dauam fruto (130r); mas as houtras que dela **chamtaram** creçiam || E froreçỹa e dauam fruto (131v-132r); 2 deziã 2 comtauã os hũs aos | houtros como sua primeira madre a **chamtara** (132r); mas ferio po*r* huã espadoa q*ue* **chamto** | o cutelo ata o punho (278r). Ocorre também a forma *prantar*.

O verbo *correger* apresenta terminação que parece representar graficamente situação anterior aos deslocamentos de verbos da 2.ª para a terceira conjugação, pertencendo, portanto, a uma camada mais antiga da língua, uma vez que é por volta do século XV que começa a haver a fixação de verbos em *-er* no

[86] Segundo Teyssier (1990:14), os grupos iniciais *pl-*, *cl-* e *fl-* dão origem à africada [tš], transcrita em galego-português por *ch*. Há evolução paralela em nível menos popular desses grupos para *pr-*, *cr-* e *fr-*, em que se enquadra a variante prantar.

paradigma *-i-* (cf. Mattos e Silva 1993:41): Eeu vos **coRegerey** ho torto | *que* vos f[i]z todo (51r); asim **coregera** molher ho que molher | erou (133r); ca [B]em asim como a virgem que a de uir como vos me dixe | stes 2 a de **coreger** ho que auosa primeira madre herou a | sim **coregera** aquela domzela o ero que heu faço 2m esta | espada (135r); *que* | ella crese e **corege** ẽ si cada dia he | Crecera mẽtes o mũdo durar (138v); e se ho eu fiz quero volo **coReger** | a vosa vomtade e segumdo eu puder (208r); e os bos qu[e] tẽ | hordem de cavala*r*ia se **coRegaõ** e se | mamtenhaão bem com d*eo*s (212v); mais guoardai vos | de peca*r*d[e]s daquuy adiamte e **coRegey** | vos em vosas vidas (218r); mas danos espaço e | tempo de **coregeremos** | nosos erros e erores | que temos feitos comtra ty nese mundo (243v).

A forma *desemborilhar*, do verbo *emborilhar* "embrulhar", é de camada antiga:[87] 2 leueias pera minha casa quando as **desemborilhei** | achei a figura deJhe*s*u cri*st*o (11v); Eelle **desemborilhou** ho | pano 2 pareceolhe que a fegura era hi nouamente debuxa | da (11v).

A palavra *duvidar* na acepção de "temer", "recear" é uma das que pertencem à camada mais antiga no *José*: Quando nosso se*nh*or foi na cruz 2 **duui** | **dou** amorte como homẽ mortal (7v); q*ue* elle era ho homẽ do mũdo q*ue* ela mays | **duuydava** po*r* q*ue* sempre fora cruel (82v); mas ele | **duvidou** tamto asanha de seu senhor | que pos em seu coraçam deamte sofrer | morte que leỹxar apena

---

[87] Segundo Cunha (1994:s.v. *embrulhar*) a origem de *embrulhar* se explica da seguinte forma: *INVOLUCRARE > *INVOLUCLARE > * INVORUCLARE > *envorulhar* [com a var. *envorilhar*] > *emborulhar* [com a var. *emborilhar*] > *embrulhar*.

(106r); e por | *que* **duvida[u]a** *que* sua molher o podese matar | com peçonha fẽz fazer | huũa copa (183v); 2 | heles diserã *que* **duuidauã** muito de cortarem a aruore | da uida (135r); Eu nom **duujdo** sua forca nem seu poder (235r); *que* **duvydavam** | de *per*derem ho *que* tynhã se fosẽ deRibados (288r); Eele amava deos e ꝓ **douydaua** mais | que vezinho que tyvese deRedor desy (305v); E **douydou** seu saluador | sobre todas as Cousas do mumdo (308r).

Assim também *espir* (< lat. EXPEDIRE) e a forma com o acréscimo do prefixo *de-*, *despir* (cf. Nunes 1908: 226, n.; 1989:102): ysto nam vestido mas nuu *que*ele | se **espira** amte ele (109v); **espio** a sua camiza | e vistio outros panos (214v).

Quanto ao verbo *jazer*, importa observar que o lexema do perfeito sempre é *jouv-*[88]: 2 nõ | **Jouue** muito que hũa voz me chamou tres vezes (2v); joseph quanto cuidais vos que **jouuestes** | nesta prissaão (14r); Ejoseph lhe disse *senh*or eu cuido que **jouue** hy. | desta sesta feira ata oJe (14r); mas mais | que elles semarauylhaua caifas porque **Jouuera** tam longo tẽ | po sem comer (14r); 2 huũs deziam que hometessem na prisaão honde Joseph 1 **Jouuera** (14r); *senh*or que por ho teu gramde | poder me tiraste da *pri*saõ omde **jouue** xxxbj an*os* (29r); por om*ui*to | samgue que por tempos ahi **Jouue** da quela grãde | morte (52r); e tamto **Jouuerã** todos no ỹfer | no *que* ho saluador do mũdo vyo *que* ho negocio nõ hya

---

[88] "Das formas do lexema do perfeito de *jazer*, *joug-* é etimológica do lat. *jacui* > * *jagui* > *jougue*, por regras de correspondência fônica sistemática; já *jouv-* é formação analógica como *trouve* (Williams 1961: 188.5). Nos *DSG*, por exemplo, é *jouv-* ... o lexema sempre selecionado." (Mattos e Silva 1993:55). V. tb. Huber (1986:107) e Piel (1989:234).

abem (80r); depoys *que* | el Rey mordão **Jouue** ẽ sua cama cayo ẽ ele | muy grã cuydar (82r); e **Jouueram** | ambos na camara asy como mortos (84v); 2 depois que o | ramo ffoi chamtado mamdou *deo*s adam que **Jouuese** cõ | sua molher (129r); 2 depois | que **Jouuerão** 2m hum hou verão Sua sememte (129v); 2 de || Pois que ambos **Jouuerão** partyose a escoridam (129v-130r); aSim foy a aruore *ver*de desque adã | **Jouue** com heua ata que abell ffoy gramde (130r); e Jazia esmoreçido asy Como se fose morto | e **Jouve** asy gram pedaço (103r); *que* nom avia no mumdo tam forte | peçonha q*ue* demtro **Jouuese** q*ue* | nom perdese sua força (183v); e **jouuerão** ali toda aquela | noute (204v); aquela noute **jouue** o povo em huũa momtanha (221r); e a noute Josues **Jouue** cõ sua molher | ẽ sua camara (302r); e tamto **Jouue** Ally el Rey ata que hũa domze | lla o tyrou (304v).

É rara a palavra *lazerar*, "fazer sofrer", "sofrer trabalhos e miséria", do latim LACERARE (cf. Tavares 1942:32; Vasconcelos 1920: s.v. *lazerar*): mas por me hos | padres mal seruyrem nom quero que **lazer[e]m** hos filhos (16r); e traz elo apiny | temçia q*ue* **lazere** ẽ tristeza o que fez em p*r*azer (39r); asy que tu o **lazeraras** e os outros | secastigarão por ty (44r); mas ho erro que fez | **lazeraloa** em tal man*ei*ra que estara em foguo | ardemte (275r).

Quanto ao verbo *morrer*, há casos em que apresenta o lexema *mour-*, característico do período arcaico do português:[89] nõ **moura** eu ata que venha tempo quue || Reçebas gualardaõ (53v-54r); e emtam Comvira que **moura** que

---

[89] Acreditamos que a seguinte afirmação de Piel vale também para a variante *-ou-*: "Da alternância oi – o, o português moderno já não oferece nenhum exemplo, sendo os ant. moiro/moira, coimo/coima expulsos pelas formas analógicas morro/morres e c̨omo/c̨omes, do tipo c̨ozo/c̨ozes." (Piel 1989:223).

nom | poderam so frer o fogo (89v); seme vos segurardes | q*ue* não **moura** eu vos direy a v*er* | dade (166r). que eu nõ **moura** | ataa que veja o bom caualeiro ho noueno | da linhajem de nasçiam (253r).

Um galicismo a destacar é *retar*, "culpar", "acusar", do francês *reter*, com base no latim REPUTARE: ẽtão veyo marão ãte el Rey e **Retou** | orcauz q*ue* matara seu filho ẽ sua casa (285v); s*enh*or tenho tãto feyto p*er* | q*ue* el Rey orcauz deva de ser lyvre do aleyve | de q*ue* este ho **Retava** (291v).

A palavra *soterrar*, na acepção de "enterrar" (< lat. * SUBTERRARE) é freqüente no *José* (cf. Coutinho 1974:213). Convive com o verbo *enterrar*, que é mais raro. Apresentamos exemplos de soterrar e, em seguida, as ocorrências de *enterrar*: 2 queho **soterrara** tam hõ | Radamente foram por iso muy asanhados (9r); e q*ue* | de muy lomge vyera po*r* mãdado do esp*r*ito samto | po*r* **soterrar** a q*ue*le homem bõo (70r); e a chey | todas as cousas q*ue* comvyñha p*er*a **soterrar** homẽ (70r); omãto q*ue* te ẽprestauão | senjfica aquella proue vestedura q*ue* | ho omẽ lleua quamdo o **soterão** (155v); q*ue* naõ po*r* amor do q*ue* vay q*ue* **soterã** (155v); e **sotera** | **ram** no na mylhor | çidade do | e[g]ipto que ha nome allexamdria (165v); e não hos lleyxe | mos comer as bestas feras mas | **soteremollos** (167r); e pose | ram homde os **soteraram** huuã | gramde pedra marmor chãa (167r); aq*u*y jazem os de | llabell q*ue* hos de tarsya mata | ram e os fizeram **soterar** (167r); e **soteraram** no no paço q*ue* elle | ffizera e fez fazer ho mumẽ | to q*ue* ouvystes (185v); se os **soterrarre[m]os** ẽ sagrado | ou domde (204r); **soterrade** estes corpos | hum de huũa parte do caminho e outro | do outro e

ho jayaão em meyo (204r); e **soterraraão** | nos com muitos choros e muytas lagry | mas (204v); fa | las heys **soterrar** neste chaaõ || ẽ Riba desta terra (232r-232v); aguora os fazede **soterrar** | como vos ja dise (233r); e o duque os fez loguo | **soterrar** e fazer sobreles ha torre (233r); e felos | **soterrar** em hũa capella e mandou lauar ha | Cruz do samgue (258v); e **soterraram** seus jrmãos a Re | dor delle cada huũ em seu moimẽto (280v); e mãdarey q*ue* depoys de mynha morte | me **soterrẽ** nella (296r); e achou q*ue* Josep seu padre era morto | e **soterra** no ẽ huã abadia ẽ escocia (297r).

5.2 Formas diferentes de verbos com apagamento posterior de uma delas

A flexão da variante antiga *aqueixar-se* ocorre somente uma vez, a par de *queixar-se*, ocorrência mais freqüente da forma que veio a prevalecer: 2 joseph lhes Respondeo muy graciosamente se*nh*ores 2 Jrma | aõs nom vos **aqueixeis** (15v).

Ocorre, para o imperativo do verbo *dizer*, o lexema *di*, característico de uma camada mais antiga da língua:[90] A esto Respomdeo elRey ora me **di** amiguo elepois | he d*e*os por que so freo morte (19r); Se*nn*hor po*r* d*e*os **di**nos q*ue* foy jsto | q*ue* noso irmão fficou E os outros pasaram (272r); ora nos **di** | dise Josefes q*ue*

---

[90] Segundo Piel (1989:219) "Os antigos imperativos *dí*, *fa* e *adú*, resultantes da evolução regular de DĪC, FAC e ADDŪC, cederam o passo às formas normalizadas *diz(e)*, *faz(e)*, *aduz(e)*".

he de ty ou se achares | merçes diamte noso s*enh*or (274v). Concorre com a forma *dize*, de freqüência mais elevada.

Com relação ao verbo *estar*, interessa a forma verbal da 3.ª pessoa do singular do subjuntivo que deve ser resquício de camada antiga:[91] eu vos diguo ver | dadeyramẽte que por hũu so dia | q*ue* eu com elle **este** o ffarey ter | por muy necio e paruo (174v); fazey de maneyra como de oJe ẽ oyto | dias vos ache ẽ vosso castelo e este caval*ei*ro || **este** ahy cõ vosquo q*ue* quero cõ ele falar (291v-292r). Não há, porém, ocorrência da variante *estej-*.

A forma antiga *leixar* é muito mais freqüente no *José* do que *deixar*, identificando-se, neste aspecto, com o português arcaico, uma vez que são raros os exemplos da forma *deixar* recolhidos antes do século XV (cf. Cunha 1994:244; Magne 1944:233): Eentão **leixaras** aquelle caminho 2 acharas hũ careiro amaão direita (5v); Nisto **leixou** avoz de falar Eeu me leuantey 2 cantey minha mi | ssa (5v); 2 yras em | estranhas terras 2 **leixaras** todas as tuas Riquezas (14v); Em que **leixa** de falar | delRey ebalac e torna a fallar | dejoseph (29r); E eleporẽ | nõ **leixou** que nom quisese Emtrar (34r); e com amor tão creçido que toda | a gueRa **leixou** Em ty (47r); aly perdeo elRey ebalac gram p*ar*te | de sua gemte tamto que nõ pode mais so frer a | batalha e **leixou** ho campo (49r); mas semdo Ja todos | no campo nõ os poderã sofrer e começarão | a **leixar** o campo (56r); e muy asynha me **leyxarya** ou me ma | tarya se dysto algũa cousa sospeytasse (71r); e emtam te **leixou** || ho lobo este foy ho diabo (108v-109r); 2 dise que a **leixara** pera o

[91] Segundo Mattos e Silva (1993:53), "a variante *estej-*, ..., foi criada por analogia com seja. No período arcaico ocorre ainda o subjuntivo etimológico *estê* ou *stê*, *estês* ou *stês* etc."

caualeiro | por que vira que nõ podia *ser* milhor Empregada (135r); mas **leixa** hir a nao asua vemtura hõde aela gui | ar (136v); quamdo ellRey isto | ouujo **leixouse** cair ẽ Jiolhos amte | omenjno (149v); e que naõ **leyxarião** sua | lley q*ue* seus padres tiueraõ (154v); senjfica alinagẽ do morto q*ue* vay com elle | ata coua e o **leixam** debaixo da t*er*a (156r); ellRey **leyxou** decujdar | E ujo naserão e ouve tam gramde || allegria (160v-161r); mas a | guora **lleyxaa** estorea de fallar | dos memsageyros por comtar | da cassa como ffoy Riquamẽte | ffeyta (171v); Rogo vos | q*ue* me **leyxeys** hyr com vosquo (282v); e **leyxou** se correr ao prymeyro | e ferio tã Rijo (287r); ẽtao | começou a cuydar q*ue* synal lhe **leyxarya** (297v).

A forma *deixar* também é muito freqüente: Eao outauo canto **deixaranse** cair asi que me pareceo que erã nos | abismos (4r); 2 nisto me disse huã voz **deixa** de | cuidar 2da ao teu saluador ho que lhe deues (4r); que nõ desse decomer aJoseph ante ho **deixasem** | na prisão morrer de fome (9v); e ficou ho munymẽto | asy çeRado como os Judeus o **deixarão** (20v); nom podeẽra tamto durar q*ue* de todo | nom boluessem as espadoas e **deyxassẽ** ho | campo (58v); **deyxou** se correr aele | e osdo passo quãdo asy vyẽra hir seu s*enh*or | forã apos ele (61v); se tyvera | a mynha acha nõ ha cousa po*r* q*ue* **deyxasse** de | ẽ trar nas batalhas (62v); filha | eu vos **deyxo** ẽ guarda da q*ue*lle q*ue* todo | ho mũ do mãtem e governa (68r); e **deyxou** hir ho diabo e mãdou | lhe q*ue* numca ẽ ganasse nhũ homẽ (75r); e q*ue* nom | quysera **deyxar** dev[er] ho q*ue* avya vyst[o] (78r); emtam fogiram os homẽs decalafer | e os outros que hy estauam e **deyxa** | **ram** no soo (114v); e po*r* yso

deyxa aestorya sua direyta carrey | ra e torna a falar deles (128r); E aguora **deixa** aes | toria de falar de naserao e torna ha | celidonis seu f*ilh*o (142v); Eu vos **deixo** pera sempre asy q*ue* nũca | vos terey po*r* vasalos nẽ po*r* amjgos (157r); mas por q*ue* me vy | ram domzella **deyxaram** me | com estoutros mortos (166v); e anaao se **deyxou** hyr a ella | quamto o vemto a podia llevar (168v); poys peço dyse perõ | q*ue* vos façades cr*ist*ão e **deyxeys** esta ẽganosa | fee q*ue* ata quy tyvestes (292r); quãdo Josefes separ | tyo de perõ e daq*ue*le ẽ q*ue* ho **deyxou** ẽ guar | da (294r); E **deixarão** | no Castelo hũa peça de Caualeiros E dehomeis | de pee (307r); E **deixarom**se a eles CoRer bra | damdo de todas as partes (307v).

5.3 Verbos de uma camada lingüística mais nova

O verbo *escarvar* será de uma camada lingüística mais recente (Cunha 1994: s.v. *cava* registra a forma somente no século XIX): e logo | ouvio Rimchar hũ cavalo e **escarvar** com as maõs tamto que pareçia que | brytaua anao (106v).

Ocorre *escoar*, que só é registrado a partir do século XVI (Cunha 1994: s.v. *escoar*): e vio que hũa pouca | degemte que ficara fora da Coua tomava | o samge que se **escoara** (27r).

Outro verbo de camada mais nova, isto é, quinhentista, é *fenecer* (Cunha 1994: s.v. *fenecer*): e este foguo | a de **ffeneçer** aquelle tempo q*ue* avem | tura aquy trara gualaz o bõo caval*ei*ro (276v).

6. Advérbio

6.1 Advérbios de uma camada lingüística mais antiga

Há uma única ocorrência de *entonces*, do latim *INTUNCE, ao lado de inúmeras ocorrências de *então*: **E mtomçes** abrio jose fes a arca com muy gramde | duuyda e medo e vio demtro huũ omem vestido dehũs | panos espamtosos (33r).

O advérbio de modo *aduro*, "dificilmente" (< lat. AD + DURUM), também é raro. Aparece somente na forma *aduro*, nunca *adur*: e viram na toda | chea devermeis e tam mall cheyrar | que **aduro** ho podiam so frer (113v); mas elle | tem gram poder q*ue* **a duro** o podia | crer seo nom vyra (180r); mas ho ar q*ue* delle sa | ya erã tam ffraco q*ue* **a duro** nẽ | ao emtrar nem ao sayr nom se | podia semtir (181v).

Ocorre, segundo supomos, a forma *áque*, advérbio de lugar no sentido de *eis* (Nunes 1989:343) - com grafia que o identifica com o advérbio de lugar *aqui* - nos seguintes exemplos: e quamdo ele esteue asy amte ele hũu gram | pedaço **aquy** vem huũ omem que saio fora darca todo cão (36r); **aquy** amda huũ [45v] cr*ist*ão em vosa Companhia que ho legou asy por comemdamẽto | de jh*es*uu cr*ist*o seu d*eo*s (45r-45v).

Nunca se registram as formas *aginha* ou *agĩa* (< lat. vulg. AGINA), "rapidamente", "depressa", mas sempre variantes gráficas da forma *asinha*, que ocorre a partir do século XV (Magne 1944: s.v. *aginha*; Tavares 1942:56; Vasconcelos 1920: s.v. *aginha*): acomteceo grão maraui | lha que taõ **asinha** como

abell so hela foi morto mudou | a cor 2 tor nou vermelha (131v); por q*ue* | nele sera a ygreja alcada e homrada | e louuada mais **asinha** que em luguar des | ta terra (247v); e nõ tiveraõ ou | tra guia se naõ hũa estrela que pareçeo tão **azinha** | como ele naçeo (20r); e taõ **azinha** que se nela || Asemtou tomou noso s*enh*or tal vimgamça que ambos | os olhos lhe Cairão da cabeça (36v-37r); e josefes muy **azinha** fimcou | os giolhos e ferio seu peito E choramdo pe | dio ad*eo*s merçe de seuspecados (40r); mas tão **azinha** Como se ergeo Começou abradar | tão allto que ho podia omem ouujr degrado (44r); e amiguos lhe diserão | que se nom ajumtase tão **azinha** com tolomer (51v); e que tam **azinha** viera | desua terra que era daly dezasete | Jornadas (102v); e tam | **asynha** como ysto dise vio na proaa | da nao aquele homem que ele via | na barca fermosa da prata (107v); e as novas desua morte foram | muy **asynha** soadas po*r* aterra (114v).

6.2 Formas diferentes de advérbios com apagamento posterior de uma delas

A forma *ante*, característica de camada mais antiga da língua, concorre com a forma que prevaleceu, *antes* que também tem freqüência de ocorrência elevada (cf. Cunha 1986:s.v. *antes*; Vasconcelos 1920: s.v. *ante*): 2 pareceome q*ue* vi os olhos | claros cento tanto como **ante** (2v); 2 cantey minha my | sa depois dormy hũ pouco caa nõ dormira **ante** toda anoite (7r); **ante** veyo || Apilatus cujo vassalo era que Ja avia sete annõs que delle Recebia | soldada (8r-8v); 2 segurouo que nom morreria em prisão | **ante** são 2 saluo sairia della (9v); A noite **ante** aquella que vespesiano sequeria hir aconteceo. | quejoseph dormia (14v); do que fiz pelos meus profetas que | **amte** me seruirão debom coração e deboã vomtade

(32v); **amte** a Receberão dety os que A Reçeber quiserem (33r); senhor como e em qual guisa pode a agoa alimpar se **amte** nom for limpa (35v); e esta cadeira | numca depois foy deitada da çidade **amte** foy | sempre por Reliquias (36v); **amte** se trabalham *que* naõ saiam do mamdamẽto da samta Jgreya (151r); **amte** deve viuer segũ | do *deos* e *ver*dade (151r); **am** | **te** lhe deytam esta corda com huũ | sesto (176v); **amte** vos come | rã bestas e auẽs (188v); **amte** | *Ver*dadeiramẽte cremos *que* somdes | morte e destroymẽto de homẽs (189r); *que* nom desẽpara os seus seruos | **amte** os acore (189r); mas **amte** Como pay que ajuda seuus | *filh*os os ajudase (194r); pero **amte** lhes divisou toda a verdade | do jayaão (204v); **amte** jouue asỹ no bordo ate | pela menham (207v); **amte** se leixa | cada dia cair mais e mais em pecado (209v); **amte** | Recuçitou ao temporçeiro dia e foise | ao ymferno (229r); por amenham o duque se hale | vamtou hum pouco **amte** ora de prima (231v).

Apresentamos, a seguir, exemplos da forma *antes*: 2 **antes** te conuyra sofrer trabalhos que ho aches.(5r); Etiue por grande marauylha como poderia sa | ir dali fora por que asi achei aporta cerrada . como **antes** (5r); **antes** lhe agalardoou em cem dobro seu seruiço (9v); **antes** ouue tam gram prazer que nõ teue em na | da aprisaõ (9v); **antes** disse que nũca | ho vira tam fermoso nem tam mancebo (13v); **amtes** Emtrou Em huã Caçere muy estreito (23v); eu nõ estou aquy soo **amtes** saõ Comigo lxb. omẽs (25r); **amtes** são taõ Ricos da Riqueza de *Jhesuu cristo* que nõ | pe dem Cou sa que nõ ajam (25v); **amtes** lhe britarõ | todos hos Ramos que tinha (27r); **amtes** se abaixo a | teRa E começou muy feramemte acuidar (33v); **amtes** lhe pareçeo *que* ho meteo dem | tro na boca (40r); **Amtes** ho

dei | xaras mais çedo do que tu cuidas (47v); **amtes** ho vyã amdar como quãdo | na batalha ẽ trara (58r); **amtes** cuydarão tamto no brãco | cavale*i*ro q*ue*lhes nõ alembrou decomer (71v); **amtes** lhe dyserã q*ue* nom podiã sab*e*r | nada senã p*e*r de*o*s (84r); mas el Rey nom | cuydou menos q*ue* **amtes** (84r); **amtes** cada dia fazia muy gramde pramto (86r); **amtes** a fumdyrey em tal | lugar omde te nũca acharam (125v); 2 vira | mse como **amtes** 2mtemderam que de*o*s por iso ho fizera (130r); **amtes** durarã aquelas aruores tamto 2msua beldade | ata que salamaõ Reynou (132v).

O advérbio relativo *u*, "onde", com valor locativo e função subordinativa, é muito raro no *José*, e refere-se, nos exemplos encontrados, ao lugar em que algo se localiza (cf. Mattos e Silva 1993:105): que huũa das tres | pesoas ouuese ymteira deiidade **hũu** nem huũa | das outras fose mamteuda (42v); ca **huũ** tu dizes | q*ue* ho esp*r*ito samto . heper feito de*o*s e ymteiro | e os tres que nõ aõ se não huã soo deiidade | per esto te mostro Eu que huũ vale outro | tamto como ostres (42v). Convive com o advérbio de lugar *onde*, que apresenta altíssima freqüência ao longo de todo o texto: nom | podia Remir o mumdo por homem que fose nado | em pecado **omde** todos asy estavaõ (21v); ejosep | e sua Companhia forão llevados a huũa | boã pousada **omde** Ouuerão quamto quyseraõ (26r); e começoulhe aller sobre acabeça do samto | avamgelho **omde** esta (65v); depois q*ue* ho her | geram da Cama **omde** ambos estyvestes | muyto foy el Rey asanhado e torvado (94v); que ap*ar*te da pena **om** | **de** a coua era cayra e atempestade ca | da vez era mayor (106r); DO QUE A | comteçeo a celidones depois que as noue maõs bramcas o tomarão na | tore **omde** Calafer o mãdou deytar (142v); ẽ quãto

elles | ysto dezião saio celidonjs dapena **omde** | estaua (139r); quamdo ellRey o vio dise q*ue* ho leua | ria aquella t*e*ra **omde** queria hyr (145v); amtes acomteçeo q*ue* **omde** todas as ou | tras fllores sam desfroradas e | corompidas (147r); deues tu emtemder por ella o paraiso | **omde** os amgos e os bẽ avemturados | seruos deyh*es*u cristo fazem festa (152r); podera allgẽ emtrar na | quella gramde çidade **omde** eu vy faz*e*r | agram allegria (153v); q*ue* Jamais nõ ẽtrarey **omde** | souber q*ue* v*os* somdes (157r); e o mar | **omde** por me matar me metestes (162v); foy ferjr aly **omde** vio a mayor presa | dos cr*ist*aãos (237r); em | Remembramça da quella Cruz **omde** Eu vy | ho croxofixo (242v); e felo meter na naao na Camara **omde** | avia de hir (242v); e diselhe que emtrase na camara **omde** a | quelle diabo saira (243v); que acha | ram morto na momtanha **omde** vos mãdas | tes fazer as torres (248v); a hũa momtanha **omde** nouamemte veyo mo | rar hum ermitão (254v); **omde** eu | viujrey e seruirey a meu padre dos Ceos de todo | meu poder (255r).

7. Preposição

7.1 Preposições de uma camada lingüística mais antiga

A palavra *escontra* (< lat. EX + CONTRA) é esporádica: de | poys vynha huũ homẽ **descomtra** ho ceo q*ue* trazia | ho testemunho do verdade*i*ro crucyfixo (83r); q*ue* salamão vio vir hum homẽ d**es comtra** | ho seo cõ gram companha de am Jos (136r).

7.2 Formas diferentes de preposições com apagamento posterior de uma delas

A par da forma antiga *ata*, que é a mais freqüente até o século XVI, ocorre a forma *até*, que viria a generalizar-se (cf. Maia 1997: 856).[92] Eis exemplos: Ely por | elle **ata** ora deprima 2 pareceome que nõ tinha nada lido (3v); E entrou na primeira que achou amão direita 2 andamos | **ata** bespora (6r); Ejoseph lhe disse senhor eu cuido que jouue hy. | desta sesta feira **ata** oJe (14r); e alamça outro sy era samgoemta **ata** aquele luguar | per que ao amgo tinha na mao (33v); Amiguo e cunhado pois que vos ysto começastes | a fazer com vẽ que me façaes ajuda **ata** çima | dabatalha (51r); asy esteve el | Rey **ata** a meya noute ẽ seu pemsamẽto (82v); que nhũ nom | metesse mão ẽ nascyão **ata** saber certo del Rey (86r); por que nascyão nõ cessarya **ata** | cobrar sua terra (86v); que os leyxase de | Combater **ata** por ha menham (89r); asy ficou ho | Combate **ata** por ha menham (89r); que **ata** ly pode elaso | bre el[e]s Jazer (104r); que todos hos cabelos da cabeça e os | vestidos **ata** a carne lhe Rompeo (104v); asy esteve elRej | **ata** por amenham (105r); e a mamga do | braço **ata** ho cotovelo que separeçia (111v); emtam adormeçeo **ata** o dia (122r); me Acoreo e trouxeme **ata** esta | pena (144v); ha | serpe que boaua **ata** o mar vermelho (152v); deu prazo **ata** ho ou | tro dia (222r); asym o mumdo | espinha **ata** o coração aqueles que ha ele | se chegaão (228v); asy | que

---

[92] A origem da preposição *ata~até* pode ser explicada, segundo Castro (1991:223), a partir de etimologias diferentes: < ár. HAṬṬĀ "até que, a fim de que"; ou < lat. *AD TENUS > *AD TENES >atẽes > atem > até. Admite-se também que as duas formas coexistindo em sinonímia, tenham provocado a redução de *ata* a *até*.

lha meteo toda **ata** o punho (268r); e de | pois que esteveraõ nesta oração de ora de p*r*ima **ata** m*ei*o dia (271v).

Quanto a *até*, apresentam-se os seguintes exemplos: **ate** prouar como ele naçeo sem ajumtamemto de | homem (21v); e da quele vmgimemto foraõ vmtados todos os Reis | des que agram bretanha foi de cr*ist*ãos **ate** vter padragã (37r); e como **ate** quy ouuiste gram | omRa e cuidas tu que nymguem nõ sabe quem tu | es (46v); todo dia **ha** | **te** noyte fallarã desto e a noy | te fforamse p*er*a a casa de ypocras (191v); aquele sera | Reto **ate** perto de sua fim (207r); amte jouue asỹ no bordo **ate** | p*e*la menham (207v); e asym esteue | **ate** p*e*la menham (211r); e dos outros que de sarrat comele se par | tiraão de que aestorea **ate** guora se | calou | (211v); asym ficou adona em valiche **ate** | apas quuoa (211v); e ele lhes dise que lhes nom mamdaria nada **ate** nõ saberẽ || novas de seuus companh*ei*ros (216r-216v); nem | desta não sayras **ate** o dia da ResuRei | ção (217r); asym estiuerão nesta | oração des o começo da luz **ate** hora de prima (219v); que depois q*ue* amdarão **ate** ora de | meyo dia (220v).

Coexistem no texto *se ... não*, com algum vocábulo intercalado, que é marca de camada lingüística mais antiga, ao lado da forma *senão*, que apresenta elevada freqüência (cf. Megale 1997:244): mas eu creyo que nhũ homẽ viu a besta em | todo aquelle caminho **se** aquelle **naão** (7v); e lhes dyse | q*ue* quãdo se el Rey p*er*dera nõ avya outro na camar[a] | **se**el Rey e ele **nã** (86r); depoys q*ue* muyto ouue oulhado | derrador desy foy muyto mays espamtado | q*ue* amte q*ue* nom vyo de nhũa p*ar*te **se** agoa | **nã** (87r); e sabe que nem por | homem nem p*or* molher **se** p*or* mỹ **nam** ha | poderas Cobrar (95r); que tu numqa fizeste **se**poucas vezes | **não** cousa que aprouuese anoso s*enn*h*o*r (152v); nem | nas aguoas achauão peixes **se**

pouquos **não** (304r); Asi nom ficou viuo **senão** caifas que era bis | po em aquelle a[nñ]o que Jhesuu cristo foi morto (12v); ca por que eles sejão tres Cousas em | pesoas nõ são **senão** huũa emdeidade (23r); ca nenhuũ nom pode vemçer seu | ymiguo **se nom** por [s]ofrer (38r); e asy saberas e conheçeras | que nõ a hy **senão** huũ so deos que homẽ deue decrer e | homRar (47v); e nhũ nõ via ho cavaleiro que tra | zia preso tolomer **senã** el Rey evallac (61v); e prymeiro nos castygou muito | que nos tornassemos a esta cremça que nõ era | **senã** destroymẽto (67r); e nõ ha averã **senam** por ho conhecymẽto | do samto greal e da lamça (78v); e sa | be que Eu to nom leixo **senã** por te ẽsi | nar como metas tua fee e teu corpo no | Criador de todas as cousas e de todas as | criaturas (248r); e por que | Eu sey que nom poderey tomar meu pouo **senã** | por força emujarey por todos os altos omẽs (257v); E tais hy ouue que depois que comeram | diseram que aquillo nom era **senã** trufa (259v); e nã acharão na praya | **senã** hũa barca sẽ nhũa companha que tynha | ha vella estemdyda como se logo ouvesse de | partyr (282r).

8. Conjunção

8.1 Conjunções de uma camada lingüística mais antiga

Dentre os casos de correlação conjuncional que é vestígio de camada mais antiga, encontra-se ocorrência única de conjunção comparativa *ca*: 2 mais lhe apraz delle **ca** doutre (7v); este *ca* deriva do latim *quam*. A par dessa ocorrência

única, encontra-se, com freqüência muito elevada, a conjunção *que* (cf. Mattos e Silva 1993:122).

Dentre as conjunções coordenativas adversativas, encontramos *empero*: **empero** dy | selhe que fose bem vimda e ela dise | que asy era pois ho a chava (94r); mas **ẽpero** tamto se | combateo com ela que a çerpe ficou mor | ta (227r); **empero** aJmda avia nela | lluguar p*er*a seacolherem çi | mquo ou seis homẽes (170r); **empero** ele | mimtia que nom hera senão f*ĩlh*o de hum vilaão | cativo de ma vemtura (201r).

Há ocorrências esporádicas da conjunção coordenativa conclusiva *ergo*: e se queria dizer que o padre era | per feito d*eo*s e ymteiro **ergo** nõ perderião cou | sa as pesoas do filho e do esp*rĩ*to samto e | se aviaõ ambas cada huuã sua deidade **ergo** | serião tres deidades isto nõ poderia nenhũ com | tradizer por Rezão (42v).

Persistem outras conjunções que já teriam caído em desuso nos séculos nos séculos XIV ou XV, tais como *em guisa que* e *mas pero*:[93] 2 aquelle que Jazia em ho homẽ fogio **ẽ guysa que** semelhaua que fondia as aruores (7r); ese faça **em guysa que** oje nos em | gramde omRa pogemos (54r); **em guysa que** de pe | sar nem de vyllanya se nõ te | mese delles nem de outrem (167v); E eles forão espamtados de como | o virao vir e salluaram no **mas pero** com grã | medo (197r).

Encontram-se exemplos esporádicos de *cada que*, locução conjuncional bastante freqüente no português durante os séculos XIII e XIV:[94] que hela lhe fazia tamta de | vela nia **quada que** podia que Ja nõ tinha mẽtes 2 sede | la guardar

---

[93] Para essa datação, v. Barreto (1996:143).
[94] V. Maia (1997:701).

(132v); Eu te farey aymda oje conheçer que nẽ | por sy nem por outrem nõ podem e **cada | que** as cres es Emganado (267v). Também é rara a locução que prevaleceu, *cada vez que*.

As conjunções temporais *ementes*, *mentes* e *mentres* também ocorrem raramente ao longo do texto: **ẽ mẽtes** q*ue* elles a podesem de ffemder (167v); **Eẽmentes** isto foi veyo | huuã voz ajoseph (13v); e tirou d[*e*]le todos aqueles que **ememtes** viuerão | fizeraõ sua vomtade (24v); E **memtes** que ele | asy cuidaua vio hũa tal visaõ (26v); que hũs mamtinhão | abatalha e outros pasauão **ememtes** (52r); q*ue* sempre delle coxeou **ẽ memtes** vyveo | e sempre achaga deytou samgue **emẽtes** hy foy | ho ferro (75v); emtam dyse que em Relembramça daq*ue*la | perda tam gramde guardaryaa || Aquele Ramo **2 memtes** pode[s]e (129r); e | **memtes** elles nisto falauã dise huã dona | aell Rey (244r); e **mẽ | tres** eu Jazia cõha Raynha cuydey ẽ meu | pecado (83v); e serveria | ao samto greal **memtres** viuese (262r).

Um outro indício de retenção de traço de camada mais antiga é a elevada freqüência da conjunção *pero*, que já teria desaparecido da língua na segunda metade do século XVI (cf. Mattos e Silva 1984:146):[95] **pero** ja ella foy toda lly | mpa des de que ho esp*r*ito samto hi deçemdeo que Eu aquy Emviey (35v); EelRey tolomer era muy | bom caual*ei*ro **pero** nõ avia mais detrimta e seis | anos (52v); e

---

[95] Origina-se *pero* da locução do latim tardio PER HOC e, tal como o seu étimo, tem, primeiramente, no português arcaico, valor semântico conclusivo-explicativo. Posteriormente, *pero* adquire valor adversativo. No século XVI, *pero* com valor adversativo já é considerado arcaizante e desaparece da língua (cf. Mattos e Silva 1984:129-130).

Josefes tirou | a lamça da coxa **pero** ficou hy ho ferro (75v); **pero** tornou *mui*to ho Coraçam del Rey das | novas q*ue* lhe dysera da Rainha e de | naseraom (102r); **pero** ho oytauo nom sera no começo detall | vida mas selo ha depois (109v); sy **pero** que queredes || Vos hy fazer (117r-117v); **pero** tall ora hy avia que aJmsola | deçia po*r* a agoa de maneyra que chegaua | aagoa po*r* as Ribas (123v); eamtes eraõ | esp*ri*tuaes **pero** corpos tynham (128v); **pero** no | m houzarom pa[s]ar ho mamdado de deos (129v); **pero** forão heles marauilhados da | quela escoridam (129v); **pero** nõ ffoy perigiço[s]o que nadou ata q*ue* | chegou a ribefra da jmsola (137r); e aserpe naõ via **pero** boaua tãto | ata que chegaua Ao mar V*er*melho (152r); e vyram na barqua huũ homem muy velho **pero** muy || ffermosso (189v-190r); **pero** amte lhes divisou toda a verdade | do jayaão (204v); e nom[h]e este o primeiro | pezar que me tu fizeste **pero** eu te perdoo (208r); **pero** naquela gram paxaão que sofrya num | ca se queixou a deos (210v); **pero** celidones lhes mostrara ja tam | bem a fee que nom sabião eles como lhe Respõ | der (222r); mas dout*r*a | avemtura que lhe aviese nom ha quis cõtar | **pero** bem a comtara (249r); E viraõ huã grão casa e forte e muy bem | ffeita **pero** não mu*ito* pe*r*a defemder (274r); **pero** ouuyo | deRedor de sy hũu Rogido dasas e ho ferir de | las (302r).

Quanto à conjunção *porém*, há ocorrências esporádicas de valor conclusivo-explicativo, que já estava em processo de recuo e desaparecimento entre os séculos XIV e XV (cf. Mattos e Silva 1984:143):[96] ora vos Rogo que me | Ajudeis a esta gueRa Cuita que nõ pode maior | ser como ser Ja duas vezes aRimcado em campo | **porem** vos Roguo que me queirades defemder a | teRa

[96] O étimo de *porém* é PER INDE e, assim como *pero*, tem, nos primeiros registros do português arcaico, valor conclusivo-explicativo. Posteriormente, adquire valor adversativo. No século XVI, *porém* com valor adversativo se expande e prevalece (cf. Mattos e Silva 1984:129-130).

devosa yrmã (51r); menjno tempo ha *que* eu conheço tua | linagẽ e **porẽ** desas novas me pesa (144r).

É de notar a ocorrência única de *por ende*, vestígio de um estrato mais antigo, que já deixa de ocorrer em textos do século XV:[97] **Epor ende** | semanifestou ERogoume que Rogasse anosso *senh*or que elle por a | sua piadade ho guardasse de fazer pecado por que elle ouuesse sa | nha. (7r).

Também interessa indicar a alta freqüência da conjunção explicativa *ca*, que desapareceu na sgunda metade do século XVI (cf. Mattos e Silva 1994:262): 2 guardeyo aly donde tinha ho corpo do | *senh*or **ca** muyto avia hi de boo lugar 2 muy limpo (5r); eos do egipto os gue | rreavã e lhes faziaõ quamto mal podiaõ | **ca** era ja velho (17v); **Ca** nõ ha no mumdo | cousa taõ saborosa deouuir Como a pallaura | d[e] Jh*es*uu cr*ist*o (19v); **ca** demolher nõ pode naçer menjno sem | ajumtamemto dehomem (21r); **ca** opadre de todo | em todo he perdurauel (22v); **ca** nom foy comçebido de homem e de molher (24r); **ca** eu lhe darey minha carne e meu sam | gue aguoardar (30v); **ca** eu teprovey e conheçy e acheite limpo de | todos ospecados naturaes (32v); **ca** tu | faras o sinal do gram Redimemto (35v); **ca** eu quero que tu ajas parte na escretura (37v); **qua** nom foy deto do pesa da como aterra eco | mo aagoa qua fora como cadahuã delas (120v); **qua** m*ui*to dezeJaua saber | em que p*ar*te do mar era (124v); **ca** homde todas as aruores 2 outras cousas | pereçeram nom houueram elas pauor demort[e] (132v); **qua** hela hi metera simta fermosa 2 rica do que | trouxer que mais amara (135r); **ca** heu Sei bem q*ue* se | me ele achar alomgado da tua samta higreiJa (137v); **qua** aquella nõ no foy sẽ estas |

---

[97] Segundo Mattos e Silva (1984:148), "*En* e *ende* ... já não ocorrem, no entanto, na *Crónica de D. Pedro*, nem na *Imitação de Cristo*, que são da 1.ª e 2.ª metades do século XV, respectivamente".

tres cousas (142r); çerto espada vos sois mara | vilhosa de ver e sabrosa deolhar | **qua** vos somdes mjlhor e mais fer | mosa q*ue* outra espada (161v); **ca** nõ q*ue* | rya q*ue* nyrnguẽ soubesse delle p*ar*te (287v); mas certo po*r* meu comselho | vos nom yredes com ele Justar **ca** eu nõ cuydo | q*ue* comt*ra* ele podesedes durar (288v); ay po*r* d*eo*s s*enh*or per | doay me ho torto q*ue* vos hey feyto **ca** po*r* boã fee | nõ vos conhecya (290r).

9. Galicismos arcaicos

Exemplos de retenção também são os galicismos que ocorrem no texto. Afora as palavras de origem francesa já citadas no léxico, fazemos referência a algumas expressões. O vocábulo *grado* origina-se do francês *gré* que, por sua vez, deriva do latim tardio GRATUM (cf. Nunes 1995: s.v. *grado*), ocorre com freqüência nas expressões *de grado*, *mal grado*: Começou abradar tão allto que ho podia omem ouujr **degrado** (44r); e sarafes dysse q*ue* m*ui*to ho que | rya ver **de grado** (72r); mas do sono que me dysestes queria | sab*e*r **degrado** algũa cousa (84r); e | semtio que a maõ ho tomaua po*r* os ca | belos e **mall aseu grado** ho ergia (111v); e premderaõ celidonjs **amall grado** delrey (157v); e eles disẽrao | q*ue* ho fariaão **degrado** (204v); ele lhe dise que se ho | pudese o faria **de grado** (205r); E mujto lhe pesou que **de** | **grado** o quisera saber que era delles (241r); E ell Rey ho fez muy de **gra** | **do** (242v); Esto farey Eu **de grado** dise | josefos (262r); e elles | dyserã q*ue* est[o] faryão **de grado** (287v); el Rey lhe | p*er*doou muy **de grado** (290v); perõ dyse q*ue* ho farya muy **de grado** se | ho podesse fazer

(292v); e sobio nele a mal **de grado** de to | dos seus ymmjgos (238v); perõ dyse q*ue* ho farya muy **de grado** se | ho podesse fazer (292v).

Outro galicismo arcaico é *fazer claro*: e o luar **fazia** muy **claro** e a noute muj | serena (112v); E alua **fazia clara** per que se Co | nhecião (307v).

A expressão *fazer semblante*, com o sentido de *parecer*, contém o vocábulo *semblante*, que deriva do provençal *semblant*, do verbo *semblar*, originário do latim SIMILARE, ou do catalão através do castelhano cf. Nunes 1995: s.v. *sembrante*): 2 nũ | ca **fes Sem bramte** pera que ho abell ho pudese 2 | temder (130v); ella **fez** | **sem bramte** q*ue* nom sabia nada (185r).

Na expressão *fazer continente*, o vocábulo *continente*, significando "porte", "gesto", "aspecto", "semblante", deriva do francês antigo *contenant* < do latim CONTINENTE, particípio de CONTINEO (cf. Nunes 1995: s.v. *contenente*) quamdo ho josep o vio tão | asanhado dise lhe Rey ebalac por que **fazes** tão mao **comtinemte** (18r); mas ele era detal coração que nõ | quis **fazer comtinemte** que lhepe sava nada (46r); mas violhe **fazer** muy | mao **comtynemte** em tamto que muyto | fez perder ha el Rey desua alegrya (107r).

Mau ponto também é encontrada esporadicamente: ẽ **mao põto** | aportastes na mjnha ymsolla sẽ meu | mamdado (159r).

Conclusão

Os fatos lingüísticos analisados na terceira parte podem ser separados em diferentes grupos. Há um primeiro grupo fatos lingüísticos que, por estarem mais bem estudados dentro da tradição filológica, podem ser situados no tempo com maior exatidão. São marcas lingüísticas seguras para a caracterização diferentes camadas lingüísticas. Podemos sistematizá-los nos seguintes itens:

1. encontros vocálicos resultantes de queda de consoante intervocálica: *-aa-*, *-ee-*, *-ii-*, *-oo-*, *-uu-*, *-eo-*, *-ea-*. Mantêm-se até fins do século XV e mesmo início do XVI, quando sofrem mudança. (cf. Bechara 1985:57; Mattos e Silva 1994:253);
2. terminações nasais grafadas *-ão*, *-an*, *-on* em correspondência regular com os seus étimos, respectivamente *–anu*, *-ane* / *-ant*, *-one* / *-unt*. Nos fins do século XV ocorre a uniformização completa em ditongo /ãu̯/ e, conseqüentemente, confusão entre grafias. (cf. Bechara 1985:53 Mattos e Silva 1994:253; Vasconcelos 1926:144, n.2);
3. o -d- etimológico da desinência da 2.ª pessoa do plural. Mantém-se até o século XV, ocorrendo no século XVI somente como traço arcaizante. (cf. Vasconcelos 1970:118; Coutinho 1974:66; Bechara 1985:54;

Huber 1986:111; Teyssier 1990:32; Bechara; Mattos e Silva 1994:255; Vasconcelos [19-]:20-21);

4. formas de particípio em *-udo* da 2.ª conjugação. Mantém-se até o século XV, passando, a seguir, a *-ido* (cf. Vasconcelos 1926:188; 1970:118; Coutinho 1974:66; Bechara 1985:53; Teyssier 1990:32; Mattos e Silva 1994:255);
5. uniformidade de gênero dos nomes em *–or*. Mantém-se até o século XV, havendo então normalização da variedade de gênero (cf. Bechara 1985:54; cf. Vasconcelos 1970:118; Coutinho 1974:66; Maia 1997:661; cf. Vasconcelos 1970:118; Coutinho 1974:66; Bechara 1985:54; Maia 1997:661; Vasconcelos [19-]:20-21);
6. ocorrência dos anafóricos *hi*, *ende-en*. Mantêm-se até o século XV, desaparecendo na 1.ª metade do XVI. (cf. Mattos e Silva 1993:104; Teyssier 1981);
7. conjunções características do período arcaico: *ca*, *pero*, *porém*, *em guisa que*, *mas pero*, *cada que* (cf. Mattos e Silva 1994:259);
8. concordância do particípio passado com o complemento direto do verbo. Recua progressivamente a partir da segunda metade do século XV (cf. Bechara 1985:64; Mattos e Silva 1994:265; Vasconcelos 1970:118).

Há um segundo grupo de fatos lingüísticos que, conforme a tradição filológica, não apresenta uma situação temporal tão bem definida como os anteriores. São marcas lingüísticas que delimitam diferentes camadas, porém com limites temporais menos definidos:

9. Formas verbais ora incoativas, com o sufixo *-sc-*, ora não-incoativas, sem esse sufixo(cf. Piel 1989:216; Vasconcelos 1926:280);
10. Particípio passado terminado em *-eito* de alguns verbos, a forma forte do particípio, que convive com o particípio regular, forma fraca, em *–ado* (cf. Tavares 1942:28; Piel 1989:238);
11. Oscilação de gênero de substantivos. Deve ter desaparecido na primeira metade do século XVI (cf. Ali 1964:71; Mattos e Silva 1993:18);
12. Conservação da vogal final na 1.ª pessoa do pretérito perfeito (1997:732);
13. uso de negação pleonástica pré-verbal. (Coutinho 1974:214; Bechara 1985:64; Vasconcelos 1970:118; Vasconcelos [19-]:21);
14. O emprego de *homem* como sujeito indeterminado da oração (Vasconcelos 1926:64; Coutinho 1974:214);
15. uso de partitivo (Vasconcelos [19-]:21);
16. A oscilação quanto à presença de artigo definido depois do pronome indefinido *todo, toda, todos, todas*, antes de nome (cf. Mattos e Silva 1989:188);
17. Pronome *cujo*, nos casos de duplo valor relativo e possessivo (cf. Maia 1997:695; Nunes 1989:259-260);
18. regências verbais posteriormente desusadas;
19. repetição da conjunção integrante;
20. *se ... não*, com algum vocábulo intercalado (cf. Megale 1997:244).

No que concerne ao léxico, é possível separar as palavras segundo a camada a que pertencem a partir do exame atento de glossários individuais de obras dos séculos XIII a XVI, além da consulta a dicionários etimológicos que tragam a data do primeiro registro escrito da palavra na língua. A partir desses critérios, constrói-se um quadro do léxico, sendo possível separar as formas de uma camada mais antiga, daquelas de uma camada mais nova, considerando sempre que a ausência de um levantamento exaustivo de dados lingüísticos que venha a confirmar a vitalidade de uso de uma palavra, lança-nos, em muitos casos, no plano das hipóteses. A seguir, listamos as palavras que configuram, com maior segurança, marcas de camadas lingüísticas distintas no *Livro de José de Arimatéia*:

1. Substantivos de uma camada lingüística mais antiga: *aceitre, bardã, cima, coita, continente, cousela, doairo, douto, engue, fame, fiuza, frol, gage, jaiam, jiolhos, luairas, madre, mandadeiro, menagem, messageiro, mesura, meter mentes em, padre, preste, prez, profaçador, prol, puridade, recado, retado, retador, seda, talante, torto, trufa, vegada, volta, xamete*;
2. Substantivos de uma camada lingüística mais nova (séc. XVI): *campa, confiança, cópia, peitoril, veneração*;
3. Adjetivos de uma camada lingüística mais antiga: *ardido, avorrido, cão, cativo, compassado, comprido, desaguisado, desvairado, ementado, estroido, folão, fremoso, gafo, lazerado, lidimo, novel, pagado, sanhudo, sestro, sinestra*;

4. Adjetivos de uma camada lingüística mais nova (séc. XVI): *imenso, lerdo, pasmado, tenebroso, veloz*;
5. Numerais de uma camada lingüistica mais antiga: os cardinais *seisto* e *seitimo*; os ordinais *noveno*, *dozeno*, o distributivo *senhos*, numerais multiplicativos em que, ao cardinal, associa-se a palavra *tanto*;
6. Pronomes: indefinidos: *nemigalha*, *al*, *cada um* (+ nome); demonstrativos: *aqueste*, *elo*, *esto*, *esso*, *aquelo*; relativo: *quejando*;
7. Verbos de uma camada mais lingüística mais antiga: *aquecer*, *aqueixar*, *ave* (imperativo de *haver*), *britar*, *catar*, *chantar*, *correger*, *desemborilhar*, *di* (imperativo de *dizer*), *duvidar*, *esmar*, *esmaiar*, *espedir*, *espir*, *este* (presente do subjuntivo de *estar*), *jouve* (lexema do perfeito de *jazer*), *lazerar*, *leixar*, *lidiar*, *moura* (lexema do subjuntivo de *morrer*) *pogemos* (pretérito perfeito de *por*), *seve* (pretérito mais que perfeito de *seer*), *retar*, *soterrar*;
8. Verbos de uma camada lingüística mais nova (séc. XVI:) *escarvar*, *escoar*, *fenecer*;
9. Advérbios de uma camada lingüistica mais antiga: *aduro, ante, asinha, áque, entonces, u*;
10. Preposições de uma camada lingüística mais antiga: *ata, escontra*;
11. Conjunções de uma camada lingüística mais antiga: *ca, cada que, em guisa que, ementes, empero, ergo, mas pero, mentres, pero, porem, por ende.*
12. Galicismos arcaicos: *de grado, fazer claro, fazer sembrante, fazer continente, mau ponto.*

A análise dos aspectos grafemáticos, morfológicos, sintáticos e lexicais realizada na terceira parte, confirma a hipótese de que convivem camadas lingüísticas de épocas diferentes no *Livro de José de Arimatéia*. Para delimitar essas camadas, há marcas lingüísticas inquestionáveis, ao lado de outras que poderão passar por revisão. Quanto ao léxico, pode haver mudanças de acordo com a datação da primeira ocorrência registrada. Portanto, os fatos lingüísticos analisados constituem marcas gramaticais e lexicais que configuram, com maior ou menor exatidão, duas camadas lingüísticas, uma da época da tradução do texto e outra, da época em que foi feita a cópia conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

A comparação dos fatos lingüísticos que caracterizam camada lingüística mais antiga do *Livro de José de Arimatéia* com os fatos que caracterizam camada lingüística mais antiga da *Demanda do Santo Graal*, abre novas perspectivas de estudo, uma vez que há identificação das mesmas marcas gramaticais e itens lexicais, embora em diferente proporção de freqüência, o que fornece um dado relevante para dar solidez e verossimilhança à hipótese da tradução portuguesa do ciclo da *Post-Vulgata*, ainda no século XIII.

Fac-símiles do manuscrito

fol 8

era fora deſoberua ⁊ de enveja ⁊ de horgulho ⁊ muito ſofrido ⁊ De boa mẽte ſocorria aos pobres. todas eſtas bondades tinha ⁊ de tal couſa fala ho pr hõ feta no ſalmo. bento hcho homẽ que ſe nõ ata ao conſſelho Dos maos. Eſte Joſeph era em Jeruſalẽ com ſua molher ⁊ cõ ſeu filho que avia nome Joſafes. Aquelle Joſafes paſſou ho linagem De ſeu paay alem mar honde ora anome Jngaraterra que entrão lhe cho mauã agrã bretanha ⁊ paſſou os na aba De ſua camiſa. muyto ouue gram doo Joſeph damorte DeſhũXpo ⁊ cuidou como a veria mais ſeu amor que elle honõ amara tanto ſenão fora leal chriſtão porque nhũa maa̅verſſidade pode apartar leal amor Quãdo Joſeph vio aquelle na cruz que elle cria que era filho Deos ⁊ ſaluador Do mundo nõ ſe eſpantou nẽ poriſo creo menos ⁊ po rem ouue De ſofrer. ante entendeo ſua ſanta Reſſurreiçã ⁊ por q̃ ho nõ podia aver muito penſſou que veria Da quellas couſas q̃ lhe vira em ſua vida.

Cap. xvij. Como Joſeph. pedio a pillatus o corpo DeſhũXpo.

Então foi a caſa honde elle comera ho anho com ſeus Decipulos em dia Depaſcoa ⁊ pergũtou por ho lugar honde comera ⁊ mos traràlhe ho lugar que fora feito pera comer ⁊ era amais alta ca Deira Da caſa ⁊ aly era aeſcudela honde ho filho Deos comera com hos Doze apoſtollos ante que lhe Deſſe ſua carne ⁊ ſeu ſangue Edipois que Joſeph teue aeſcudella foi muy ledo ⁊ leuoua pa ſua caſa ⁊ guardoua em muy limpo ⁊ fermoſo lugar Quãdo ſoube que ho ſaluador Do mundo era morto ⁊ que aquelles que ho matarã lhe queriã britar as pernas ⁊ hos braços aſi como ſoiam a fazer a hos ladroes nõ quis tanto aguardar que aquelles que ho na cruz puſerã que ho elles Deceſſem com ſuas maos maas ⁊ cuJas ante vevo

f.° 8r - letra gótica cortesã portuguesa caligráfica – mão n.° 1

fol. 25

Capitulo xxxvj Como el Rey Esalat fez chamar seus sacerdotes e como Joseph foi apo sentado

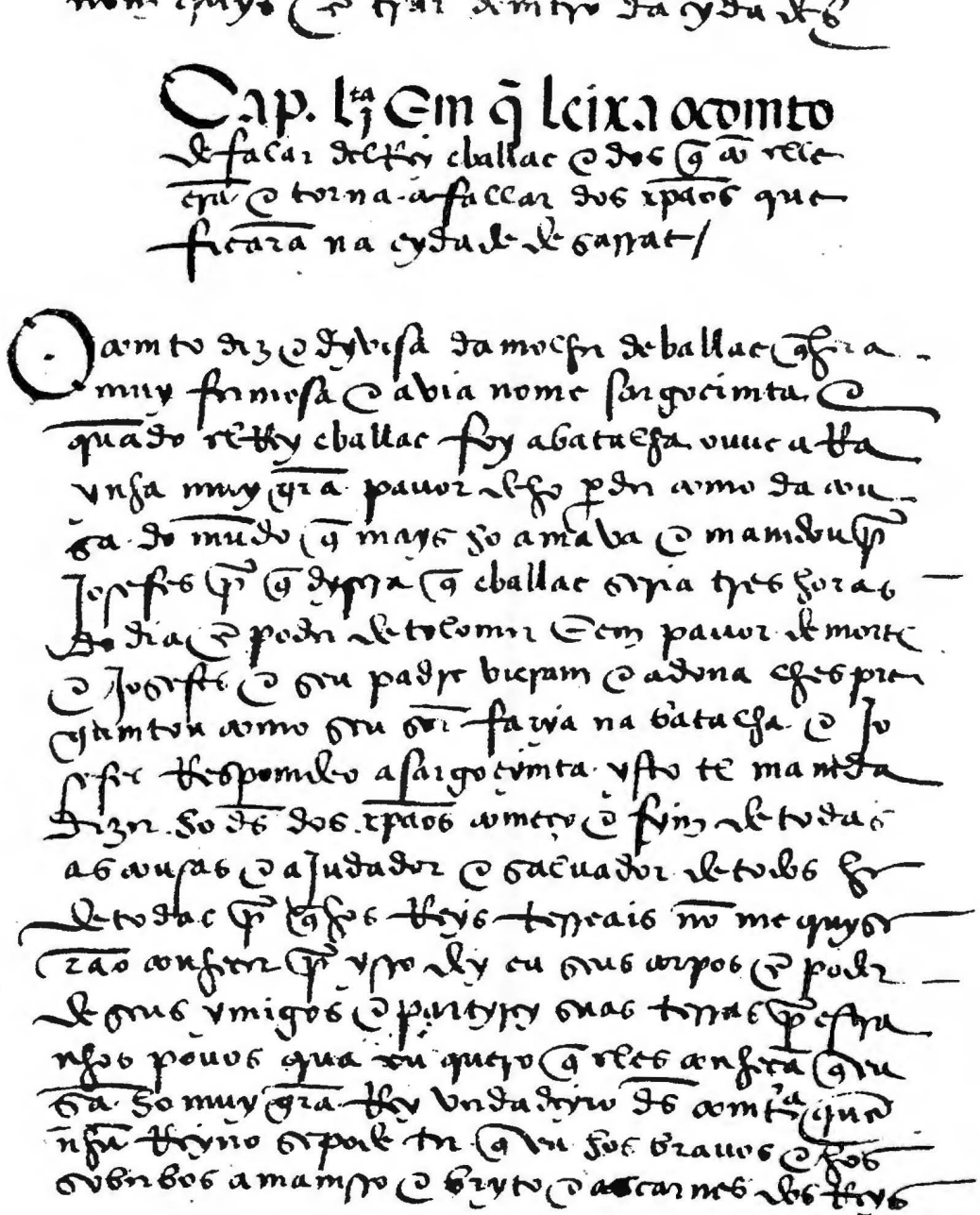
Em tão falou el Rey e mandou por todos os clerigos da cidade e depois que hy forom cometou Joseph a falar tão ascondidamente e mostrar os fortes pontos da fee e das escrituras que todos se mar abi lhabão e por fim disserão que não poderião respo der a ta ho outro dia e em tão se forão e el Rey chamou Joseph e preguntou lhe como abia nome Joseph e he dise que abia nome Joseph abaramatia e em tão lhe ouhou el Rey os pees que tinha todos esalabrados e ele era muy fermozo e muy branco e parecelhe que estiberia ja em algum lugar a gram vieo e eu y dou em seu coração que era de gram guisa e ouue elle muy gram doo e dise lhe Joseph tu pousaras aqui e aberas ho que ouberes mister e amenham fallaras comigo que bem viste que te escutey de boa bomtade e de milhor de ouuyrey a menha por que aberey maior baguar que o Jesus Snor dise Joseph eu não estou aqui soo a mtes são comigo lxb omes



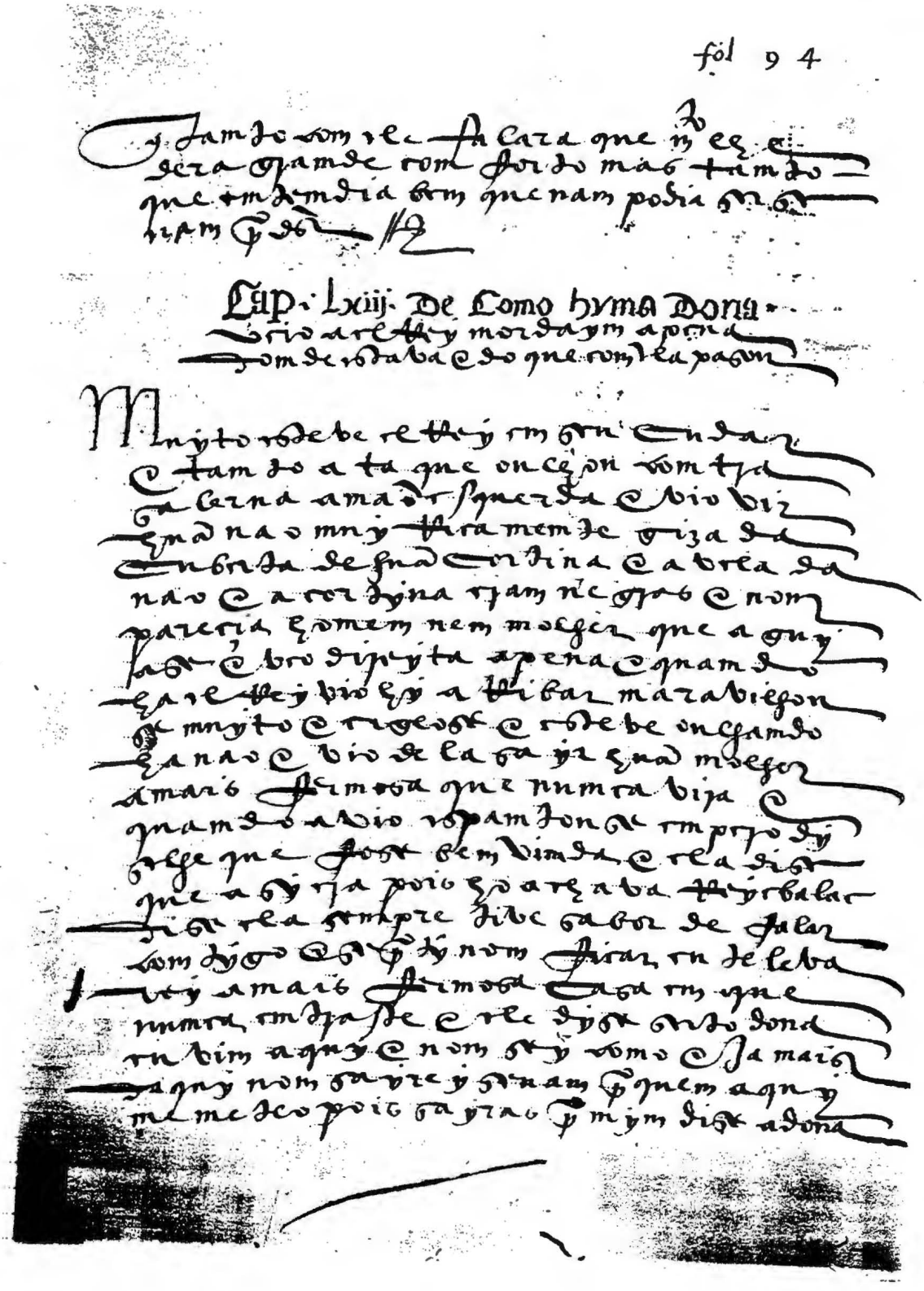
f.º 25r - letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.º 2

Cap. lta Em q̃ leixa o conto de falar del Rey Ceballac e dos q̃ ao rele-
gra e torna a fallar dos xpãos que ficara na cydade de Sarrat/

O conto diz e dyvisa da molher de Ceballac que hera
muy formosa e avia nome Sargocinta e
quando el Rey Ceballac foy a batalha ouve a Ra-
ynha muy gra pavor de ho perder como da cou-
sa do mundo q̃ mays ho amava e mandou pr
Josefes pr q̃ dyssera q̃ Ceballac seria tres horas
do dia e poder de tolomer e em pavor de morte
e Josefes e seu padre vieram e a dona Ches pre-
guntou como seu sor faria na batalha e Jo-
sefes respondeo a Sargocinta isto te manda
dizer ho ds dos xpãos começo e fim de todas
as cousas e ajudador e salvador de todos he
de todas pr q̃ hos Reys terreais no me quyse-
ram conhecer pr isto dey eu seus corpos e poder
de seus ymigos e partyrey suas terras pr estra-
nhos povos qua eu quero q̃ eles conheça q̃ eu
sa ho muy gra Rey verdadeiro ds conta quando
nhũ Reyno se pode ter q̃ eu hos bravos e hos
soberbos a manisso e bryto e as carnes dos Reys



f.º 64v – letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.º 3



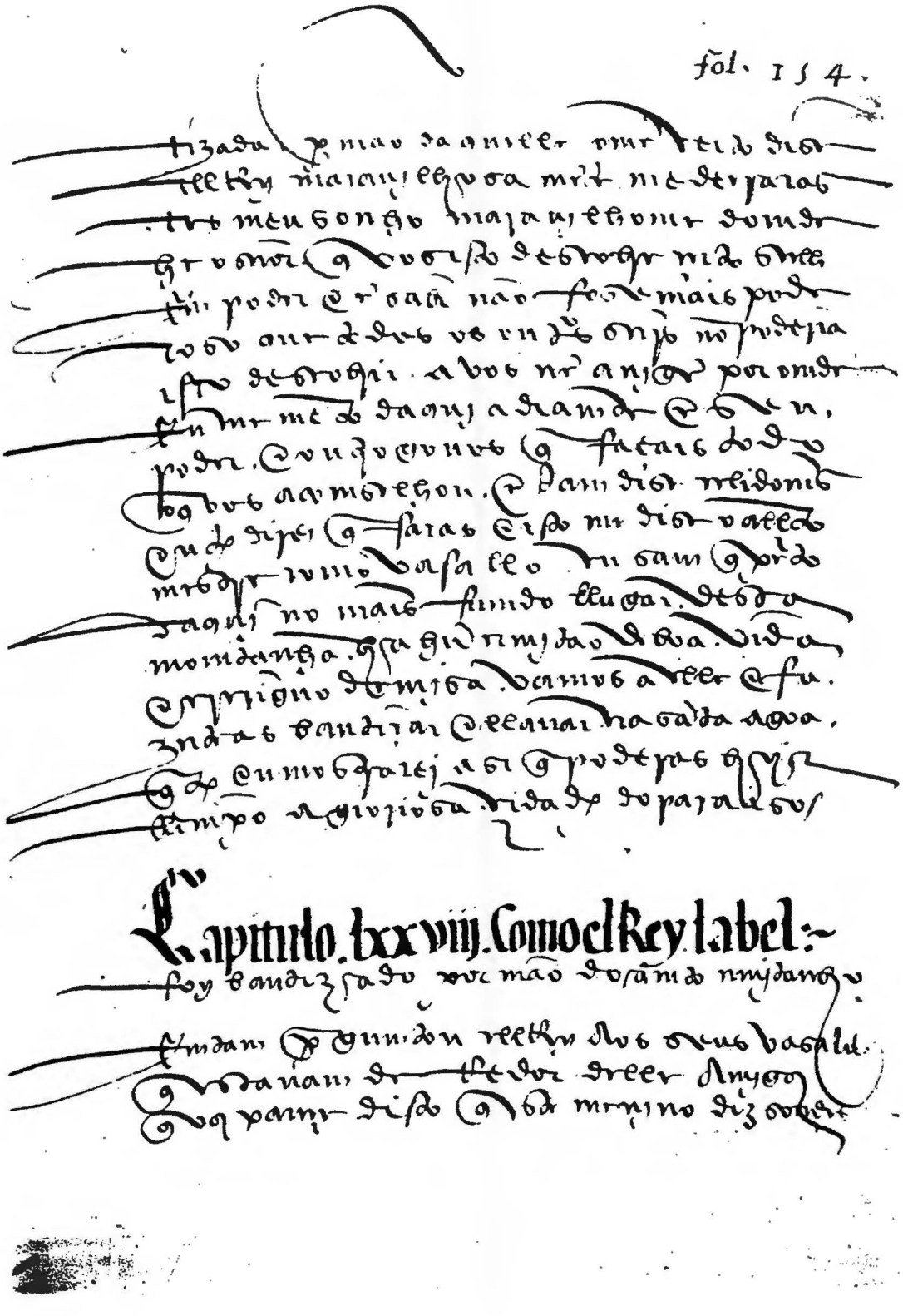
f.º 94r – letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.º 3[1]

Lo que saia do sacrificio da bell hera branco e
ycraro e de bom cheiro e quando caiuio que
seu Irmão abell hera milhor aueniturado que hele e q̃
ds o regraciaua mais pezoulhe muito e colheulhe ma
vomtade e comecou acuidar e in seu coraçam como se uy
garia dele e dize que ho mataria que nom bia houtra cou
sa e in que se podese vingar

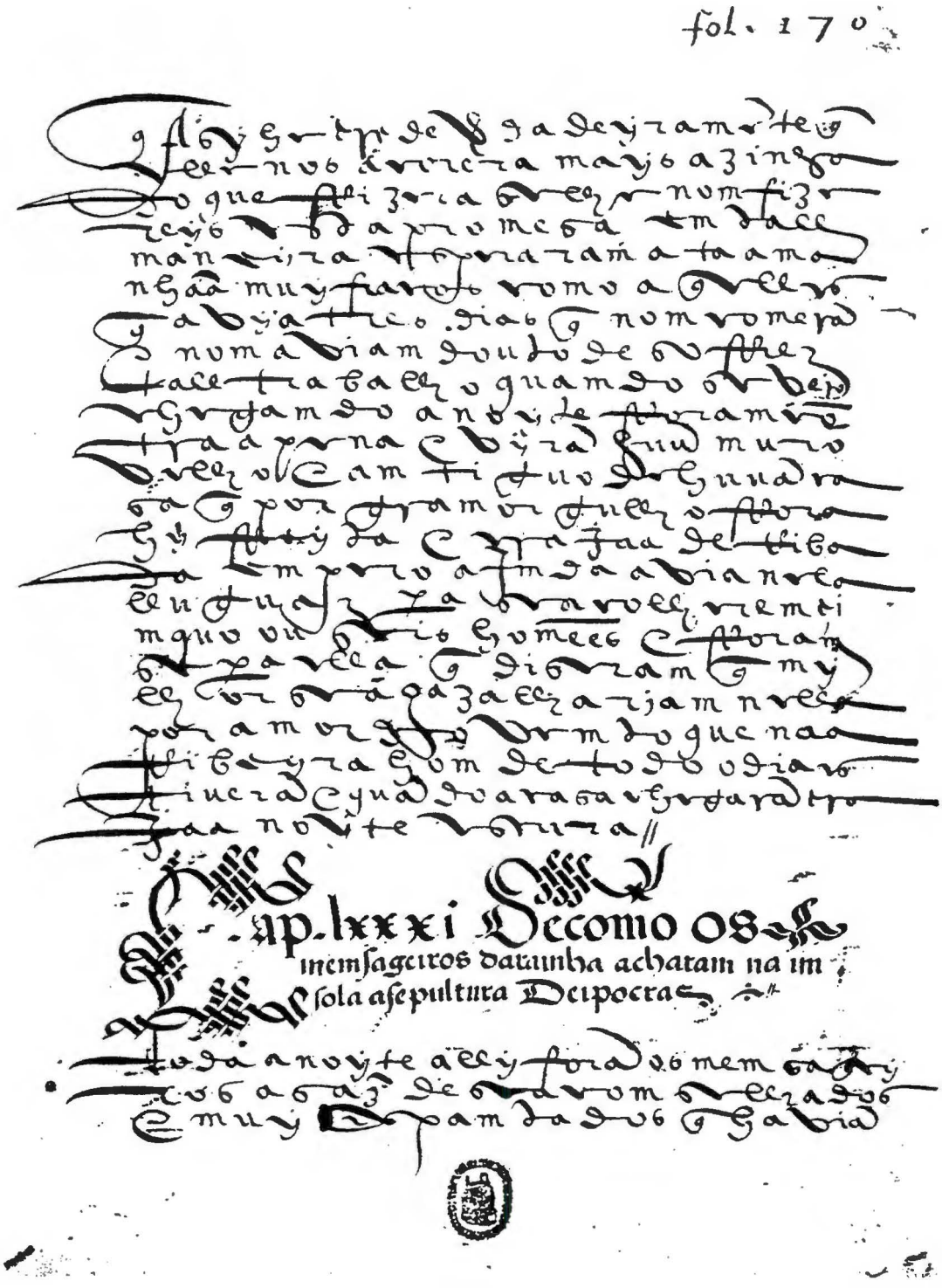
Cap lxxiiij Como caim matou abell e do que mais passou

Esto trouxe caim Em seu coraçam logamente e nũ
ca fes sem bramte pera que ho abell ho pudese e
tender e tanto trouxe Este desamor e in cuberto que
a comteceo que hum dia foi abell a hum campo hum pe
daço de casa de seu pai que a casa hera longe da aruo
re dauida e as suas houelhas andauão ante a
quela aruore por que hera pastor aquenitura do soll
hera muy grande e nom pode so frer e foige asentar
so a aruore e houue vomtade de dormir e adorme
ceo e seu Irmão que longamẽte auia pergeuera
do e in seu mao pensamento e seguyo tanto que ho uio
dormir so a aruore e cuidou deo matar ali antes q̃
acordaçe mas abell que pouco dormia acordou azi
nha e uio vir a caim e quando vio que aquele
hera seu Irmão e hergese contra hele que muito

f.º 130v – letra gótica rotunda caligráfica – mão n.º 4



f.° 154r – letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.° 5



f.° 170r – letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.° 6

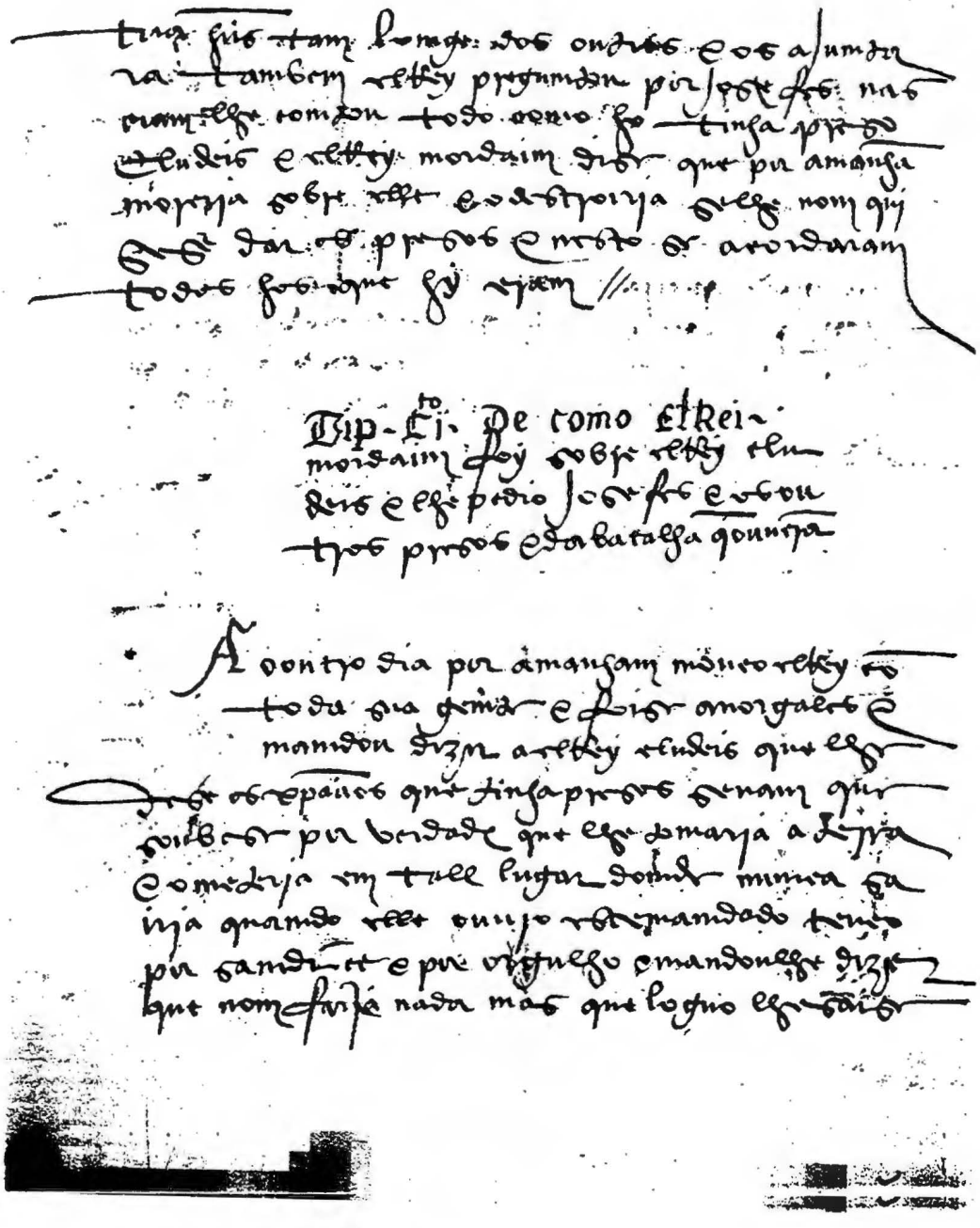
fol. 200

Cap. lxxxviij. De como huma
boz dise a nasçiaõ q̃ emtrase na
naõ e do que mais lhe aconteceo.

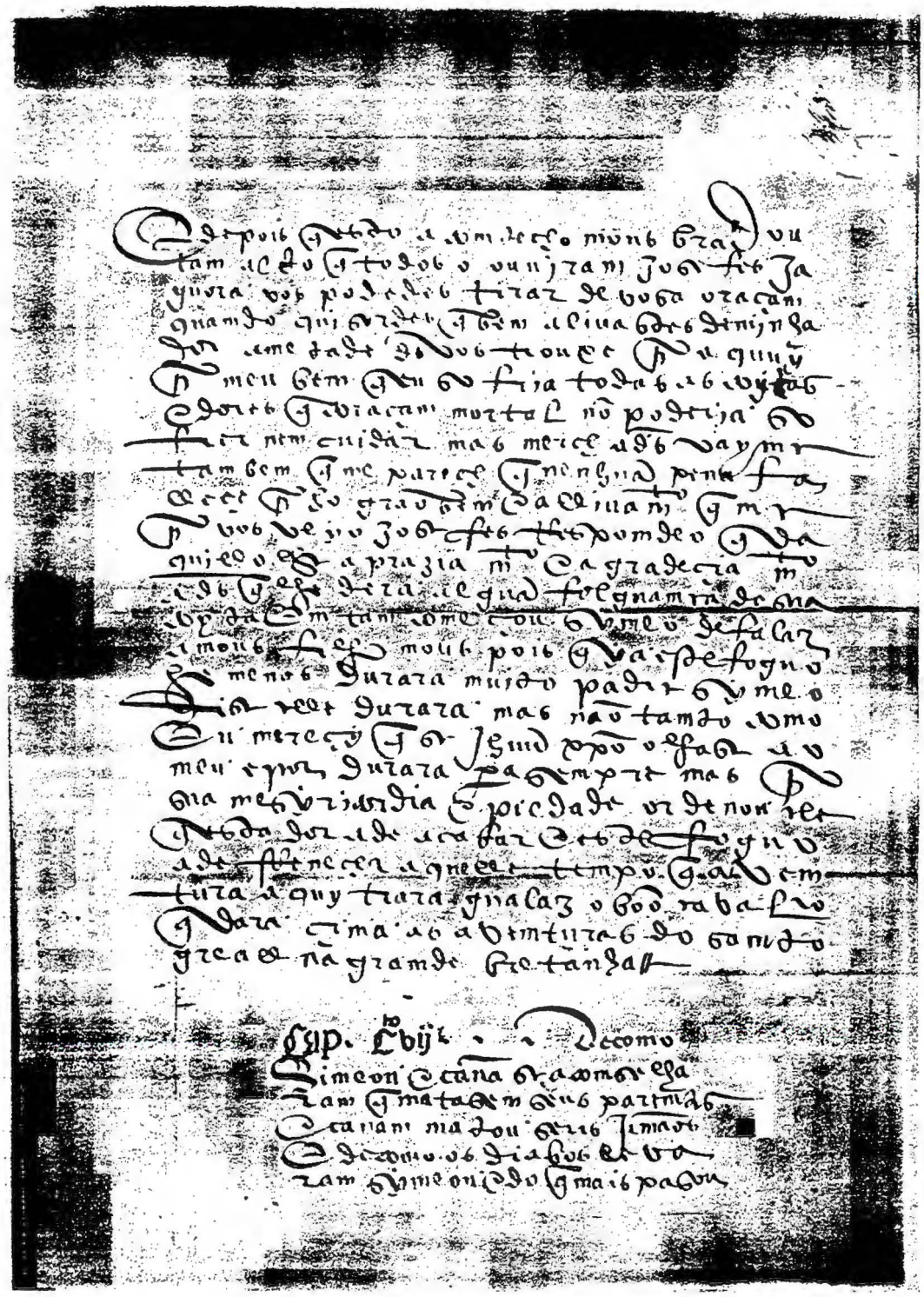
Este Roguuo fazia naçiaõ de dia e
de noute e tantos vezes o fez quelle
aconteceo que no mes de janeiro jazendo
em sua cama vio na casa fua gran
claridade e ouuyo fuua voz muy clara
e grande e disselle nasçiaõ leuanta de
e vay direitamente ao mar e acharas a hy
fuua naõ e emtra dentro e no ajos medo
de cousa que nela acharas que sabe que cla
te leuara donde achas no vos disto que me
pedes assim dise a vos a nasçiaõ e quoam
do se a claridade foy a voz e eixou de
falar elle se ergeo de sua cama e deu gra
ças a nosso señor porque aquello lhe mandara
dizer emtaõ se ergeo e se vistio e caval
gou sobre fum cavalo muy bom e forde
e por sua maõ selou e emfreou e say o
fora do castelo tampaso e taõ scondi
damente que no o sentio nimgem e tomou



f.º 200r - letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.º 7



f.º 249v - letra gótica cortesã portuguesa cursiva - mão n.º 8



f.° 276v - letra gótica cortesã portuguesa cursiva – mão n.° 9

Bibliografia

A Demanda do Santo Graal. Edição de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 3 vols., 1944.

A Demanda do Santo Graal; reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Vol. I, 1955.

A Demanda do Santo Graal; reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, por Augusto Magne.. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Vol. II, 1970.

A Demanda do Santo Graal. Edição de Joseph-Maria Piel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

A Demanda do Santo Graal. Edição de Irene Freire Nunes. [S.l.]: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1995.

ALCOCK, Leslie. *Arthur's Britain*; history and achaeology AD 367-634. England:Penguin, 1990.

ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

A morte do rei Artur. Tradução de Heitor Megale. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ASHE, Geoffrey. Annales Cambriae. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 8-9, 1991a.

_____. Geoffrey of Monmouth. In: In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 179-82, 1991b.

_____. Gildas. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 195-6, 1991c.

_____. The Goddodin. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 203, 1991d.

_____. Legenda Sancti Goeznovii. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 204, 1991e.

_____. Nennius. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 342-3, 1991f.

_____. Saint's lives. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 394-5, 1991g.

BARRETO, Therezinha de Mello, & OLINDA, Sílvia Rita Magalhães de. Perseguindo as conjunções. In: *A carta de Caminha*: testemunho lingüístico de 1500. Rosa Virgínia Mattos e Silva (org.). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, p. 135-148, 1996.

BECHARA, Evanildo. *As fases históricas da língua portuguesa*; tentativa de proposta de nova periodização. Tese de titularidade. Niterói, 1985.

BELTRAN, Vicente. Afonso III de Portugal. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 14-15, 1993.

BERWANGER, Ana Regina & LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática.* 2.ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BISCHOFF, Bernhard. *Latin palaeography*: antiquity and the middle ages. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BITAGAP (Bibliografia de textos antigos galegos e portugueses). In: PHILOBIBLON; a database of catalan, galician, portuguese & spanish manuscripts.

BOGDANOW, Fanni. The relationship of the portuguese *Josep Abarimatia* to the extant french MSS. of the *Estoire del Saint Graal*. *Zeitschrift für romanische Philologie*, Tübingen, v. 76, p. 343-375, 1960.

_____. *The romance of the Grail*: a study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance. Manchester: Manchester University Press, 1966.

_____. Post-Vulgate cycle. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York/London: Garland, p.364-366, 1991.

_____. O Graal, Artur e Merlim segundo Robert de Boron. Tradução de Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto. *Revista USP*, São Paulo, v. 21, p. 179-197, mar./mai., 1994.

BOHLER, Danielle Régnier- (dir.). *La légende arthurienne*. Paris: Robert Laffont, 1989.

BORGES, Carla Luzia. As terminações –õ, -ã, -ão. In: *A carta de Caminha*: testemunho lingüístico de 1500. Rosa Virgínia Mattos e Silva (org.). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, p. 237-253, 1996.

BORON, Robert de. *Merlim*. Traduzido do francês antigo, com apresentação e glossário, por Heitor Megale. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BURNS, E. Jane. Vulgate cycle. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York: Garland, p. 496-499, 1991.

BUSBY, Keith. Renault de Beaujeu. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York: Garland, p. 380-381, 1991a.

_____. Prose Tristan. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York: Garland, p. 374, 1991b.

CÂMARA Júnior, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 1988a.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1988b.

CARDOSO, Wilton, & CUNHA, Celso. *Português através de textos*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

Cancioneiro da Ajuda. Ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses. Edição crítica pelo Prof. Manuel Rodrigues Lapa. [S.l.]: Galaxia, 1965.

CARTER, Henry Hare. *The portuguese book of Joseph of Arimathea*: paleographical edition with introduction, linguistic study, notes, plates, & glossary. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1967.

CARVALHO, Joaquim Brandão de. L'origine de la terminaison *-ão* du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Tübingen, v. 105, p. 148-160, 1989.

CASTRO, Ivo. Quando foi copiado o 'Livro de José de Arimateia'?. Separata do *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo XXV, fascículos 1-4, p. 173-183, 1976/1979.

_____. Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata. Separata do *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo XXVIII, p. 81-98, 1983.

_____. *Livro de José de Arimatéia*: (estudo e edição do cod. ANTT 643). Tese (Doutorado em Lingüística Portuguesa) – Faculdade de Letras de Lisboa, 1984.

_____. Remarques sur la tradition manuscrite de l'Estoire del Saint Graal. In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião de seu 85.º aniversário*. Separatum. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 195-206, 1988.

_____. Karl Pietsch e a sua edição dos Spanish Grail Fragments. Actas del I Congresso Nacional de Historia de la Lengua Española. Separata. [S.l.]: Arcolibros, p. 1123-1129, 1987.

_____. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

_____. Matéria de Bretanha. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 445-450, 1993a.

_____. Livro de José de Arimateia. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa, Caminho, p. 409-411, 1993b.

_____. Demanda do santo Graal. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 203-206, 1993c.

CEPEDA, Isabel Vilares. *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*: subsídios. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

CINTRA, Luis F. Lindley. *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

COHEN, Rip. Dança jurídica.*Colóquio/Letras*. Lisboa, v. 142, out.-dez., p. 5-50, 1996.

COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. 3.ed. Madrid: Gredos, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6.ed. rev. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Índice do vocabulário do português medieval*. Vol. I. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1986.

_____. *Índice do vocabulário do português medieval*. Vol. II. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.

_____. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*; uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

FERRARI, Anna. Lai. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.374-378, 1993.

FORD, Patrick K. Culhwch and Olwen. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 104, 1991.

FRAPPIER, Jean. The Vulgate cycle. In: LOOMIS, Roger Sherman (ed.). *Arthurian literature in the middle ages*. Oxford: Clarendon Press, p. 295-318, 1959.

_____. Chrétien de Troyes. In: LOOMIS, Roger Sherman (ed.). *Arthurian literature in the middle ages*. Oxford: Clarendon Press, 1959.

FRITZ, Jean-Marie. Chrétien de Troyes. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 266-280, 1992a.

_____. Perceval (Continuations de). In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 1127-1128, 1992b.

_____. Robert de Boron. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 1280-1281, 1992c.

_____. Béroul. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 163-164, 1992d.

_____. Thomas d'Angleterre. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, 1992e.

_____. Tristan en prose. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 1448-1449, 1992f.

_____. Merlin (L'Estoire de) ou Merlin-Vulgate. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 1009-1010, 1992g.

FURTADO, Antonio L. *Artur e Alexandre*; crônica de dois reis. São Paulo: Ática, 1995.

GALYON, Aubrey E. Bede. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 33-34, 1991,.

GAMBOA, Márcia, TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida, MEGALE, Heitor, SANTANA NETO, João Antônio de, PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. A leitura de textos antigos. *Estudos lingüísticos*; anais de seminários do GEL, v. 25, p. 539-547, 1996.

Glossário da Demanda do Santo Graal, por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Vol. I A-D, 1967.

GREIMAS, A. J. *Dictionnaire de l'ancien français*; jusqu'au milieu du XIVe siècle. 2.e édition, revue et corrigée. Paris: Larousse, 1982.

GRIGSBY, John L. Continuations of Perceval. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York/London : Garland, p. 99-100, 1991a.

_____. Didot-Perceval. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York/London: Garland, p. 115-116, 1991b.

HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa*; I. séculos XII, XIII e XIV. São Paulo, Ática, 1989.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986.

ILIESCU, Maria. Considérations sur le système des démonstratifs déictiques dans les langues romanes. *Études romanes*, Bucarest, v. XI, p. 33-45, 1976.

Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas. CUNHA, Antônio Geraldo da (or.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 2 vols., 1966.

KIBLER, William. W. Thomas d'Angleterre. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York/London: Garland, p. 450-451, 1991,

_____. Wace. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 501, 1991.

LACY, Norris J. Matière de Bretagne. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 315, 1991.

_____. Béroul. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 35-37, 1991.

_____. The spoils of Annwfn. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 428, 1991.

LACY, Norris J. & ASHE, Geoffrey. *The arthurian handbook*. New York & London: Garland, 1988.

Lancelot. Index des noms propres et des anonymes; index des thèmes, des motifs et des situations; glossaire; notes complementaires; errata. Tome IX. Par Alexandre Micha. Paris/Genève: Droz, 1983.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa*: época medieval. 2.ed. Coimbra: Coimbra, 1942.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

LEAL, João Euripedes Gualandi Franklin. *Glossário de paleografia*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1994.

LE GENTIL, Pierre. The work of Robert de Boron and the Didot Perceval. In: LOOMIS, Roger Sherman (ed.). *Arthurian literature in the middle ages*. Oxford: Clarendon Press, 1959.

Le roman de Brut de Wace, par Ivor Arnold. Paris: SATF, 2 tomos, 1938.

LIMA, Rocha. Ouro-velho da língua na literatura brasileira do século XX. In: *Estudos universitários de lingüística, filologia e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, p. 209-224, 1990.

MADISON, Kenneth G. William of Malmesbury. In: LACY, Norris J. (ed.) *The new arthurian encyclopedia*. New York & London: Garland, p. 514, 1991.

MAGNE, Augusto. *A demanda do santo Graal*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, 1944.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Pero e porém : mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. 29, p. 129-151, 1984.

_____. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

_____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

_____. *O português arcaico*: morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, n.° especial, p. 247-276, 1994.

_____. Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista. Estudos lingüísticos e literários. Salvador, n.° 19, Universidade Federal da Bahia, março, p. 253-285, 1997.

_____. A língua portuguesa em perspectiva histórica do português europeu para o português brasileiro: algumas questões. *Estudos lingüísticos*, v. 29, p. 16-32, 2000.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MEGALE, Heitor. As mudanças de mão no códice da Demanda do Santo Graal. Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições. Gênese e memória: anais ... org. Philippe Willemart. São Paulo: Annablume/Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, p. 215-221, 1995.

_____. Textos arturianos portugueses e galegos. In: *O mestre*. São Paulo: Green Forest, p. 239-249, 1997.

_____. SANTANA NETO, João Antônio de, FERES, Opázia Chain, TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida, PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. A leitura do texto antigo. *Estudos lingüísticos*; anais de seminários do GEL, v. 26, p. 74-83, 1997.

MICHA, Alexandre. The Vulgate Merlin. In: LOOMIS, Roger Sherman. *Arthurian literature in the middle ages*. Oxford: Clarendon Press, p. 319-324, 1959.

_____, & RUBY, Christine. Renaut de Beaujeu. In: GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises*: le moyen age. [S.l.]: Fayard, p. 1254-1255, 1992.

MONMOUTH, Geoffrey of. *Historia regum Britanniae*, variant version edited from manuscripts by Jacob Hammer. Massachussets: The Mediaeval Academy of America, 1951.

NASCIMENTO, Aires Augusto, & DIOGO, António Dias. *Encadernação portuguesa medieval*: Alcobaça. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

_____. Hábitos tabeliónicos num manuscrito literário – o Livro de José de Arimateia – Lisboa, ANTT, Cod. 643. *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo XXIX, fascículos 1-4, p. 119-127, 1984.

_____. Práticas codicológicas e sentido de enquadramento do livro manuscrito como produto cultural. Colóquio sobre o livro antigo, 1988, V Centenário do Livro Impresso em Portugal 1487-1987. Actas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992.

_____. Códice. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa* Lisboa: Caminho, p. 160-163, 1993.

NITZE, William. *Le Roman de l'Estoire dou Graal*. Paris: Honoré Champion, 1927.

NUNES, José Joaquim. Uma amostra do Livro de Josep ab Arimatia. *Revista Lusitana*, v. 11, p. 223-237, 1908.

_____. *Crestomatia arcaica*. 7.ed. Lisboa: Clássica, 1970.

_____. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9.ed. Lisboa: Clássica, 1989.

O'GORMAN, Richard. The prose version of Robert de Boron's Joseph d'Arimatie. *Romance Philology*, v. 23, p. 449-461, 1970.

_____. Robert de Boron. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York: Garland, 1991.

OLIVEIRA, Corrêa de, & MACHADO, Luís Saavedra. *Textos portugueses medievais*. 5.ed. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1974.

OTERO, Aurelio de Santos. *Los evangelios apocrifos*. 2.ed. Madrid: La Editorial Catolica, Madrid, 1963.

PARRY, John J., & CALDWELL, Robert A. Geoffrey of Monmouth. In: LOOMIS, Roger Sherman (ed.). *Arthurian literature in the middle ages*. Oxford: Clarendon Press, p. 72-93, 1959.

PAXECO, Elza. *Galicismos arcaicos*. Lisboa: Revista de Portugal, [19-].

PIEL, Joseph-Maria. A flexão verbal do português. *Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa*. [S.l.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 213-244, 1989.

Poesias de Francisco de Sá de Miranda. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1885 da Biblioteca Nacional. [S.l.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

RAMOS, Lincoln (trad., org. e notas). *A paixão de Jesus nos escritos secretos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In: *Português brasileiro*; uma viagem diacrônica. ROBERTS, Ian, & KATO, Mary A. (orgs.). 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SAMPSON, Rodney. The origin of Portuguese -ão. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, v. 99, p. 33-68, 1983.

SANTOS, Maria José de Azevedo. *Da visigótica à carolina*: a escrita em Portugal de 882 a 1172. [S.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

SHARRER, Harvey L. El baladro del sabio Merlín. In: LACY, Norris J. et al. (ed.). *The new arthurian encyclopedia*. New York/London: Garland, p. 31, 1991.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro/Brasília: Presença/INL, 1979.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa*; segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, v. III, 1987.

TAVARES, José Pereira. *Como se devem ler os clássicos*. Lisboa: Sá da Costa, 1941.

TEYSSIER, Paul. Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIVe, XVe et XVIe siècles. *Cahiers de linguistique médiévale*, v. 6, mars, p. 5-39, 1981.

_____. *Manual de língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra, 1989.

_____. *História da língua portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1990.

THOMASSET, Claude, & UELTSCHI, Karin. *Pour lire l'ancien français*. [S.l.]: Nathan, 1993.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Liuro de Josep ab Aramatia and the works of Robert de Boron. *Quondam et Futurus*. Memphis State University, v. 3, n.°3, fall, p. 36-45, 1993.

_____. Relação grafema/fonema no português arcaico. *Estudos lingüísticos*; anais de seminários do GEL, v. 24, p. 636-642, 1995.

_____. Em demanda das origens de Artur. *Revista USP*, v. 30, p. 324-334, junho/julho/agosto, 1996.

_____. Resenha de *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade - Actas*. Vários autores. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística/Edições Colibri, 1994, 329 p. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, v.1, p. 211-214, 1997.

_____. Variação gráfica de algumas consoantes sibilantes do *Livro de José de Arimatéia* (Cod. ANTT 643). *Estudos lingüísticos*, v. 27, p. 876-881, 1998.

_____. Variação do morfema número-pessoal de 2.ª pessoa do plural no *Livro de José de Arimatéia*. *Estudos lingüísticos*, v. 28, p. 194-199, 1999.

_____. Aspectos da variação gráfica no português arcaico: as variantes consonantais no *Livro de José de Arimatéia* (COD. ANTT 643). In: *I Seminário de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p. 55-63, 1999.

_____. Breve notícia da matéria arturiana anterior às traduções ibéricas da *Post-Vulgata*. In: *Textos medievais portugueses e suas fontes*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p.129-156, 1999.

_____. Dêiticos demonstrativos no *Livro de José de Arimatéia*. *Estudos lingüísticos*, v. 29, p. 387-392, 2000.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista lusitana*, v. 23, p. 1-95, 1920.

_____. *Lições de filologia portuguesa*. [S.l.]: Martins Fontes, [19-].

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.

VIZIOLI, Paulo. *A literatura inglesa medieval*. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 2.ed. Rio de Janiero/Brasília: Tempo Brasileiro/INL, 1973.

XAVIER, Maria Francisca, & Mateus, Maria Helena Mira (org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990.

WHITE, Richard (ed.). *King Arthur in legend and history*. London: Dent, 1997.

ZINK, Michel. *Littérature française du moyen age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.